



Le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin



(41.) 293 p. (11 - GREAT
REPEATS)

BLAKE IV, 186-7. (CALLS FOR 299 P.)

INNOCENT IV, 127 (CALLS FOR VI-293-1 P.)

A NEBULOSA.

A
NEBULOSA

POR

JOAQUIM MANOEL DE MACEDO.



RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA IMP. E CONST. DE J. VILLENEUVE E C

Rua do Ouvidor n. 65.

—
1857.

À

SUA Magestade Imperial

O SENHOR D. PEDRO II

Imperador Constitucional e Defensor Perpetuo do Brazil

O. D. C.

O SEU REVERENTE E MUITO LEAL SUBDITO

Joaquim Manoel de Macedo.

CANTO I.

A ROCHA NEGRA.

I

Como duas columnas de guerreiros
Gigantes feros, que avançando irados
Parão ambas a um tempo antes da luta,
Deixando ao turvo olhar espaço breve;
Duas filas de rochas escarpadas
Tinhão, rasgando o pelago raivoso,
Frente a frente estacado; inabalaveis
Os pés fincavão no profundo abysmo,
E em suas fronte remoinhavão nuvens,
Quaes de vingança tenebrosos planos.

II

Curta passagem concedida ás aguas
Entre os petreos colossos s'estreitava ;
Fóra rugia o mar e além das rochas
Mansa e bella enseada s'escondia ;
Pela estreita garganta s'escoavão
Para o seio abrigado ondas serenas
Do oceano traidor fugindo a medo ,
Como piedosas inspiradas virgens ,
Que do mundo escapando , o claustro asyla.

III

Dentro estava a enseada ; em frente as rochas
Como atalajas de mansão vedada ;
Niveas praias , que as ondas galantêão ,
Os flancos lh'engraçavão ; densos bosques ,
Florestas seculares , altos montes ,
A campinas ridentes succedendo ,
Por encantada terra s'entranhavão.
No sitio infiltra a solidão magias ;

Breves passos do mar via-se apenas
De um pescador cabana precária.

IV

E ali por entre as ondas se desdobra,
Qual um Tritão que debruçado aferra,
Meio n'agua submerso e todo em somno,
Longo espinhaço de troncada rocha.
Pára no meio de outros que o semelhante
Peças mil que ou d'essencia são vizinhas,
Ou já penhasco enorme um só formárão,
Que o tempo em cem penhascos dividira;
Mais alto do que os outros, sobranceiro
Ao pégo, que raivoso aos pés lhe atira
Ondas bravas de colera espumando,
Um rochedo elevado, aspero e negro,
Velho pai da familia de granito,
Audaz se arroj'á frente, o vulto eleva
Sobre o mar que a rugir lhe açoita as plantas,
Emquanto afogão-lhe o cabeça as nuvens.
Horriavel tradição mancha-lhe a historia;
Dos vivos nenhum vio, avós não virão,
Quando foi ninguem sabe, e todos creem.

Dizem que ali na turva penha immensa
Em velhas éras se acoutava insana
Mulher sabida em magicas tremendas,
Que ensinão máos espiritos; formosa',
Inda aos cem annos moça como aos vinte,
Vê-la um momento era adora-la sempre;
E ama-la eterno perdimento d'alma.
Genio das trévas, só da lua amiga,
Fugia á luz do sol; mercê d'encantos,
Durante a noite mystica pairava
No espaço em torno á rocha densa nuvem,
Em cujo seio toda se embebia,
Mal se abrião no céu rosas d'aurora;
Chamavão-a por isso a *Nebulosa*.
Em noites de luar trajando vestes
Roçagantes e brancas, sobre as ondas
Os encantados philtros preparava
Com chammas, que nos olhos accendia,
E com orvalho do céu; inda nos mares
Á meia noite, como em praia ou campo,
Corria em pé e nem os pés molhava;
Vinha depois na rocha pentear-se,
Madeixas d'ouro desatando ás brisas;

Logo outra vez no mar cantava e ria
Té que á luz do Senhor cedendo as trévas
Em seu leito de nuvem se abysmava.
Tempo, que se não mede, assim vivêra
Sempre moça e gentil máo grado os annos;
Uma noite porém de tredo olvido
(Foi castigo de Deos) ao mar se atira,
Sem que antes repetisse as da cabala
Satanicas palavras; tarde as lembra....
Mais tarde as balbucia.... os pés se molhão....
Vai sentindo afundar-se.... em vão braceja....
Ruge a tormenta.... subito revoltó
A juba monstruosa o mar encrespa,
E no abysmo e no céo jogão madrias;
D'encontro á *rocha-negra* bravas ondas
O corpo arrojão da esquecida maga;
Debalde a miseranda estende os braços;
Se á pedra quer ligar-se, as mãos lhe faltão,
Pelo dorso escabroso escorregando,
As unhas lasca em vão e fere os dedos;
Uma, dez, vinte vezes.... sempre o mesmo,
Dubia esperança, e desengano certo!...
Volve os olhos ao céo.... sciutilla aurora;

Quebra-se á luz do sol de todo o encanto ;
 Ai da fada gentil!... solta no espaço
 A nuvem protectora, mágo asylo,
 Vai fugindo a embeber-se no horizonte,
 Como no mar immenso abandonada
 Erma barquinha que a corrente alonga!...
 Não póde mais com a vida... perde as forças...
 Um derradeiro arranco.... inda é baldado....
 Ultimo foi:—abrio medonha boca
 O pégo vingador, e absorveu-a,
 Dando-lhe cova aos pés da *rocha-negra*.

V

Ninguem da maga diz que o corpo exanime
 Boiasse á flôr das aguas; um mysterio
 Foi sua vida, igual mysterio a morte;
 Contão muitos porém, que nas deshoras
 Das noites em que a lua aclara a terra,
 No turvo cimo da tremenda rocha
 Vem sentar-se a scismar branco fantasma;
 Que tão profundos ais longos desata,
 Como nunca exhalára humano scio;

Que ha frio gelador da rocha em torno.
Esse fantasma.... é ella; e canta e chora,
E com perfido choro e tredos cantos,
Os incautos attrahe, que ao mar se arrojão
De subita loucura arrebatados,
Ou por negros contractos s'escravisão
Ao imperio fatal da *Nebulosa*:

VI

Verdade ou não da *Nebulosa* a historia,
Tem fóros de encantada a *rocha-negra*;
E se dos velhos não falsêa a crença,
Ai de quem lá subir noites seguidas
Tres, em que a lúz tremular nas ondas,
Tarde ou cedo catastrophe terrível
Da imprudenciã o castigo assellar deve:
Quem ao pertô navega arrisca a vida;
Se ao longe o mar é chão; ali referve;
Voga por isso o pescador de largo,
Benzendo-se a tremer cahe sobre o remo,
Faz voar a canôa, e a Deos rezando
Esconjura o poder da *Nebulosa*.

VII

E no entanto era noite; em pino a lua
Brilhante pelo céu se deslisava,
Céu e lua suaves derramando
Pallida luz, e orvalho de mistura;
Dormia a terra; as ondas murmuravão.
O tempo era sereno; mansa brisa
Lambia a face das tranquillias aguas;
Chegava a hora que separa os dias,
—Meia noite; —velava uma barquinha,
Dentro dous pescadores, que remavão,
Pyrilampos do mar aos mil chovendo
Ao levantar dos remos: longe assoma,
Ao clarão do luar, feio, iracundo.
Da *rocha-negra* o vulto pavoroso;
Do gallo ouvio-se o canto; após silencio;
Véla a barquinha; os pescadores mudos;
Dormindo a terra, murmurando as ondas.

VIII

De repente, qual sombra de um fantasma,
Humana fôrma volve-se na praia ;
Ninguem vio donde veio e se aproxima ;
Subiu a rocha ; vagaroso e triste
De penhasco em penhasco foi saltando ,
Galgou enfim da *Rocha-Negra* o cume ,
E em pé, soberba estatua o mar contempla.

IX

« Elle ainda !... » murmura estremecendo
O pescador mais moço, e como um écho
O velho pescador repete « ainda ! »

X

Quem é elle?... mysterio ; um mez volveu-se
Depois que no rochedo vez primeira
A sós velando a noite consumira.
Ninguem se lembra conhecê-lo outr'ora ;

Ha um mez appareceu, só, mudo, e triste,
Do velho pescador buscou o abrigo
E pedio mesa e leito a troco d'ouro;
Retirado de dia, aos olhos todos
Furta-se cuidadoso; a ninguem falla,
Não quer ouvir ninguem; não diz seu nome;
Traja negros vestidos, rubra capa
Prende nos hombros; companheira eterna
Harpa sonora a toda parte o segue;
Nome lli'empresta o musico instrumento,
E de outro em falta Trovador o chamão.
Fôra bello talvez, se estatua fôra;
Mas dá-lhe a vida um parecer sinistro;
Pelos traços distincto agrada o rosto;
Carrancudo porém, sombrio e turvo,
O fel do coração nelle transpira;
Alto e delgado não se dobra aos annos,
Mancebo ainda pisa firme a terra.
Tem pretos os cabellos, que lhe ondêão
Sobre as espaduas; a elevada fronte
E o rosto pelo sol se vêm tisuados;
Ardem-lhe os negros olhos como raios,
E a graciosa boca é muda a todos.

Nas fórmas varonis se ostenta a força
De vigoroso braço affeito á luta;
Não é gentil no entanto, antes repelle:
Resumbra em seu olhar desprezo ao mundo;
Da fronte no enrugar dos supercilios
No terrivel franzir se apanha a idéa
De um coração inhospito p'ra os homens;
Nos seus labios ás vezes um sorriso,
Que não é rir que é onda de sarcasmo,
Confutde a quem o vê; não falla nunca,
E n'um véo de mysterios envolvido .
Vaga, escondendo ao mundo, que detesta,
Seu nome, seu viver, e a dôr que abafa.

XI

Subito apparecendo e inesperado,
Nunca mais se arredou daquella enseada;
Em vão refere o velho o caso infausto
Da *Nebulosa*; mal o attende e foge
O Trovador incredulo ou sem medo:
Ave das noites nas deshoras vela;
Rei dos penhascos tem seu throno erguido

Na *rocha-negra*; esconde-se dos homens,
E ou nefanda traição tornou-lhe o mundo
Em baratro fatal, ou crime horrendo
Envolto em feio crepe aos olhos todos,
Elle, algoz de si mesmo, occulta n'alma,
Qu'a um tempo asyla o crime e os seus remorsos.
Não quer consolações, que as não procura,
E sombrio volvendo o olhar sinistro
Pelo mar sobre a rocha, ou fundo valle,
Como que busca, onde melhor o espere
Mudo jazigo de eternal descanso.

XII

A que fim buscou elle as brancas orlas
Destas aguas?... ninguem o soube ainda;
Chegou ao pôr do sol, e quando as trévas
E o silencio reinárão na enseada,
Lá foi velar na rocha de má sina.
Desde então sempre as noites lhe são gratas
Na solitaria penha repassadas;
Ou branda viração co'as mansas ondas
Murmure hymnos de amor, que ambas entendem,

Ou ribombe o trovão, lampeje o raio,
E com linguas de espuma o pégo em furia
Açoite as praias e impassiveis rochas,
Immovel, como a pedra onde campêa,
O vulto mysterioso lá se ostenta.
Se um remeiro novel vem na barquinha,
Que ao longe pelas aguas se deslisa,
« Quem é? » pergunta, olhando o vulto immovel,
E o pescador antigo impelle a barca;
E diz tremendo— « o Trovador! » e fogem.

XIII

Quem podera arrasar vedado arcano,
Que se occulta por entre as rudes fibras
Daquelle coração fechado aos homens?...
Talvez memoria atroz de horrído feito
Jaz encerrada ali, como a caveira
De um malfeitor em campa não bemzida;
Talvez mal pago amor (traição d'ingrata)
Em fundo seio concentrado arqueja,
Qual passaro ferido em ninho agreste
Occulto no rochedo das devezas.

Ou remorso ou paixão certo é que véla
Na rocha o Trovador acerbas noites ;
Ás vezes, poucas, qual fluente arroio,
Deixa correr su'alma em mar sereno
De tristezas tamanhas, que nem podem
Coar-se em pranto, mitigando as mágoas ;
Ás vezes, muitas, qual possesso, freme,
Vocifera, maldiz, argue, pragueja....
Contra quem?... não revela; quando falla
Sempre está só; mas teme-se dos échos,
E um nome jámais rompe o mysterio.

XIV

Meia noite!... ei-lo está: — talvez dissereis
N'um throno de granito o desespero ;
Pelo vento estendida a rubra capa
Sobre o negro penhasco lembra a idéa
De sangue e morte em alma de assassino ;
Soltos á brisa voão-lhe os cabellos,
Cinge a harpa de amor com o braço esquerdo,
Afaga-lhe com a dextra as cordas mudas,
E medita, olhos fitos no oceano.

XV

Tranquillo estava o mar formosa a noite;
Na lisa face do inconstante lago
Encantos move d'auras ao bafejo
De dormido oceano arfar pausado;
Aqui concavos sulcos se afundavão,
Onde ha bem pouco erguião-se collinas
Cingidas dos jasmins de nivea espuma,
Qu'em fitas s'estendião; sobre as ondas
Brilhantes, puros tremulavão raios
De namorada lua; fresca brisa
Pelas aguas e praia, espaço e nuvens
Aromas recendendo se espargia;
Mansamente n'arêa a debruçar-se
Incessante beijava o mar as praias,
Trocando as furias em murmulho affavel;
Silencio emfim.... dormia a natureza.

XVI

E o Trovador velava; aos meigos sonhos
Que se desfião sem dormir de uma alma,
Barquinha solta em mar de fantasia,
O mancebo infeliz se abandonava.
Menos triste quiçá e alheio ao mundo,
Banhando em risos no futuro a vida,
Ou do passado a ruminar saudades,
Ao menos de um presente, mágoas todo,
S'esquecia uma vez.

XVII

Longas passárão
Horas de um meditar não tormentoso;
De subito porém, qual se acordára
Na mente deleixada um pensamento
D'infernal poderio, estremecendo
Do mar o Trovador arranca os olhos.
Onde fuzilão vingativos raios;
Toldão-lhe o rosto contracções violentas,

Sobre a rocha despreza a harpa innocente,
Com as vistas mede a terra, o céo invade,
Profunda o mar e enfurecido brada :

XVIII

« O' natureza! minha dôr insultas!
« Na tua placidez leio um sarcasmo;
« Abomino-te assim, amo-te horrivel.
« Que quer dizer um mar que não rebrame,
« Uma terra que nada em luz d'encantos,
« Um céo que tormentoso não ribomba,
« Quando no coração temos o inferno?...
« Oh!... mil vezes o horror e a tempestade!
« Apraz-me em guerra ver a natureza
« Abalada em seus élos mais profundos,
« A terra, o céo, o mar rugindo a um tempo.
« Do mundo escarneo, preso aos pés do mundo,
« Eu sou como esta rocha esteril, negra,
« Zombaria do mar, e exposta ás vagas;
« Desgraçado aborreço a dita alheia,
« E ouço meus hymnos no chorar dos homens!
« Sim! o raio! a serpente do horizonte,

« Que coriscante morde e rompe as nuvens ;
« Os trovões a bramir, tigres do espaço ;
« As montanhas do pégo embravecido
« Nas praias se quebrando, e branca espuma
« Do rochedo atirando a face turva ;
« O vento impetuoso em mil refregas
« Gigantes da floresta arrebatando
« Pelos ares que raios incendeião,
« Para açoutar as nuvens com seus ramos
« Que orgulho forão da vetusta selva ;
« Sim ! o raio... os trovões... o pégo... os ventos
« Ao som da tempestade alção meus hymnos. »

XIX

Parou, cedendo da fadiga ao peso ;
Anciado respira ; ao furor segue
Silencio longo ; no sombrio rosto
Como que vêm as mágoas enrugar-se
Do coração vasadas ; pouco a pouco
Em ondas a tristeza a face invade ,
E com mais calma e commovido accento
Repassado de dôr outra vez falla :

XX

« O riso alheio amarga aos desgraçados,
« Minh'alma, envolta em crepe escarnecida
« Se viu nas galas que trajava o mundo ;
« Cegou-me a dôr; maldisse a natureza.
« Fui injusto, e é injusta a humanidade ;
« Menino grande, o homem de erro em erro
« Passeia a terra, máos caminhos segue,
« Tropeça e cahe, o mundo amaldiçôa,
« O fado culpa e a si nunca se accusa.
« Que é o fado?... um sonho; vãa chimera.
« Deos em noss'alma a liberdade accende;
« O resto a nós compete; a intelligencia
« Do falso discrimine o verdadeiro ;
« Prudente estude o bem, e livre o siga
« O homem na vida; tropeçar na estrada,
« Tombar no abysmo prova só fraqueza;
« Demonstra um erro, imprevidencia ou crime:
« Feitura nossa, e não filha do acaso
« É a desgraça; nossos pés a buscão,
« Afagada por nós a nós se chega,

« Imprevidente o nosso seio a aquece ;
« E quando a vibora morde, praguejamos
« Com vãos arrancos de vaidade estulta.
« Oh! não!... antes chorar!... lagrimas corrao ;
« Tributo é esse que se deve á terra ;
« Do homem a face lagrimas não manchão ;
« Mil vezes antes se afogando em pranto
« Da dôr o coração acalme o fogo.
« Como é doce chorar!... sinto que é doce!
« Oh! longe as maldições!... e tu, formosa,
« Placida lua, que no céu resvalas,
« Teus raios melancolicos derrama
« Em minha frente, inspira-me harmonias ;
« Ondas serenas, compassai meus cantos ;
« Propicia noite, com teu véo m'esconde,
« E acolhe esta afflicção que foge ao mundo.
« Oh que é doce chorar!—Que é da minh'harpa?
« Vem, oh vem, minha eterna companheira!
« Vem, amiga fiel, que me traduzes
« Em accordes as mágoas. »

XXI

Brandamente

O Trovador, qual pai á filh'amada,
A fiel companheira, harpa querida,
No seio aperta e lhe vibrando as cordas,
Desfia em voz sonora um terno canto,
Que nas azas dos zephyros levado
Desdobrou-se por sobre as mansas ondas.

I

« Eu vi-o dos annos no viço brilhante
« Passar qual guerreiro que vai triumphante
« Colher altos premios que em justas ganhou;
« Eu vi-o cercado de amor e delicias,
« Gozando as maternas infindas caricias
« Na patria formosa, que louco deixou.

II

« Eu vi-o imprudente p'ra o mundo a sorrir,
« Saudando anhelante o incerto porvir.
« Que tristes acasos talvez lhe trará;

« E as damas qu'ò vião galhardo passar,
« Dizião curvando modestas o olhar:
« Mancebo mais nobre, mais bello não ha.

III

« Mas qual genio tredo, qu'encanto, que fada,
« Da mãe carinhosa, da patri' adorada
« Arranca o mancebo donoso e feliz?...
« Acaso extremar-se foi elle nas guerras?...
« Faminto de gloria buscou longes terras?...
« Se alguém delle o soube, de certo não diz.

IV

« Eu vi-o;—já triste p'ra o mundo não ria,
« Em barca sinistra das praias fugia,
« Ás vagas dizendo conjuros fataes;
« Depois a borrasca tremenda bramio,
« Cerrada caligem a barca encobrio,
« E o fim que ella teve ninguem soube mais.

V

« E vós, pescadores, que as ondas sulcastes,
« Dizei-me, nos mares jámais encontrastes

« O louco mancebo que nunca voltou?...
 « E um velho barqueiro qu'ha pouco chegára,
 « Erguendo a cabeça tristonho m'encara,
 « Se afasta dos outros, e assim me fallou:

VI

« Eu vi um mancebo qu'a dôr consumia,
 « Bem longe vagando nas brenhas de dia,
 « E á noite velando na rocha ao luar;
 « Seus males, seus planos, esconde inflexivel,
 « Mas sei que por negro destino terrivel
 « A morte o espera no fundo do mar.

XXII

De cansado parou; mas dedilhando
 A harpa sonora com o quebrar das ondas,
 Com as doces auras que susurrão brandas,
 Accordes sons dormentes se harmonisãm,
 E aos poucos vão morrendo diffundidos
 No espaço immenso da soidãõ profunda.

XXIII

Aos meigos raios da brilhante lua,
Máo grado o véo da noite, luz a terra
Com pallidos encantos graciosa
Como um rir melancolico de virgem.
Amor da solidão reina o silencio.
Dos pescadores fôra-se a canôa;
Sómente como á rocha encadeado
Moderno Prometheo, firme persiste
Misero Trovador; em si só vive,
Exclusivo o absorve um pensamento,
E em tão profunda introversão se abysma,
Que nos tormentos d'alma concentrado
P'ra o mundo exterior é corpo inerte.

XXIV

E então da longe duvidosa sombra
Qual magico batel, ficção de um sonho,
Cisne que nada em mar de encantamento,
Rompendo as nevoas da orvalhada noite,

Vem surgindo imprevista, inópinada,
Leve barquinha; de coberta é livre;
Garça que á tona d'agua o vôo estende
Como um véo de odalisca alveja á lua;
Não traz remeiros nem desfralda ao vento
A vela, azas do nauta, amor das auras;
Brando remo qu'impelle e rege a um tempo
O nocturno batel, maneja um vulto
Que a sós navega, qual sabida maga
Que o mar passeia em conch' alabastrina.

XXV

Não é de pescador a ignota barca
Que quer ali tão tarde assim, tão branca?...
Mysterio imprimem nella a côr e a hora,
E esse quem quer que é tão solitario,
Que cauteloso e mudo piloteia.
Da longe sombra já desfeito o encanto
Mais se distingue o vulto; brancas vestes
Gracioso traja; longas, bellas vôão
Bastas madeixas ao soprar das auras.

XXVI

O nocturno batel segredo envolve;
Inquieto vaga perturbando as ondas
Sempre da rocha em torno e acautelado,
Ora della se chega, ora lhe foge,
Qual travêssa menina vergonhosa
Que correndo ante nós nos desafia
A segui-la e abraça-la. Não se move
O branco vulto que maneja o remo,
E no joven que scisma, de olhos fitos
Rodeia a rocha recortando as aguas.

XXVII

Do peito arranca doloroso arquejo
O infeliz Trovador. Silencio longo
Como estatua o deixára, immovel, mudo,
Olhando as vagas que a seus pés batião.
De novo aos lábios a afflicção lhe assoma,
Donde se entorna em sonoro canto;
E todo entregue á dôr nem vê tão perto
O branco vulto que o batel demora.

I

« Pescador que me vês no rochedo
« Solitario de noite velar,
« Que te importa este pranto qu'eu verto,
« Que t'importa meu negro pezar?
« Minha dôr é segredo profundo,
« Que ninguem saberá neste mundo. »

E como um écho que repete um canto
O branco vulto ao Trovador responde :

« Tua dôr é segredo profundo
« Que só eu saberei neste mundo. »

XXVIII

À voz estranha o Trovador suspende
Arpejo e canto; indaga o mar com as vistas,
Embebe os olhos na alvejante barca
Que pelas ondas outra vez doudeja,
E com voz abafada remurmura :

XXIX

« Ei-lo ainda! o batel véla comigo!...
 « Como tres noites já, vem perturbar-me
 « Hoje de novo; conceder não querem
 « Nem mesmo a solidão ao desgraçado!...
 « Vem rir-se aos olhos meus de meus martyrios,
 « As phrases repetir que a dôr inspira,
 « E n'um tom qu'inda mais a dôr provoca.
 « De mim zombão, mercê de mar e trévas:
 « A voz é de mulher;—o instincto a guia
 « Para zombar do homem; não importa....
 « Soframos tudo; é soffrimento a vida. »

XXX

E emquanto a nivea barca sulca as ondas
 De longe em torno a rocha que namora
 Do Trovador o animo se acalma;
 Dedilha a harpa que outra vez lhe falla,
 A voz lhe acode, o canto se desata,
 E a barquinha tambem outra vez pára.

II

« Pescador, torna aos teus que deixaste,
« Não me busques, incauto mortal,
« Minha boca respira ar de morte,
« Os meus olhos têm brilho fatal,
« Sou maldito que o céu reprovou,
« Onde eu chego desgraça chegou. »

E como um écho que repete um canto,
Logo e no mesmo tom a voz responde :

« És maldito que o céu reprovou,
« Onde chegas desgraça chegou. »

III

« Pescador, breve fujo a teus mares,
« E de um mundo que horrores encerra,
« Fugir devo e nem mesmo aos abutres
« Deixarei meu cadaver na terra.
« Corpo, nome e segredo guardar
« Vou nos fundos abysmos do mar. »

E como um écho que repete um canto
De novo ao Trovador responde o vulto :

« Corpo , nome e segredo guardar
« Vai nos fundos abysmos do mar. »

XXXI

Subito pensamento invade a mente
Do nocturno cantor ; suspende aos hombros
A harpa , deixa presto a *negra rocha* ;
Salta de pedra em pedra e des'pparece
Qual se fugira ao bateleiro ousado.

XXXII

Longa hora passou ; a rocha nua ;
Silencio em toda parte ; audaz barquinha
Vagando louca ; o vulto qu'a dirige
Mysterioso a devassar com as vistas
A praia , o campo , as penhas , simulando
A ligeira gazella e temerosa ,
Que astuto caçador de longe espreita ;

Por fim como ao temor cerrando o peito,
Abica a praia, prende a leve barca,
E com segura marcha vai subindo
A *negra rocha*.

XXXIII

De repente surge
O Trovador que inopinado avança;
O passo toma ao vulto, que se arreda;
Alonga os braços, quer prendê-lo. e pára
À voz potente que lhe agita os nervos.

XXXIV

O VULTO.

« Treme se audacioso a mim te chegas
« A meu despeito! — encantos me defendem;
« Menos sou deste mundo do que cuidas,
« Falla de longe se fallar pretendes. »

XXXV

Tinha a bravura no semblante impressa
O Trovador ; mas sem querer vacilla
Ante o vulto qu' impavido lhe falla :
Um momento passou , presto serena ,
E com seguro accento emfim pergunta :
« Quem pois és tu ? »

XXXVI

Um passo recuando
Estende um dedo de crystal mimoso
O branco vulto ; o fundo mar aponta ,
E com pausada voz , tremula e baixa ,
Responde assim :
« Pertença á *Nebulosa.* »

CANTO II.

A DOUDA.

Não longe da enseada, em valle escuro,
Ha uma densa e tenebrosa selva ;
Cavou ali a natureza um antro
Tão negro e vasto que terror infunde :
Servira outr'ora de covil ás léras,
Povoárão-no após os máos espiritos
Segundo creem ; fôra emfim o asylo
De astuta feiticeira ; os pescadores
Contão ainda formidaveis casos
Que muitos virão ; velha hirsuta e feia

A maga era; mas sabida em artes
De nigromancia que o demonio inspira:
Um pacto havia entre ella e a *Nebulosa*:
Previu futuros, desnudou arcauos,
Até que um dia embalde a procurárão:
Dizem uns que a voar por entre as nívens
Perdêra-se no espaço, e lá suspensa
Em castigo vagando em torno á lua
Vela chorando pelo mal que ha feito,
Ou de borrasca nas tremendas noites
Ulula exasperada; outros pretendem
Que em deshoras de um sabbado saltára
Da *negra rocha* p'ra morrer nas ondas.
Certo é que se sumio; mas sobre a terra
Só, sem amparo, desditosa filha
Deixou penando; de que val' belleza?...
É moça e linda, fulgem-lhe os encantos;
Mas, ai da triste! endoudeceu no berço.

II

Causa dó vê-la! julga-se encantada
E cara á *Nebulosa*; ninguem sabe

Que faz de dia ; quando a noite chega ,
Foge do antro e vela o mar sulcando.
Tem um leve batel branco e ligeiro ,
Onde ella só e mais ninguem se embarca ;
Crê-se feliz e espera mil venturas
Depois da morte , no entretanto chora ;
Não diz porque ; um padecer constante
Tudo annuncia ; mostra-se abatida
Pallida, triste e não se queixa nunca.

III

Aquelle vulto que o batel deixára
Da douda era : peregrina em tudo ,
Como nas vestes , singular nos modos.
Madrasta não lhe fôra a natureza ;
Tem castanhas madeixas e tão longas ,
Que soltas como um brinco dado ás brisas ,
Qual densa escura nuvem , collo e seio
E os braços nús em seu volver escondem ;
Surge d'entre ellas rosto gracioso ,
De enlevadora pallidez assento.
Mal cabido senão , mancha qu'enfeia

De negra côr na branca e lisa fronte,
Bem no meio apparece; os olhos bellos,
Às vezes ternos, outras radiantes,
Vagando agora, daqui a pouco fixos,
Terriveis como o olhar do moribundo
Que em nós se embebe, um não sei que desprendem-
D'encanto ou de loucura; a face eburnea
Rosas não tem, ou já rosas murcharão:
É dos seus labios o sorrir tão triste
Que nem é rir, e mais do que uma lagrima
Exprimiria a dôr; de neve o seio,
De neve os braços, de crystal os dedos,
E a mão que alveja, como os pés, mimosa;
De nobre altura, e por demais delgada,
Desperta a idéa de um soffrer profundo
Que a vai mirrando e consumindo aos poucos;
Longa tunica azul que a côr imita
De um céo todo bonança, traz vestida,
Na cintura uma fita ao corpo a une,
Cahe-lhe do collo e pelo chão se arrasta.
Sandalias calça; sobre a simples veste
De offuscante candor lança uma çapa
Vasta, que sobra para envolvê-la toda.

IV

A sua voz é doce e maviosa,
Seu estylo obscuro e desusado,
Inconsequente ás vezes, quasi sempre
Fallar de louca. Em seu semblante nadão
Vagos affectos; seu olhar doudeja
Ora altivo no céo; depois baixando
Como que sonda o abysmo do oceano;
Dirieis que o sonhar com a eternidade
De lá descêra a procurar um tumulo.
Não anda, não; é resvalar de sombra
O volver de seu vulto; em torno della
Rescende tudo encantos; vaporosa,
Impalpavel talvez a julgarieis
Não deste mundo.... *ser* de alheia esphera.

V

Máo grado seu dous passos recuára
O Trovador que ouvira-lhe a resposta.
E embevecido, fitos nella os olhos,

Ficou: tambem a olha-lo docemente
Deixa-se a pobre douda, e em suas vistas
De tão ternas que são, tão maviosas,
Parece brando affecto derramar-se,
Como orvalho subtil que o céo transpira;
Melancolico riso que faz pena
O contempla-lo só, lhe expande os labios;
Depois de muito volve em torno olhares,
Talvez buscando mais alguem, e falla
Ella a primeira ao Trovador absorto.

VI

A DOUDA.

« Contigo estava alguem....

O TROVADOR.

« Não, tu te enganas;
« Ninguem se atreve a compartilhar-me as dôres.

A DOUDA.

« És tu qu'intentas illudir-me; sempre
« Que a voz modulas sobre a *rocha negra*,
« Com teu canto outro canto se mistura:
« Não sei quem é, mas sei que alguém te segue;
« Hei de sabê-lo a pezar teu se o negas.

O TROVADOR.

« E quem t'ò contaria?...

A DOUDA.

« A *Nebulosa*.

O TROVADOR.

« Demais confias no poder das fadas.
« Não vás tentar de uma illusão captiva
« Ouvir um morto; que loucura indica :
« Eu velo solitario.

A DOUDA.

« Porque mentes?...

« Já tres vezes, afóra a noite de hoje,
« Ambos vos tenho ouvido; até na sombra
« Tambem já distingui estranho vulto
« Em teu seio inclinado, apraz-me ouvi-lo;
« Não lhe entendo o fallar, mas doce falla;
« É a voz e a expressão propria de um anjo!
« Dize quem é: uma mulher!... duvido
« Que amada seja, pois bem sei quem amás.
« Desejo ouvi-lo.... eu gosto da pureza,
« E voz mais pura nunca ouvi no mundo;
« São suas phrases vibrações sonoras
« Que n'alma entornão magicos deleites;
« Se o favonio fallasse era um favonio
« A derramar finezas sobre as flôres;
« Teu canto é doce, Trovador mas esse
« Não é cantar de humano. Vai chama-lo,
« Mulher ou anjo.... pouco importa, eu quero
« Ouvi-lo ainda, inebriar-me ouvindo. »

VII

Percebe o Trovador da douda o erro;
Corre a buscar a harpa qu'escondêra,
Tra-la nos braços como a filha amada
Um extremoso pai, e diz mostrando-a:
« Eis quem me segue, quem me entende e ama! »

VIII

Maravilhada, o musico instrumento
Contempla a douda, como temerosa
Recúa um passo, logo a rir-se alegre
Vem-se chegando; duvidosa ainda
Estende o braço, que outra vez recolhe,
Té que se anima.... com suave dextra
Palpa-lhe as cordas e o examina todo,
E sem que os olhos volva emfim pergunta:

IX

A DOUDA.

« Nem anjo nem mulher!...—Como é seu nome?

O TROVADOR.

« Harpa.

A DOUDA.

« Mal escolhido.... não me agrada,
« Não lhe exprime a doçura; ouve mancebo,
« Vamos dar-lhe outro nome; d'ora ávante
« Chama-la-hemos nós — *amor que falla.*
« Faze-a cantar.... »

X

O Trovador harpeja,
E muito tempo extasiada escuta

A pobre douda; nos seus labios rompe
Um rir que é novo ali que é todo enlevo;
Depois dos olhos lagrimas borbotão ,
O riso e o pranto se misturão; subito
O Trovador suspende , e arrebatada
Beija as mãos do mancebo, e as cordas da harpa
Uma.... cem.... vezes mil, como em delirio,
E a rir ainda e a chorar exclama :

XI

A DOUDA.

« Oh! basta!... basta! é muito! eu mais não posso!
« No excesso do prazer a alma se afoga!...
« Deixa beijar-te as mãos! tens mãos de um anjo
« Movendo o canto desse — *amor que falla!*
« Ouve; uma graça almejo merecer-te;
« Oh!... debes-m'a fazer.... muito me debes!
« (O que não digo que m'o inibe o pejo);
« Escuta: é meu destino aqui na rocha
« Vir murmurar extremo adeos ao mundo;
« A *Nebulosa* o quer e o mar me espera;

« Raios da lua escreverão nas ondas
 « Funebre aviso; na prefixa noite
 « Virás, mancebo, te encontrar comigo;
 « Has de ver-me sem dôr do tumulto á beira
 « Mirar-me nelle m'espelhando n'agua:
 « Da morte a hora é hora de triumpho;
 « Devo, quero morrer entre harmonias
 « E ao som dos cantos desse *amor que falla*
 « Ir ter com a *Nebulosa*. Eis quanto peço;
 « Juras servir-me?...

O TROYADOR.

« Ah! misera! quem sabe
 « Se antes que a ti me tragarão as ondas!...

A DOUDA.

« Tens razão: por demais te pesa a vida;
 « Sei bem que negra idéa n'alma turva
 « Como a ave das trévas te esvoaça:
 « Tambem me cansa este viver tão longo!...
 « Mancebo, attende: — morreremos juntos....

« Abraçados a um tempo ao mar saltamos!
 « — Não queres... não, 'stou lendo nos teus olhos,
 « Até na morte a solidão te agrada!...
 « Não terci cantos pois! — embora! um dia,
 « Quando eu no fundo mar morta p'ra o mundo,
 « Habitando em palacios d'ouro e fogo
 « Onde se hospedão *Nebulosa* e lua,.
 « Fôr ondina feliz, hei de pedir-lhes
 « E dar-me-hão ellas um *amor que falla*;
 « Das cordas saberei mover-lhe as phrases;
 « Sem aprender os mortos sabem tudo.

O TROVADOR.

« Desvarias fallando!... quem és?... dize.

A DOUDA.

« Douda me chamão! tenho bem juizo.

O TROVADOR.

« Não queres responder-me?...

A DOUDA.

« Eu digo tudo,
« Quem sou, quem és, a tua historia e a minha.

O TROVADOR.

« Impossivel!...

A DOUDA.

« Escuta : sobre a rocha
« Inclina o — *amor que falla* ; — vem sentar-te
« Ao pé de mim.... aqui, nada receies ;
« Quando me apraz sei refrear encantos,
« Nem tenho em mente o emprego de magias.
« Desejo ouvir-te, e me ouvirás primeiro. »

XII

Da douda ao lado o Trovador sentou-se,
E de enleio indizível possuido,
Ouve em silencio reloucada historia.

XIII

A DOUDA.

« Não quero sobre ti ter predomínio
« Algum que seja; a vida te conheço,
« E nem sabes quem sou!... pois vou dizer-t'ó.
« Nasci n'um antro de medonha selva
« Á meia noite, e ao rebentar de um raio;
« N'um berço me embalei agreste e rude
« De bravos cardos e de sarças feito;
« Adormeci ao sibilar das serpes
« Primeiro somno; minha mãe tão pobre
« Que nada tinha, misturou soluços
« Com os meus vagidos; foi pedir esmolas,
« Nada lhe derão, colheu só vergonha
« Em vez de pão!... desesperada fuge
« Nos hombros me levando, e tres seguidas
« Noites velou em que brilhava a lua
« Aqui sobre esta rocha; na terceira
« Surge das ondas branca e vaporosa
« Pallida virgem.... sóbe a rocha negra....

« Chammas dardeja no fitar dos olhos....
 « E fórmãs simulando graciosas,
 « É sombra apenas que não gasta espaço.
 « A *Nebulosa* era.

« — Porque choras?...

« Meiga pergunta; e minha mãe responde;
 « — Choro as miserias de uma vida ingrata;
 « Trabalho um anno p'ra comer um dia!
 « Mirrados tenho já maternos seios;
 « Vai morrer minha filha. »

« A *Nebulosa*.

« Olhar de tigre em minha mãe cravando,
 « Faz-lhe a fronte curvar e a enleia toda;
 « E enfim lhe torna:

« — Mudarei teu fado;

« Sou das magas rainha; em corpo e alma;
 « Mãe e filha a meu culto consagradas
 « Terão em paga protecção de genios,
 « E dos encantos tenebroso ensino;
 « Vê se te agrada. «

« Reflectir tentava ...

« Misera mãe, quando um vagido escuta
 « Que solta a filha a procurar-lhe os seios;

« Nubla-lhe a mente o padecer da prole .
« E em pranto exclama:—Decidi: sou tua!...
« Um sorrir de triumpho abre nos labios
« A *Aebulosa*; vôa pelos ares
« E não tem azas, vai dansar nas ondas
« E não se molha; brada como louca:
« Iuda mais duas!... »

« E outra vez tornando

« À *rocha negra*, por favor do encanto
« Que hoje desuablo d'entre as fibras rudes
« Do sinistro penhasco vem surgindo
« Vapor sulphureo que envolvendo a fada
« A nossos olhos pouco a pouco a esconde;
« Da tempestade o genio obumbra a terra
« Com as madeixas de nuvens crespas, negras,
« Pelo espaço e nos montês espargidas;
« Ruge o mar.... troa o céo.... e de repente
« Radiosa, inflammada, qual se ardesse
« Em chammas toda, já desfeito o fumo
« Qu'inda ha pouco a envolvêra, a *Nebulosa*,
« Como um astro resplende na enseada
« Que luz ao fogo, que a magia acende;
« Não pára.... vem de um vôo, onde a nós ambas

« Estaticas deixára ; e em nossas fronte
 « Ardente beijo d'inflammados labios
 « Deixou cahir, como centelha horrivel :
 « Volta aos ares depois : é meteóro
 « Que arroja incendiado labaredas ;
 « Negras aves doudejão pelos ares
 « Sinistras a piar gritos s'escutão .
 « Gemidos , vagão sombras espantosas ,
 « Monstros informes, nuvens se abalroão ,
 « Pesada atmospherá e sulphurosa
 « Suffoca o mundo : escuta-se nos ares
 « Bramir trovões, a tempestade ruge ,
 « Estala o raio, dobra o mar as furias ,
 « É a *Nebulosa* a desatar risadas
 « Longas, ruidosas, some-se.... mas onde?...
 « Não pôde vê-lo minha mãi, e eu menos,
 « Ainda criancinha....

« Éramos fadas.

XIV

« Mudou nosso destino. O encantamento
 « De repente assombroso em nós fulgia :

« Minha mãe desde então, e eu dentro em pouco,
 « Mal dos vestidos infantis despi-me,
 « Pudemos sábias predizer futuros,
 « Sonhos interpretar; eramos fadas :
 « Nada aprendêmos e soubemos tudo.
 « Homens, mulheres consultar-nos vinhão
 « Ao antro escuro : por conselhos magos
 « Pagavão ouro; tinhamos riquezas;
 « Dentro de nós porém o inferno estava :
 « Da *Nebulosa* aquelle fatal beijo
 « Foi do demonio em marca transformado :
 « Não vês na minha fronte a nodoa negra?...
 « Deixou-m'a o beijo della : é nodoa horrivel!...
 « Mancha-me o niveo rosto e um fogo ateia
 « Que inextinguivel me devora o seio!
 « Afeia.... pesa.... queima.... oh ! nunca a tenhas ;
 « Nada póde lava-la : é um castigo
 « Do céo por sermos fadas. »

XV

Tristemente

A douda curva dolorosa a fronte.
 Onde entre lyrios negrejava a nodoa ,

Marca sinistra, que sellára o beijo
De esconjurada maga.

Condoido

O Trovador seus males olvidava
Ante a infeliz tomada de loucura;
Muito se deixa contempla-la mudo;
Por seus propios pezares resequido
Já consolar nem sabe!... em seu semblante
E no olhar triste a compaixão nadando
A miscra percebe e diz sorrindo :

XVI

A DÓUDA.

« Douda me julgão?... tenho bem juizo!
« De mim duvidas?... crês que eu desvario?...
« Escuta: eu nunca minto; a *Nebulosa*
« Mora lá embaixo n'um palacio d'ouro,
« No fundo mar, é sua amiga a lua,
« Ambas se adorão; não tens visto ás vezes,
« Depois de navegar no mar do espaço,
« Pica lá entre as ondas mergulharem?...

« Vão juntas pernoitar no fundo abysmo,
 « N'um céo d'encantos, que povoão fadas;
 « Tem lá festins, banquetes, maravilhas,
 « Onde entre chammas, que não queimão, fulgem.
 « Oh! que um dia tambem (breve elle chegue)
 « Como fada que sou, serei com ellas!...
 « Minha madrinha, a *Nebulosa*, o disse;
 « Sua dilecta sou, na extrema hora
 « Ha de arrancar-me de assassinas vagas,
 « E levar-me comsigo ao céo das aguas;
 « Com lyrios do oceano, undosa espuma,
 « Virão lavar-me festivaes donzellas,
 « Da fronte a mancha que meu rosto afeia;
 « Dar-me-ha riquezas.... leito só de flôres....
 « Fulgentes vestes.... um — *amor que falla*,
 « Irmãas galantes.... homens lá não entrão,
 « Nem tu que és bello e pallido como ella: —
 « Hei de aprender mysterios mais profundos;
 « Virei dansar nas ondas sem molhar-me,
 « E sem azas voar por entre as nuvens.
 « Como serei formosa!... em minha fronte
 « Não haverá mais nódoa: eu te prometto
 « Velar entã por ti, se ainda viveres.

O TROVADOR.

- « Vives n'um mundo de illusões perdida !
- « Nunca existio a fada que imaginaš.
- « Já viste, por ventura, a *Nebulosa*?...

A DOUDA.

- « Se a vi.... se a vejo? em toda parte! oh! sempre!
- « Vi-a primeira vez ao dar-me o beijo,
- « Ardente lava que manchou-me a fronte,
- « Bem criança que eu era, e inda me lembro!
- « (Força d'encanto que a memoria exalta!)
- « Belleza de anjo em fórmas impalpaveis,
- « Vestidos côm de leite em corpo aereo,
- « Corpo aos olhos sómente, ao tacto sombra,
- « Eis como a vi então, depois mil vezes;
- « Mas só de noite a vejo. a sinto, a escuto;
- « Quando aos labios do mar na arêa vires
- « De algum ligeiro pé vestigios leves,
- « Foi ella que passou: se lá no espaço
- « Alguma nuvem branca vaga errante

« Em torno á lua, ou coroando os montes,
 « Vai ella nessa nuvem: se ouves perto
 « O susurar das desinquieta ondas,
 « Que ali se abração borbulhando espuma,
 « É ella que murmura: em toda a parte,
 « Em tudo e sempre a *Nebulosa* eu sinto;
 « No mar, no céu, no ar, na terra a vejo:
 « E me falla tambem, se, em caso estranho,
 « Conselhos quero da primaz das fadas.

O TROVADOR.

« Como te falla então?...

A DOUDA.

« Sempre escrevendo:
 « Toma da lua um raio, e sobre as ondas
 « Escreve muito tempo, e jámais erra.

O TROVADOR.

« Que idade tens?...

A DOUDA.

« Eu sou bem nova ainda :
 « Se os annos como vós contar devesse,
 « Vinte contára; mas a nós, as fadas,
 « Que importá a idade?... somos sempre moças. »

XVII

Em silencio profundo, ambos se engolfão :
 O Trovador medita, reflectindo
 Em tantas graças, que a loucura perde ;
 Enquanto a douda transportados olhos
 Esquece sobre um rosto, onde mil vezes
 Tem já corrido amargo pranto: ha fogo,
 Ha mais que affecto brando a desatar-se
 Naquelle olhar tão preso: ha como uma alma
 Que nos olhos se entorna, e delles foge
 Por encanto indizível attrahida :
 A *Nebulosa* e as fadas já nem lembra ;
 Do coração transpira occulto arcano,
 Toda se perde, mas do coveo acorda

Subito, ouvindo um suspirar anciado,
 Que escapa ao Trovador e prompto falla,
 Escondendo na voz o enleio d'alma.

XVIII

A DOUDA.

« E a tua historia ?...

O TROVADOR.

« A minha historia é um livro,
 « Que se não abre ás vistas dos humanos;
 « No meu peito o fechei, e ha de comigo
 « No tumulo cerrar-se.

A DOUDA.

« E eu li teu livro,
 « Tua historia conheço, em parte, ao menos!...
 « Sei muito já, mas quero saber tudo.

O TROVADOR.

« Já viste um tigre, e penetraste um antro?...
 « O tigre é meu soffrer, o antro meu seio;
 « Ninguem os vio, nem os verá, que eu vélo.

A DOUDA.

« Nem sei mentir, nem t'enganar pretendo;
 « Uma palavra te resume a historia;
 « Posso dizê-la; vê, se o queres....

O TROVADOR.

« Dize-a.

XIX

Com terno olhar cravado no mancebo
 A infeliz murmurou: « *Jámais!* »
 Tremendo,
 Com as mãos o Trovador os labios cerra

Da pobre douda, arqueja, desatina,
E clama emfim:

« Oh basta! basta! eu sinto
« Que do demonio a mão no meu semblante
« Imprimio, como um sello, essa palavra!
« É como a nodoa, que te mancha a fronte,
« Da maldição e do desprezo a marca!... »

XX

Emmudeceu depois, curva a cabeça,
Roça-lhe o peito a barba, e meditando
Como que a douda esquece: emfim mais calmo,
E mais triste, tambem falla sentido:

O TROVADOR.

« Mulher, quem quer que és, douda ou praguenta,
« Phrase de maldição disseste ha pouco,
« Quem t'a ensinou?... responde.

A DOUDA.

« E ao pensamento ,
 « Quando o afogas nos prantos do passado ,
 « Jámais , ah! dize! minh' afflicta imagem
 « Infante ou moça se mostrou sentada
 « Desse rio de lagrimas á beira?...
 « Nunca me viste?... nunca?...

O TROVADOR.

« Sim: tres noites
 « Já tenho ouvido a tua voz.

A DOUDA.

« Mais nada?...

O TROVADOR.

« Onde podia eu ver-te?... »

A dôr transborda

D'alma, da louca pelo rosto em ondas;
 Vem a seus labios do martyrio o riso;
 Sinistro riso, que é descrever da terra!
 Volta a cabeça e disfarçada enxuga
 Lagrima insana, que um mysterio envolve,
 E emfim tremendo, mas depressa falla.

A DOUDA.

« Porque resistes?... não me ouviste franca?...

« Teus pezares relata-me: consola

« Verter a dôr em fonte dolorosa,

« É um amor confiar, que nos tortura,

« A quem o comprehende.

O TROVADOR.

« Pois tu amas?!?!

A DOUDA.

« Qual é a vida que um amor não murcha?...

« Não ama a lua o sol?... e a *Nebulosa*,

« Que é rainha das fadas, não se dobra
 « À lei que rege os mundos?... — também amo.

O TROVADOR.

« E és infeliz?...

A DOUDA.

« Escuta : já tens visto
 « Nas vagas do alto mar nauta perdido ,
 « Que solta um grito, e não lhe acode um écho?..
 « Já viste no deserto a flôr que pende
 « Sobre a torrente que a despreza e foge?..
 « Já ouviste o arrulhar de afflicta pomba,
 « Que solitaria geme?... Já notaste,
 « Como ante um desengano, uma esperança,
 « Vem aos beijos quebrar-se onda amorosa
 « Aos pés do rude e inhospito rochedo?..
 « Assim o meu amor!

O TROVADOR.

« E tu que és fada,
 « Que dos encantos a sciencia ostentas,
 « Não descobriste ainda um philtro amigo,
 « Que no seio te afogue amor tão fero?...

A BOUDA.

« Eu matar este amor?!!! — Que mãi já pôde
 « O filho — que causou-lhe horriveis dõres,
 « Que rouba-lhe o socego a paz, o somno,
 « Que quando soffre, a faz soffrer em dobro,
 « E que depois ingrato a desampara,
 « Velhinha e pobre — despregar da alma?...
 « Oh!... quanto mais padece, mais o adora!...
 « Tal é amor: no coração se infiltra,
 « Mais se aprofunda, quanto mais nos punge:
 « Com a vida se mistura.... é nossa vida.
 « Quem se peja de amar, o mundo infama:
 « Ninguém pôde vencê-lo : — é lei do Eterno:
 « Curvão-se aos pés do amor as proprias fadas.

O TROVADOR.

« Oh!... não és douda, não! — genio benigno
 « És, que para animar-me o céo me envia.
 « Orgulho de homem vão!... vergonha eu tinha
 « De um amor, que o desprezo envilecêra;
 « Dever julgára denega-lo ao mundo,
 « E comigo na campa adormecê-lo.
 « Agora não, eu fallo: abriste as portas
 « De minha alma: ouve pois meu impio fado. »

XXI

O TROVADOR.

« Atrás daquella verde-negra selva
 « Ha um formoso e pittoresco valle,
 « Onde nasci no seio da abundancia;
 « Amavão-se meus pais, e o caro filho
 « Foi de ambos o enlevo; entre sorrisos
 « E amantes beijos despontou-me a infancia;
 « Guardavão-me comsigo desvelados

« Como mimosa flôr, que ao sol se esconde.
« Cresci longe do mundo, e a deseja-lo,
« Sonhando a vida em lisongeiro quadro
« De arabescos brilhantes; na minha alma
« Ardia o fogo, que alimenta o genio;
« Amava a Deos, meus pais, e a gloria insana
« Já de anhelante no meu peito arfava.
« Veio a mão do infortunio desfêchar-me
« Primeiro golpe; a morte orplão tornou-me;
« E através do pranto olhando a terra,
« Ao lado de uma dôr e ante um sepulchro,
« O mundo odiando vi-me preso ao mundo;
« Vivi por minha mãe, meu pai chorando.

XXII

« Vinte annos contava; já não tinha
« Olhar de pai, que imita a Providencia
« Velando sobre mim; dias e noites
« No meu futuro em reflectir gastava.
« Por entre o pranto da viuvez mal pôde
« Cuidar misera mãe no filho amado.
« Uma tarde, a scismar, transponho a meta

« De meus passeios, subo um monte e desço
« A estranho valle; de repente paro
« Escutando uma voz, qual nunca ouvira;
« Oh! que foi perdição!... longinqua frauta
« Na solidão saudades modulando
« A horas mortas da noite; harpa vibrada
« Por destras mãos da mais gentil donzella;
« Zephyro á susurrar fonte escondida
« Que murmura no bosque.... Oh! nada, nada,
« Não é como essa voz:— cantava um anjo;
« Amei.... não soube a quem; se eu fôra cego
« Teria amado assim. Approximei-me;
« Vi....— novo encanto!— duvidei da terra,
« Da vigília.... e de mim; mas nem foi sonho,
« Nem me achava no céo; era um prodigio;
« Era uma virgem de esplendor divino,
« Um sorriso de Deos humanisado,
« Que Deos mandára por milagre ao mundo.

XXIII

« Em extasis fiquei; immovel mudo,
« Como ante uma visão; quando ao fugir-me

« A incognita formosa, acordar pude,
« De joelhos me achei; — tinha-a adorado.
« Desde então, qual novillo lastimoso,
« Que vai sempre chorar tristes saudades
« Onde morren-lhe a mãe irresistivel
« O coração levava-me a esse valle,
« Em que perdêra a paz; mas foi debalde!...
« Ninguém concebe amor tão abrasado.
« Nem tanta ingratição n'um peito humano!...
« Quando nos olhos meus brilhavão chammas
« Do vulcão, que no seio acceso estava,
« Da esperança apagavão-se os ardores
« No gelo eterno da isenção tyranna.
« Quando, não mais conter o amor podendo,
« Deixei-lhe ouvir primeiro ardente voto,
« Primeira vez tambem — *Jámais* — me disse.
« *Jámais*, que repetio-me inda mil vezes!...
« Fraco que fui!... em vão busquei vencer-me;
« Dobrava-me a paixão a má ventura.
« Fiz-me dessa mulher misero escravo;
« Beije a terra que seus pés calcavão;
« Cobri de flôres o relvoso assento
« Em que ponsava; ousei entalhar

« Na molle casca d'arvore frondosa,
« A cuja sombra sesteava: — embalde!...
« Desfiz-me em novas, mais ardentes juras;
« Tirei dos olhos seus ardor e fogo.
« Para accender-me as phrases, ameiguei-as
« Com lagrimas sentidas, e invocando
« Deos seus pais, a virtude e a paixão minha,
« Pedi-lhe amor e fé mas sempre embalde!...
« Ganhei sómente o gelo do silencio,
« Ou um — *Jámais* — que flagellava em dobro.

XXIV

« Este amor desgraçado imita a raiva,
« Derrama o desespero dentro d'alma.
« Como louco vaguei.... uma serpente
« Feroz meu coração dilacerava!
« Já extincta a razão de amor nas flammas,
« Às vezes de um sorrir colhido a furto,
« De um olhar mais piedoso, ou d'um suspiro
« No deserto exhalado a alma illudida
« Forjava uma esperança que bem cedo
« Frio gelo apagava: não dormia....

« Morrer vinha-me á idéa.... sempre em luta
« Com esse amor fatal, da juventude
« Murcharão rosas; pallido tornei-me,
« E emmagrecido pela dôr; brilhava
« Loucura ou desespero nos meus olhos:
« Espantador espectro, fui fallar-lhe
« Inda uma vez: era accusa-la mudo
« Deixar-me ver assim desfigurado
« Inda no albor da vida tropeçando,
« Ao pé do tumulo já!... entristeceu-se;
« Animei-me, esperei e a voz soltando
« Pedi-lhe amor e gratidão — e a barbara
« Só respondeu: — *Jámais!* — phrase sinistra!...
« É a sentença que á irrisão me vota.

XXV

« Minha esperança em hora de loucura
« Cahio dos pés de Deos no cahos do inferno.
« Não longe, em fundo valle, e gruta horrivel,
« Vendia philtros, e conselhos tredos
« Astuta feiticeira: procurei-a;
« Entrei no antro e consultei a maga;

« Minha historia escutou : depois anciado
« Perguntei-lhe anhelante o que podia
« Aos meus votos de amor dobrar a ingrata :
« Longo tempo scismou a feiticeira ;
« E emfim erguendo a fronte, disse — *louros*,

A DOUDA.

« E viste alguém á entrada do antro escuro ?...

O TROVADOR.

« Pobre menina, que me ouviu chorando.

A DOUDA.

« De que idade ?...

O TROVADOR.

« Talvez tinha dous lustros.

A DOUBA.

« Tinha-os : prosegue.

XXVI

O TROVADOR.

« Fé prestando á maga
« Fugi ao ocio e procurei batalhas.
« Oh ! deixei minha mãe !... tão só e enferma ,
« Filho ingrato olvidei dever sagrado :
« Falsa esperança á ingratidão levou-me.
« O desespero me accendia o animo :
« Nenhum mais bravo ; poucos tão ditosos
« Houve como eu ; a minha espada um raio
« Aos inimigos foi ; jámais vencido
« Venci mil vezes ; proclamou-me a fama
« Heróe guerreiro ; de trophéos coberto
« Voltei garboso ; da mulher , que amava ,
« Corri aos pés , depuz-lhe os da victoria

« Immarcessíveis louros ; e em resposta ,
« Quando pedi-lhe amor — *Jámais!* — me disse.

XXVII

« De novo a maga exasperado busco ;
« Lanço-lhe em rosto o perfido conselho :
« — Louros lhe trouxe ! brado-lhe ; e debalde ,
« Não tive amor ! que lhe trarei agora ?.. —
« Torna a scismar a feiticeira astuta ;
« E enfim erguendo a fronte , disse — *cantos.*

A DOUDA.

« E viste alguém á entrada do antro escuro?...

O TROVADOR.

« Pallida moça a contemplar-me absorta.

A DOUDA.

« Quantos annos teria?...

A DOUDA.

73

O TROVADOR.

« Quinze.

A DOUDA.

« É isso ;

« Prosegue ainda.

XXVIII

O TROVADOR.

« Desprezei batalhas,
« Trophéos, victorias ; trovador tornei-me ;
« Fiz troca de uma espada por uma harpa,
« E esta me deu o que me dera aquella ;
« Gloria de trovador ou de guerreiro,
« É sempre gloria, que deslumbra o mundo.
« Meus hymnos pelos valles entornando,
« Graças e nome eternisei da ingrata.
« Annos cinco gastei cantando a bella,

« E aquelles que me ouvião , commovidos ,
« A bella e seu cantor abençoavão.
« Voltei emfim , e as ternas harmonias
« Fui depôr como outr'ora os nobres louros ,
« Aos pés da cruel virgem ; — docemente
« Peço-lhe amor em paga de meus cantos
« E ella ainda uma vez — *Jámais* — me disse.

XXIX

« Louros ganhados no jogar das vidas ,
« Cantos , perfumes d'alma , em vão gastára!...
« Corro de novo á gruta enganadora ;
« Ah!... já não vive a feiticeira insana !

A DOUDA.

« Mas ouviste uma voz no antro da maga ;
« Quem te fallou não sabes ; mas ouviste :
« — Trovador ! o teu mal não tem remedio ;
« — Tu morrerás de amor... e alguém contigo, »

A DOUDA.

77

O TROVADOR.

« E essa voz?....

A DOUDA.

« Era a minha.

O TROVADOR.

« E a feiticeira?...

A DOUDA.

« Minha mãe que foi ter com a *Nebulosa*,
« E que ás vezes vagando em torno á lua,
« Olha-me lá do céu.

O TROVADOR.

« Ah desgraçado !
« E que eu não tenha mais uma esperança!....

« Amor funesto! — affecto matricida
« Que a minha mãe dez annos já me arrancas...
« Oh minha pobre mãe! vive ella ainda?!...
« Amor fatal! vergonha! opprobrio e crime!...
« Devo vencer-te, e te obedeco escravo!...
« Tanta fraqueza me envilece.... embora.
« Eu quero ser amado; eu dera tudo
« Por este amor: a gloria das batalhas,
« Dos meus cantos a gloria; espada e harpa;
« Eu dera a minha vida, e até minh'alma:
« Ouve, mulher: — ninguem te chame douda;
« Não és douda, não és; — convem que sejas
« Anjo ou fada para mim; inventa um philtro,
« Dá-me este amor; em troco mil riquezas
« Dou-te, que as tenho; não respondes?... falla.

A DOUDA.

« Tu pedes-me esse amor? a mim? tu mesmo?...
« — Na fronte está me ardendo a nodoa negra!..
« Marca de maldição... signal do inferno!!!

O TROVADOR.

« Inventa um philtro — é teu quanto possuo.

A DOUDA.

« Tu pedes-me esse amor? a mim? tu mesmo?

« Sou reprobada de Deos! sou feiticeira!...

« Ave das trevas... votão-me ao demonio!...

« É castigo do Céu; porque sou fada.

O TROVADOR.

« E o philtro?... e o philtro?... »

XXX

A Douda as mãos torcendo .

Cahe de joelhos ; correm-lhe dos olhos

Não mais contidas lagrimas ; murmura

Com voz balbuciante :

« Eu cedo ao fado ;
 « Na fronte está me ardendo a nodoa negra !...
 « Sou reprobada de Deos ! sou feiticeira ! »

Emfim suffoca a dôr , no seio a encerra ,
 Dirige-se ao mancebo e lhe responde :

« Sobre teu mal fallei com a *Nebulosa* ;
 « Não tem remedio , que te prestem fadas ;
 « Nas ondas m'ò escreveu , e ella não mente.
 « Mas um recurso resta ; fraco embora ;
 « Vou tenta-lo por ti ; nada m'ò paga ,
 « Nem mesmo todá em ouro a natureza :
 « Quanto me custa elle , não calculas ,
 « Basta que o sintas eu , e Deos o saiba !
 « Irei fallar a essa mulher que adoras ;
 « Se a coimover.... melhor para nós ambos.

O TROVADOR.

« Sabes quem seja ?....

A DOUDA.

81

A DOUDA.

« Que não sabem fadas?...

O TROVADOR.

« Onde mora ?...

A DOUDA.

« Sei tudo ; e antes da noite
« Farei por ti , o que por mim não ousa. »

XXXI

Da Douda aos pés o Trovador se atira ;
Levanta-o ella , e diz-lhe tristemente :

A DOUDA.

« Não te abaixes assim.... nem mesmo ás fadas.
« Só ante Deos um homem se ajoelha.

« Ao crepusc'lo da tarde irei ao valle ,
« Que tu bem sabes ; fallarei com ella.
« Agora eu parto , — que nos foge a lua.
« Adeos !..—Desperta o amor que falla e ouve. »

XXXII

Arpeja o Trovador , enquanto a Douda
Saltando no batel , maneja o remo ,
E vai cortando o mar ao som de um canto.

CANTO III.

A PEREGRINA.

I

A extrema da enciada e não longinquo
Das brancas praias amplo valle acouta.
Ao mar o esconde penha enorme e longa
Separa-o da terra alta montanha :
Cobrem-o todo verde-negras selvas,
Em cujo seio pavoroso e tetro
Raro penetra o sol , jámais a lua.

II

Lá n'um recanto do sombrio valle
Um antro a rocha tenebroso alberga.

Petreas entranhas tempo edaz roera ,
Cavando assim uma guarida aos tigres
Que escondidos de dia á noite rompem
Levando ao campo e selva estrago e morte.
Conquista a solidão o esforço humano ,
Os tigres preme , que rugindo fogem
E a crença popular transmuda aérea
Das fêras o covil em lar de fadas.

III

Ultima herdeira da sombria gruta
A Douda e mais ninguém nellá se abriga :
Tremendá fama despovôa o sitio ,
E aproveitando a solidão propicia ,
No silencio se obumbra a desvairada.

IV

O sol em pino enverdecia os bosques
Após a noute , em que se ouvirão cantos
Desses cantos que lagrimas são d'alma :
Envolveu no seu véo a noite umbrosa

Do Trovador o caso **infausto**, e o voto
Que imprudente jurára a pobre Douda.
Nada revela o que abafarão trevas :
O Trovador se occulta a rocha é muda,
E á confidente a solidão enubla,

V

Passára a noite, e o sol estava em pino.

VI

Muda e triste a seismar no escuro antro
Horas longas passou misera Douda.
Onde a sombra reinava mais espessa
Sentada se deixou em rasa pedra.
Cabe-lhe pesada a fronte entre os joelhos,
Que as mãos mantêm entrelaçando os dedos ;
Com a sombra as madeixas confundidas ;
Como um lugubre véo a envolvem toda
Em borbotões de anneis tombando immensas :
Muda, immovel estatua a julgáreis
Ou corpo inerte que a alma abandonára

Se anhelito afflictivo não provasse
Em vez da paz da morte a dôr da vida.

VII

É fundo abysmo o meditar sombrio
Em que se engolpha a Douda inconsolada :
No espirito rumina a que fizera ,
Generosa promessa: não a enjeita ;
Não quebra um voto o coração honesto ;
Mas ah ! que assaz no seio este lhe pesa !
É doce pão do espirito a virtude ,
E mil vezes tambem pão que se compra
Com lagrimas acerbadas ! — Não importa :
Prometteu , cumprirá. No entanto immersa
Nesse deserto que mudez se chama ,
Presa ao tormento seu , esquece o mundo.
Dirieis que de todo introvertida
No coração contempla um triste arcano ,
Já extincta esperança , flôr quebrada ;
Tal como infeliz mãe se prende á lousa
Que o filho inanimado eterna esconde
Para chorar a dôr que é sem remedio.

VIII

Ai misera ! por que maligno genio
Que te arrebatava em vôos desvairados
A mente que cogita , a sós te deixa
Entregue toda ao coração que sente ?...
Ai de ti , pobre Douda ! que te queimão
A um só tempo dous fógos seio e fronte :
Este ao menos não dóe-te ; que não póde
Julgar damno a loucura alma de louca ;
Mas o fogo de amor.... ah que dóe muito !...

IX

De tão longo scismar triumphava a Douda
Alça enfim a cabeça e a face mostra.
Que turbilhão de sevos pensamentos ,
Dessa infeliz na alma tempesteia !...
Turva e sombria a fronte se lhe enruga
Como empolado mar que o vento agita ,
Ou irado leão que a juba encrespa.
Em continuo volver rodão-lhe os olhos

Em cada olhar centelhas dardejando ;
E o seio virginal sagrado berço
De um puro amor que por mesquinha sorte,
Ali mesmo terá também seu tumulo.
Arfa , prevendo o funebre destino.

X

Ao declinar do dia ergueu-se a Douda :
Do coração lhe rompe agro gemido ,
Primeiro foi ; mas ah ! como arrancado
De um seio , que a gemer exhala a vida.
Serena e balbucia :

« É meu destino !

« Na fronte a nodoa negra está me ardendo ;

« Sou reprobada de Deos , sou feiticeira ;

« É castigo do céu ; devo curvar-me. »

Cahe-lhe então a cabeça como ao peso
De tremenda desgraça , e a nivea capa
Toma , envolve-se nella e deixa o antro.

XI

Ei-la vai : — generoso sacrificio
Misera Douda a consumir se apressa.
Sóbe alta serra, entranha-se n'um bosque
Umbroso e densô ; e quem então a visse
Nessa que alveja roçagante capa,
Com as madeixas tão longas espargidas
E muda e só, de espanto estremecêra,
Qual se encontrára pallido phantasma,
Ou branco genio, que a floresta encanta.

XII

Ei-la vai : já desceu a fundo valle .
Passa além de um ribeiro, e mentos alto
Vence outro monte, que palmeiras c'róão :
Chega-lhe ao cimo, e para baixo olhando :
« É ali ! » murmurou : cahe-lhe uma lagrima,
Quente ainda, que é fibra derretida
De um coração que fervê em fogo insano ;
Com a dextra enxuga do martyrio a filha,

Anima-se e prosegue : a longa marcha
Não a fátiga ainda ; mas no seio
Tanto lhe pesa um desvalido affecto
Que já seu passo é vagaroso e tardo.
Ao ir soar do sacrificio a hora,
Hesita o mesmo bravo que não treme
Quanto mais ella que é mulher e amante !

XIII

Com diadema flammante o sol se ostenta
No throno das montanhas ; mais um'hora
E o rei dos astros dormirá tranquillo
Do horizonte no leito nebuloso
E ao collo ardente das houris de fogo.
A scena é magestosa ! atrás e aos lados
Montes severos, cujos dorsos mordem
Torrentes que a bramir se precipitão ,
Florestas gigantescas , negras penhas ,
E em doces valles placidos arroyos ;
E ante si vê a Douda um verde bosque ,
Donde lhe trazem vespertinas auras
De manacás e de baunilha effluvios.

De mysterios é hora ; o bosque falla,
É com o fagueiro susurrar dos zephyros
Com quem barulhão as bulhentas folhas
Mistura-se das féras o bramido,
Silvos das serpes, estalar de ramos,
Zumbir de insectos, e gorgueio de aves,
Que se despedem do astro moribundo.
É um hymno que entôa a natureza
Da solidão no magico sacrario.

XIV

Viva só pela dôr, morta p'ra o mundo,
E a tudo alheia, vai seguindo a Douda;
Vence o espaço por fim que a separava
Do sitio, altar de barbaro holocausto;
Pára... hesita... reanima-se, e de subito
Nervoso impulso as forças lhe excitando,
Ultimos ramos, que a detem, repelle
Com as mãos trementes, surge da floresta,
E ante um limpido lago immovel fica.

XV

A abobada pomposa da floresta
Quebra-se ali e um lago patenteia
Que reflecte do Céu a imagem pura.
Onda serena a face enruga apenas,
Quando aos beijos dos zephyros se agasta.
No coração o bosque o lago acouta
Qual o serralho de um sultão zeloso
A dilecta odalisca, e gigantescas
Em torno alinhão-se arvores soberbas,
Orgulhosas de ver-se retratadas
No crystal puro das tranquillias aguas.
Bordão as margens delicadas flôres,
Que embalsamão o ar doce vibrado
Por mil gorgeios de canóras aves.
A magia do bello o sitio encanta;
E mais além.... no fundo onde viçosa
Macia e nova reverdesce a gramma,
Silvestre pavilhão ergue a natura.
De manacás em circulo dispostos
Um grupo vê-se entrelaçando os ramos,

Por entre os quaes enaestão-se em mil voltas
 Virentes, delicadas trepadeiras
 De verdura eternal forjando um tecto,
 Onde flôres sem conta estão brotando
 Como estrellas no céu brilhantes luzem ;
 A cupula florida guarda e zéla
 De relva um banco — o throno da floresta,
 Que só deve occupar a formosura.

XVI

Tinha a Douda volvido em torno os olhos,
 Até que os fita no gramineo assento ;
 Estatica ficou.... pasma, contempla....
 Dóe-lhe o que vê; mas admira — absorta :
 De verde relva no mimoso banco
 Por entre as hasteszinhas entrançadas
 De bellas flôres que da verde cupula
 Vem calindo ao acaso vacillantes,
 Quaes madeixas de um genio da floresta,
 Vê-se n'um abandono voluptuoso
 Sentada a meditar mulher ou anjo.
 O primor de um cinzel sublime fôra,

Se fòra estatua; tão formosa é ella !..
Quando pòde a mudez quebrar do espanto ,
Torcendo as mãos, murmura a pobre Douda :
« Razão teve de ama-la !... »

XVII

À voz estranha

Ergue-se o bello vulto.... um passo avança....
E um abysmo de encantos se revela.

XVIII

Sua estatura é alta e magestosa,
Sem que lhe abafe a magestade a graça.
Quieta face de um lago manso e puro,
Serenó céo de bonançosa aurora,
Eis sua fronte socegada e lisa.
Os seus cabellos longos e brillhantes,
Como da tempestade a nuvem negros,
Em bastos caracóes brincando soltos,
Quando assentada, o collo lhe annuvião :
Tão grande negridão, seio tão niveo,

Em desordem furtando a mil desejos ,
É como um cahos que um mysterio esconde :
Olhos negros tambem de amor são raios ;
Tem uma luz que aos corações é dia ,
Tem um fitar que á indifferença é morte.
Ao ver-lhe a breve e graciosa boca ,
Suas madonas retocára Urbino ;
O bico da trocaz rubor mais puro
Não tem , que os labios seus , nem mais alvura
Que os finos dentes neve crystallina.
Ao cysne do Uruguay não cede em graça
Seu collo altivo e bello e nem as fadas
A cintura no mimo e delgadeza.
Torneára-lhe os braços genio amigo ,
Tão formosos se mostram ! mão de um anjo
Branca e leve qual penna de uma garça ,
Jasmin collendo por jasmin se houvera ;
Niveos dedos corôão rubras unhas ,
Quaes hastes de crystal petalas de rosas ;
E o lindo pé , que ás vezes se adivinha ,
Quando mergulha na rasteira gramma ,
livejarião sylphos , que só voão.
Oh ! tão formosa , custa a crê-la humana !

Parece um anjo que baixára á terra,
Anjo exilado da mansão dos justos
Peregrinando na mansão dos erros.

XIX

Dóe-te a vida que arrasta alma captiva?...
Peza-te amar debalde?... — não a vejas :
Pede ao Céu que desfirá um raio ardente,
Que de uma vez te cegue; melhor fôra,
Do que vê-la é morrer de amor por ella;
Quem a viu uma vez, não mais a esquece,
Tantas lhe sobráo feiticeiras graças.
O angelico sorrir, que os labios puros
Lhe adelgaça, alvejando eburneos dentes,
É como onda mansinha, que recúa,
E mostra nivea praia; ou como a aurora
Despontando n'um Céu claro e formoso;
Ou como dadivosa uma esperança
N'alma se dilatando. Nos seus olhos
Brilhão talvez scintelhas, escapadas
Dessas que Deos raiou, quando nos dias
Da immensa criação, olhando o espaço,

Creou a cada olhar um sol — um astro.
D'ave amante do Céu placido vôo
De gracioso batel nado suave
Que ao luar, em deshoras — vai tranquillo
Lambendo a face de dormente lago ;
De meigo sonho a idéa preguiçosa,
Que como que se arrasta pela mente
Que de saudosa o seu fugir demora ;
D'harpa sonóra o som, que vai morrendo
Pouco a pouco entre as auras diluido,
Nem ave, nem batel — nem pensamento,
Nem som d'harpa amorosa são serenos
Como o volver dessa mulher formosa
Quando anda — ou se deslisa pela terra.
Oh! não a vejas — que de amor succumbes.

XX

Oh! não a escutes, que de balde és cego!
Para matar de amor a voz lhe basta.
Sobeja ouvir o seu fallar mavioso
Para embeber-se n'alma um philtro insano
De indizível doçura repassado.

É nos seus labios uma phrase um hymno
Desses que aos pés de Deos modulão anjos.
Se entoa um canto... eleva-se da terra,
E a quem a ouve arrouba em doce enlevo;
É sua voz prodigio de harmonia;
E em cada nota resoar se escuta
Alma de genio e coração de artista.
Subtil perfume de virginea rosa;
Écho nocturno de longinqua flauta,
Que geme aos labios de amador saudoso;
O primeiro — talvez — que ousa tremendo
Pudica virgem conceder ao amante;
Um genido de mãe que ajoelhada
Junto á campa do filho idolatrado
Chora saudades; um adeos extremo,
Que em despedida — o ultimo — se dizem
Já de longe os esposos que se adorão;
Oh! tão ternos não são como seu canto,
Quando falla de amor celeste e puro.
O furor do ciume interpretando,
Raios desprende n'um cantar sublime,
Que o coração em tempestade mostra;
O crime a praguejar ó como um anjo;

Que o castigo de Deos troveja aos impios.
Terna, sublime ardente, é sempre a mesma
Sempre artista feliz, genio inspirado.

XXI

Dobra o mysterio da belleza o encanto.
Seu nome, a patria sua, e d'onde ha vindo
Ninguem sabe: surgio inesperada
Naquellas solidões, qual nos céos brilha
Do astronomico absorto aos olhos longos
Noite primeira in calculada estrella.
Como um arcano no sacrario d'alma
Cerrou depois a vida n'um retiro,
Onde se apraz de se roubar aos homens.
Ali respira amor; mas seus amores
São dous só — harmonias e perfumes:
As aves ama, porque as aves cantão.
Flôres cultiva, porque aromas vertem,
E entre cantos e odores frue a vida.
Ella canta, e cantando se arrebatã
Levada em vôos ás mansões do genio;
Não quer louvores, nem modestia inculca;

Canta, só porque vive de harmonias.
Suas vestes rescendem odorosas
Sempre; quando ella passa, após nos deixa
De indizível fragrancia onda suave,
Como vestigio de um passar de fada.
Onde ella mora, desabroxião rosas;
Bella princeza de ridentes valles
Formão-lhe a côrte peregrinas flôres;
Talvez um *ser* de natureza estranha
Vive só de perfumes e harmonias.

XXII

Puderão vê-la astutos camponezes
A furto ás vezes na soidão do bósque;
Nunca mais a esquecerão; do crepusculo
Sabem, que apraz-lhe a licra, e mal descamba
Sobre os montes o sol, já pressurosos
De longe occultos nas floridas moitas,
Encantos sorvem com famintos olhos,
Que veneno tambem incautos bebem.
O que primeiro a vê, arfa de gloria,
Aos socios a annuncia; se não sabem

Da bella o nome, um outro lh'inventarão ;
De estranhas plagas lembrão-se que é vinda ,
E a chamão de concerto a — *Peregrina*.

XXIII

Tão bella criação sempre era humana!
Anjo fôra, e na terra não vagára,
Se, milagroso *ser*, mortal fraqueza
Superando, perfeita em tudo, houvesse
Vencido a lei que a humanidade acanha.
Oh! inda mal que em corpo tão formoso
Se aninha um coração isento e féro!
Menos bella antes fôra, e mais sensível!
Do quinto lustro a méta já toçára,
E de amor um olhar.... um riso nunca,
Raio d'alma ternura se accendêra
No angelico semblante; era uma estatua
Marmore toda, coração não tíha;
Ou então flôr do Céu não vê na terra
Cultivador que lhe mereça effluvios;
Divino gyra-sol pende sómente
Para o astro de luz, que é seu encanto;

É no mundo em que vive uma estrangeira ,
Nada do mundo quer ; é pensamento
De piedade christãa , que a Deos se eleva ,
Ave altaneira , que despreza os valles ,
E vai soberba conquistando as nuvens ,
Sumir-se onde não chega a vista humana ;
Scentelha ardente de sagrada pyra
Que foge á terra , e perde-se no espaço ;
Coração de amyantho , que não arde ,
Ou sol , que abrasa o mundo , e não se abrasa .

XXIV

Vacilla a Douda tantas graças vendo
E uns olhos , que rebentão de ciume
Daquelle rosto arranca exasperada ;
Flamma infernal lhe abrasa a consciencia ,
E com voz abafada e um rir sinistro
De novo diz : « Razão teve de ama-la !... »

XXV

Attonita ficára a *Peregrina*

A olhar essa mulher , que ali surgira ;

Debalde intenta descobrir quem seja ;

Figura , vestes , parecer e modos

Estranhos por demais nada lhe indicão ;

Espera em vão que falle , e ao vê-la muda

Olhos fitos no chão , tremendo os labios

A murmurar imperceptiveis phrases ,

Approxima-se della e emfim pergunta :

« Mulher , quem és ?.. porque buscaste o lago ?.. »

XXVI

A voz de encanto convulsou a Douda ;

Recorda o voto que olvidado estava ,

E treme inda uma vez. Como cumpri-lo ?...

Como encarar um rosto e aquelles olhos

Que em sua formosura o amor lhe matão ?...

Como dizer : « Triumphá ! é teu quem amo !

« Sè rainha , e a teus olhos , e aos pés delle

« Escrava eu seja, que, rojando, viva
 « A gemer desprezada?... » A miseranda
 Hesita, arqueja, e as mãos emmagrecidas
 Encruzando no peito, balbucia :
 « Ordena-o minha mãe, hoje m'ò disse
 « Trez vezes no piar de ave agoureira ;
 « E n'um raio do sol, que entrou na gruta
 « Primeira vez, na rocha tremulando
 « A sentença dictou-me a *Nebulosa* :
 « Na frente está me ardendo a nodoa negra !
 « Sou reprobada de Deos !... cumpra-se o fado. »
 E de um falso valor subito accesa
 As vistas ergue a *Peregrina* arrosta...
 Mas ah ! que além não póde ! em desatino ,
 De um delirio fatal cedendo aos impetos
 Deita a correr em de redor do lago ;
 Suas madeixas pelos ares vôão,
 D'encontro aos ramos fere as mãos e a face ,
 A capa desenvolta s'espedaça ,
 Satanico fulgor nos olhos brilha,
 E brada enfurecida : « Nunca ! nunca !... »
 Para de chofre ; uma assassina idéa
 N'alma fuzila.... volta-se p'ra o lago ,

Um salto fórma ; mas... pendente fica....
Os braços estendidos.... labios tremulos...
Desconcertado o rosto.... o seio arfando....
Estatica.... pasmada.... hirta de assombro.

XXVII

Demonio atroz, que o suicidio inspira ,
E só triumphá em mente desvairada ,
Ou quando em alma fraca a fé vacilla
A infeliz, que em torturas se estorcía ,
Mostrára insano no profundo lago
Um leito, onde se dorme eterno somno.
Deslumbr'a Douda do descanso a idéa ,
Á morte avança ; mas no extremo instante ,
Em que do abysmo já pendia á beira ,
A propria sombra n'agua lhe apparece
Qual ondina do fundo, olhando a victima ;
Para os braços que estende a desgraçada ,
Braços estende mentiroso vulto ,
Os movimentos lhe arremeda , e acaso
Afflicção, e terror tambem simula.
Em treda exaltação perdido o esp'rito

A sombra desconhece a Douda, e turbida
No vacillante vulto os olhos crava,
Espanto radiando . e pavor toda,
Té que rendida a impulso irresistivel
Vai curvando os joelhos mãos encruza
Desprende a voz, que lhe peára o susto,
E falla á sombra com dorido assento:
« Compaixão ! compaixão, ó *Nebulosa* !
« Reconheço-te ahi nas vagas fórmas,
« Como reges o mar, no lago impéras !
« Em toda a parte predominão fadas.
« Curvo-me a teus decretos, não me punas !
« Sou reprobada de Deos, sou feiticeira :
« Arde-me a fronte ! cumprirei meu voto. »

XXVIII

E uns olhos, que á terra inda prendião
Ciúme, e dôr, alonga pela relva,
Té que os suspende a contemplar absorta
Virginea rosa, tão virginea ainda,
Quem nem de todo distendera as pet'las.
Algum tempo esqueceu-se mud' a olha-la,

Depois como ao fulgir de um pensamento,
Volve o rosto p'ra o lago, e diz baixinho:
« Curvo-me ao fado; cumprirei meu voto;
« Hei de fallar-lhe sem queimar meus olhos;
« A rosa me ouvirá, e a rosa é ella. »
Depois chegou-se á flôr; com o branco dedo
Toca as pet'las de leve, e suspirando
Desprende a voz, como um gemido triste,
Triste como da rôla o triste arrulho.

XXIX

« Estas petalas são paginas de um livro
« Que eu leio e comprehendo: feia historia
« Encerrava o botão, que vai se abrindo.
« No coração do valle ao pé do lago
« Ao mundo occulta se abrigava a rosa,
« Qual vergonhoso terno pensamento,
« Que arde abafado em alma de donzella;
« Mas como os olhos e os sorrisos trahem
« Aquelle meigo affecto, o amor primeiro,
« Que nos véos do pudor esconde a virgem,
« Assim também aligeros perfumes

« Os segredos da rosa atraçoárão.
 « Das flôres o fallar entendem fadas ;
 « E a *Nebulosa* decifrando aromas,
 « Fez-me ler, gentil rosa, a tua historia ;
 « Vou repeti-la ; escuta ; e vê, se eu minto. »

XXX

E prosegue em fallar com voz tão doce,
 Com tão suave accento, que dissereis
 Canto de amores a engenhada fabula.

XXXI

« Nem sempre rosa, linda flôr, has sido
 « Nem sempre o mimo do secreto lago ;
 « De encanto és presa, de vingança exemplo,
 « Se agora és rosa, foste já donzella.

« Doces aromas que teu seio exhala
 « Revelão mudos de teu fado a historia ;
 « Tambem sou maga, e desnudei arcanos ;
 « Sei que és donzella, e só no aspecto rosa.

« Lembras-te acaso das passadas glorias?...

« Tecêra a graça em tua face um ninho ;

« Raios amor nos olhos teus vibrava

« E contendias formosura aos anjos.

« Na voz as fadas te entornarão philtros ,

« Eras do mundo maravilha e assombro ;

« Em flôr és menos , qu'em mulher ; rainha ,

« Se hoje és das flôres , já das bellas foste.

« Muitos te amárão : — juras e protestos

« Deixaste surda , que a teus pés morressem ;

« Deosa impiedosa , só de ti ganhárão

« Despreso frio adorações ferventes.

« Nem de um poeta o coração domou-te

« O olhar de fogo , e derreteu-te o gelo ;

« Pobre insensata ! nem sequer sabias ,

« O que é poeta e que missão o alteia !

« Do céo trombeta , que na terra soa

« Raio do genio , victima da gloria ;

« No céo tem palmas , tem na terra angustias ,

« No seio a gloria , e na cabeça o genio.

« Flôr que desponta quando á natureza
« Com santo amor o olhar de Deos fecunda ,
« Predestinado, que aleitárão fadas ;
« Mytho de pranto e fogo : — eis o poeta.

« Impenetravel rocha que desdenha
« A lympha pura, que em seu dorso corre ,
« Assim tu foste desprezando extremos,
« Qu'ardente poeta esperdiçou contigo.

« Pyra sublime, rescendendo amores ,
« Alma de fogo derramada em hymnos
« Só teve em paga enregelada phrase
« *Jámais!* — a phrase, que á esperança é morte.

« Dóe-se da affronta o desprezado amante ;
« Transporta o vôo, em que se arrouba o genio ;
« Perlustra as nuvens, esconjura as fadas ;
« E a voz lhe acode a *Nebulosa* amiga.

« Primaz das fadas surge de uma estrella ,
« Em cujo seio toda em luz se banha ;
« Os ares feude, vôa e não tem azas ,
« E vai no espaço derramando encantos.

« Profunda a terra e desentranha o ferro ;
« Do sol com o fogo, e com celeste orvalho
« Tempera um gladio, que a magia apura,
« E diz ao poeta : « Compra amor com louros ! »

« Tu da fraqueza delicado symbolo,
« Flôr qu'embelleces tronco que te alenta ;
« Mulher, escuta : amor de um bravo é gloria,
« E pois qu'és flôr, o bravo seja o tronco.

« Raio é terrível de victoria a espada,
« Que vibra o amante, louros conquistando
« Perdidos louros, que os rejeita a ingrata ;
« Quebra-se o gladio ; e a *Nebulosa* freme.

« Surge iracunda de repente a fada,
« Das mãos do poeta arranca a lyra e vòa ;
« Rebenta as cordas, que estalando gemem,
« E outras apresta, que de encanto enchêra.

« Volta, e de novo o magico instrumento
« Ufana entrega ao devotado amante ;
« N'alma lhe accende lucida esperanza,
« E diz-lhe : « Canta ! que serás amado. »

« Flôr do deserto , que te val perfume
« Se o não espalhão pelo campo as auras ?..
« Virgem formosa ! tu és flôr do poeta
« Que em doces cantos eternisa as graças.

« Baldado esforço ! rompe em vão da lyra
« Hymno em que o genio fervoroso avulta ;
« Aos ternos cantos não responde a ingrata ,
« Ou dura e féra só — *Jámais* ! — responde.

« Audaz affronta não supportão fadas :
« Fulgindo irada a *Nebulosa* em fogo
« Phrases sinistras pronuncia e subito
« O encantamento da vingança opera.

« Gentil donzella , já teus pés se afundão ,
« Prendem-se á terra, e tornão-se raizes ;
« Já de teu corpo se enverdece a cutis ,
« Mudão-se em ramos teus formosos braços.

« Já tomão corpo teus fataes despezos ,
« Espinhos são, e folhas os cabellos ;
« É seiva o sangue, é flôr o que era rosto ,
« E é rosa agora , quem já foi donzella.

« Ingrata ! ingrata ! nunca o scio virgem
« De amor o pranto penetrar pudera
« E hoje, que és flôr, as lagrimas dos sylphos,
« Que orvalho chorão banhão-te a corola.

« De amor a um beijo nunca ardeu-te a face
« Em rubras ondas de pudor virgineo,
« E ora os colibris, da inconstancia typos,
« E abelhas ageis tuas petalas beijão.

« Triste suspira a tal castigo o amante ;
« Move-se a fada, em zephyro o transforma,
« E ind'ê suspiro, que é tambem o zephyro
« Pelo infinito um suspirar da terra.

« Alfim triumphã ! o desprezado amante
« Zephyro goza deleitosos mimos ;
« Tem mil amores, vingã-se da ingrata
« E a rosa é delle, como as outras flôres.

« Lá vem tão bello precedendo a aurora,
« Que tremem folhas ao sentir-lhe o vôo ;
« E tu, qu'outr'ora o desprezaste humana,
« Hoje que és rosa, a teu pezar és delle.

« Com teus cabellos que são folhas, brinca,
 « Beija-te a face, e labios, que são pet'las;
 « O amor negado em teus perfumes liba,
 « Depois te deixa', e vai gozar mais flôres.

« Nem sempre rosa, linda flôr, has sido,
 « Nem sempre o mimo do secreto lago;
 « Puniu-te o encanto da primaz das fadas;
 « Se agora és rosa, foste já donzella.

« E como as graças murchão da belleza,
 « As pet'las murchão da mais leda rosa;
 « Tranças alvevão, como as folhas seccão,
 « E a flôr s'extingue, como o corpo morre.

« Podião dar-te eternidade as fadas;
 « Mas a vingança a *Nebulosa* apura;
 « Já se congela a seiva, que te é vida,
 « E resequida o teu rubor desmaia.

« Extremo bafo nem perfume 'spira
 « Secco pedunculo é derradeiro apoio....
 « Cahes sobre a relva... vês ao longe o zephyro.,,
 « E, encanto novo, a falla recuperas.

« Clamas : « Piedade ! » e o zephyro insensivel
« Por ti roçando n'um rasteiro vôo,
« E indo outras flôres festejar no bosque,
« *Jámais ! jámais !*.... susurrará com as folhas.

XXXII

Emquanto a Douda fabulava , aos poucos
Chegando-se viera a *Peregrina* ,
E apenas ao silencio a vê tornada ,
Com dulcissima voz assim lhe falla :
« Nem zephyro , nem rosa ; um nome escondes
« De uma innocente flôr por entre as pet'las :
« Entendi teu fallar ; meu nome é esse ;
« Mas a que vens, e quem te manda ignoro. »

XXXIII

Inda a custo ou a medo, inda com os olhos
Pela terra espalhando vagos lumes ,
Responde a Douda ; mas de ardor crescente
Accendida depressa, erguendo a fronte
Na *Peregrina* encara e mais não treme.

XXXIV

A DOUDA.

Trouxe-me aqui o coração sensível,
Que se doeu de um pranto mal chorado ;
Completo um sacrificio , em que sou victima ;
De altar que me devora a pyra accendo.
Quem m'ó inspirou , bem sei ; não é da terra,
Não a conheces tu que o não mereccs.
Da lua amiga , pelo céo divaga ;
Aguia não é , e conquistando os arcs
Entre nuvens passeia , como a virgem
Por entre flôres meditando vaga ;
De amiantho não é , e nas estrellas
Banha-se em chammas ; luz, e não se queima ;
Não é da terra , mas na terra ás vezes
Solitaria a scismar vê-se de noite
Mysterios decifrando ; é bella , é rica ,
No fundo mar tem um palacio d'ouro ;
Hei de lá ir.... tu não irás , que és fêra ,
E é força que te odeie a *Nebulosa*.

A PEREGRINA.

Que dizes tu?...

A DOUDA.

Ella vê tudo ; ah ! treme !

Tudo vê, e ouve tudo a *Nebulosa*
 Incessante velando ; ha na magia
 Poder , mysterios , supernaes arcanos ,
 Que á rainha das fadas só competem.
 Quando lhe apraz , simula a fôrma , ou toma
 Do ser que mais lhe agrada , ou mais lhe serve,
 Às vezes um favonio vai correndo
 Nas azas de anjo que invisiveis vôão ,
 A devassar jardins , beijando as flôres ;
 Ah ! treme ! treme ! que o favonio é ella ;
 E ao grato sopro dobrão-se as palmeiras
 Que ciciando ensinão-lhe os segredos
 Que o silencio occultára á sombra dellas.
 Às vezes borboleta illusões finge ,
 Confunde faces de rubor tingidas

Com as rosas que ama e como em desengano
 Das faces cahe no seio da donzella
 A perscrutar suspiros. Flôr ás vezes,
 Sem que o penses a tens nos teus cabellos;
 Passarinho do céo; écho d'um canto;
 Arroio do deserto; vaga sombra
 Que pallida ao luar surgiu d'um tumulto;
 Raio da lua.... matutino orvalho....
 Etherea exhalção, ou sonho d'alma,
 Que te perturba, á meia noite, o somno.
 Tudo, tudo é talvez a *Nebulosa*....
 Ah! treme, treme della!...

A PEREGRINA.

Desgraçada!
 Tão bella, e de loucura assim ferida!
 Lastimo-te . infeliz.....

A DOUDA.

Tu me lastimas! ..
 Oh!..., podes lastimar-me!... não! não podes:

Douda me chamão , tenho bem juizo !....
Filha de fada , fada sou ; dilecta
Da *Nebulosa* , gozos mil prelibo ,
Que lá me esperão no encantado alcaçar.
Mas—quem falla de mim ? quem sou , qu'importa ?
Que me lastimas , dizes?... oh ! pranteia
Antes essa , que a lei^{da} sagrada olvida
—Primeira lei de Deos , — e a um tempo affronta
A Deos , que legislou , e a *Nebulosa*.
Mulher , que abusas de fataes encantos ,
Teme o raio de Deos , e teme as fadas !
Criminosa ! arrepende-te , que é tempo.

A PEREGRINA.

Quem criminosa?... eu?...

A DOUDA.

Sim ; tu não amas.

XXXV

E olhos que maldição e horror fuzilão
Na *Peregrina* a Douda irada fixa ;
E ella , por sua vez , tremendo ao fogo .
Que nesse olhar de louca radiava ,
Recúa um passo e transportada exclama :

A PEREGRINA.

Eu não amar!... oh Deos!... eu que no seio
Do mais sublime amor guardo o sacrario!
Eu que vivo de amar... que amor sou toda!...

A DOUDA.

Pois tu amas?...

A PEREGRINA.

Se eu amo!... escuta; apalpa
Este anhelante peito; sente a força

Com que palpita um coração de virgem ;
É de amor a cratera que referve ;
Que santo amor porém !... delle me ufano !....
Tão alto e nobre , que me arranca á terra ,
E me embebe no céu ; oh !.. cem amores
Reunidos n'um só , que é mais que todos.
Amo as flôres , thuribulos mimosos ,
Que ao Creador incenso exhalão puro ;
Amo as aves , que o bosque , o valle , o espaço
Enchem de doces e ineffaveis cantos ;
Amo o rochedo , que namora as nuvens ;
O arroio , que serpeia em campo ameno ;
A torrente soberba , que desaba ;
Amo a briza , que geme no deserto ;
A fronte a soluçar manando a lympha ;
O prado , o monte , o rio , a serra , e o mar ,
Que o infinito arremeda ; amo as estrellas ,
Mundos fulgentes , que espalhou no ether
O Senhor , e que a luz dardejão pura
Que nelles accendeu o olhar sagrado ;
Amo o sol , amo o Céu , a natureza ,
Amo o bello — amo a Deos !

A DOUDA.

E um homem?...

A PEREGRINA.

Nunca ;

No homem amo sómente a obra Divina ;
Inda nelle amo a Deos , e só Deos amo.
Verme do coração sensual instincto ,
Nada sobre mim póde.

A DOUDA.

Ave da terra !

Prende-te um laço pelos pés ao mundo ,
E as azas bates p'ra vôar aos astros !

A PEREGRINA.

No carcere do pó sei que está preso
Meu espirito ; embora ! os seus anhelos ,
Ao menos . livres para o Céu remontão.

A DOUDA.

E tu que Deos com tanto amor cultivas ,
Acaso ignoras , que de Deos aos olhos
É o mais bello altar uma alma pura ,
E a virtude o incenso o mais eximio ?...

A PEREGRINA.

Minh'alma dei-lhe toda ; amo a virtude.

A DOUDA.

E a gratidão , mulher ?....

A PEREGRINA.

Acaba !

XXXVI

A DOUDA.

Attende.

Duas fadas n'um antro um dia ouvirão
A estranha confissão do amor mais triste ;
Já uma dellas se furtando ao mundo ,
Subiu ás nuvens , e no espaço vaga ;
Era essa minha mãe : outra inda vive
Votada a um sacrificio aqui na terra.
Genio que ordena, e amor que se holocausta
Arrastão-a teus pés, e é força ouvi-la ,
Que a *Nebulosa* nos seus lábiós falla.
Sabes , mulher , que o Trovador te adora :
Dez annos , e inda mais de ardente pranto ,
De lagrimas a sêde não sacião?....
Oh!... dez annos de amor te não commovem!...
Que provas te não deu?... dize , o que falta?
Hora fatal , ao ver-te a vez primeira ,
Não te fallou no extasis , que é alma
Dos olhos a pender , porque não bastão

Ao volcão, que prorompe, a voz e os lábios ?..
Já te não lembrás?... dize.

A PEREGRINA.

Sim.... prosegue.

A DOUDA.

È as flôres que espargia , onde os vestígios
Ficavão de teus pés?... acaso ignoras,
Que ás flôres ternos beijos precedêrão ?...
È esse respeito temeroso e bello
Com que de longe suspirava a olhar-te ?...
È santo amor , o que o respeito acanha.
È as juras fervorosas , que vehemente,
Como se a um Deos orasse de joelhos,
Té fez d'amor tão forte, que bastára
A Deos um tal amor ?.... já te não lembrás ?...

A PEREGRINA.

Lembro-me , sim.

A DOUDA.

És por ventura cega?...
Que outro mancebo mais gentil já viste?...
O Trovador é bello ! a fronte altiva
É qual sereno céu ; se a tolda ás vezes
Nuvem que a enruga é pensamento grave
Que a alma enubla ; o Céu tem tempestades.
Seu vulto vence da palmeira a graça ;
De sol brilhante os raios tem nos olhos ,
E no semblante a pallidez da lua.
Fadas o amão ! tu, louca o desprezas !
Quanto por ti ousou, nunca fizera
Amante algum , que extremos inventasse ;
Guerreiro deu-te da victoria os louros ,
Poeta a gloria de sublimes cantos ;
Cantos e louros !... que fizeste delles?...

A PERÉGRINA.

Forão cantos e louros não pedidos ;
Esqueci uns ; deixei murchar os outros.

XXXVII

A DOUDA.

Não és mulher, não és! no peito aninhas
De féra um coração. Treme! a vingança
Das fadas é cruel. A *Nebulosa*
Protege amor, e a ingratição castiga.
Genios do ar, os sylphos invisiveis
Por toda parte vagão; treme delles!
Sabes acaso como os sylphos nascem?...
Não sabes o que são?... negros perjuros,
Falsos votos de amor, sacras promessas,
Que as mulheres voluveis quebrão, mentem,
Em sylphos se transformão... ah! são tantos!...
Tantos já, que invisiveis a não serem,
O sol encobririão. Seu destino
É pelo espaço errar, amor vingando.
Treme pois do furor da *Nebulosa*,
Treme! treme, mulher, de irados sylphos!
Dos genios a vingança é, qual a morte,
Inevitavel; nada escapa aos genios.

Impalpaveis gyrando em toda a parte ,
No soluçar da fonte um sylpho existe ,
No suspirar da briza um sylpho geme ,
E em torno de teu leito aos mil volteião
A preparar-te detestaveis sonhos.
Teme, oh mulher , a *Nebulosa* e os sylphos !

XXXVIII

A PEREGRINA.

Já me fatiga esse fallar de louca.
De mais tenho-te ouvido. Volta, e dize
A quem deu-te a missão , que eu sempre a mesma
A seus votos de amor — *jámais* — me dobro.
Longe a esperança ! um desengano frio
Leva-lh'o tu , que extinga aquelle fogo
Vero ou fingido , que debalde o queima.
E se a mão do Senhor baixar piedosa
A arrancar-te das garras da loucura ,
Mulher , irmãa , escuta-me : não ames !
Quando a teus pés um homem curvo , e terno
Jurar amor , chorar pranto de sangue ,
Não creias , não , mulher ; elle te engana.

As lagrimas são galas da mentira,
E o juramento o manto da perfidia.
O homem é rei, que tyrannisa, e ao menos
A isenção nos garante a liberdade.
O homem que pede amor, merca uma escrava;
Se agora é flamma todo, em breve prazo
Em gelo se transforma, e desabrido
Ou a despreza sem pudor, ou cedo
Com a indifferença mata-a. Somos flôres,
Que enquanto novas de ornamento serveu,
E murchas pelo chão rolão pisadas.
Dá-nos vida o desejo e o gozo a morte.
Os amores da terra todos morrem
De indifferença ou tedio, afóra aquelles
Mortos pela traição ao pé do gozo
E do algoz pela mão. O amor do bello
O amor de Deos sublime, puro, santo,
Esse sim, e só elle, eterno vive
No mundo, e além na eternidade fulge,
As almas que o cultivão perfumando.
Mulher! irmãa! não ames! quando ouvires
Juramentos de amor, comigo aprende
A responder — *jámais!*

XXXIX

E arrebatada ,
 Qual temerosa corça a *Peregrina*
 A correr pelo bosque foge rapida.

XL

Ficára a Douda attonita e surpresa ;
 E mal tornando a si , brando suspiro
 Escapa-lhe do seio e diz gemendo :
 « Que irei dizer ao misero !...
 « Ouvi tudo ! »
 Murmura o Trovador com voz sinistra
 Surgindo d'entre as arvores : « Terrivel
 « Minha sentença foi ; embora : ouvi-a.
 « Vai-te , infeliz , e se te apraz ainda
 « Ver-me a ultima vez , — na *Rocha-Negra*
 « Á meia-noite — adeos ! »

XLI

E tambem elle
Some-se na floresta em quanto a Douda
Tristemente repete ; « Á meia-noite ! »

CANTO IV.

NOS FUMULOS.

I

N'um recanto afastado e solitario
Daquelles sitios , de florestas virgens
E serranias turvas circulado ,
Rompia d'entre o bosque altivo monte ,
Que não distante devassava a estrada.
Outr'ora em seu cabeça mãos piedosas
Erguido havião protectora ermida.
O monge que essa luz levára ás selvas ,
Ao tumulto baixou ; corrêrão annos ;
Dormiu a fé no coração do povo ;

A incuria religiosa pune o tempo ,
E a casa do Senhor vê-se em ruínas.
Pião agouros funebres corujas ;
Onde outr'ora orações ao Céu se erguião ;
E o lar sagrado , que os fieis reunia ,
De guarida nocturna aos brutos serve.

II

Como na vida humana uma esperança ,
Que a luzir e apagar-se nos desvaira
Um estreito carreiro e tortuoso ,
Que surge aqui , e ali desaparece
Para surgir e se esconder de novo
Por entre grupos d'árvores frondosas ,
Vai sinuoso terminar-se humilde
Da velha ermida aos pés. Em torno della
Se ufana sobre o monte a natureza.
Vegetação herculea arrosta as nuvens.
D'aurífero diadema ipês c'roados ,
Quaes da floresta reis ; sapucaieiras
Em coifas côr do pejo a fronte erguendo ,
D'espaço a espaço em turmas soberanas

Ostentão força, e em generoso impulso
Parecem, dilatando os longos braços,
Estrenuos proteger tenues arbustos,
Que ao perto humildes crescem. Pela terra
Vêm rochedos rompendo, como dorsos
De elephantes curvados; negras furnas,
Despenhadeiros turvos lá se afundão,
E além brame a torrente impetuosa,
Que as rochas morde e enfim se precipita
No abysmo pavoroso, onde se engolpha
A urrar como um touro embravecido.

III

Sobre o monte no entanto mal se avista
Por entre os braços d'arvores frondosas
A ermida moribunda. Largas fendas
Suas paredes carcomidas rasgão;
Da torre, que já pende, o campanario
Conquistão parasitas; já tres vezes
Uma após outra vento impetuoso
Do protector telhado arrancou parte,
Que em pedaços e em monte aos pés ficou-lhe,

Ninho prestando a venenosas serpes ;
Aves se aninhão em figueiras bravas ,
Que no sagrado tecto ousadas crescem ,
E as andorinhas de afflicção gaseião
Vendo os filhos de Deos deixar ingratos
Que uma casa de Deos assim desabe ,

IV

O tempo que atacára o lar da vida ,
Da morte o campo respeitar soubera .
Ao passo que em ruinas cahe a ermida ,
Lugubre páteo que a seu lado asyla
Illeso permanece , illeso o tecto
Que cobre rude altar , onde singela
Ergue-se a Cruz sagrada , e illesa ainda
A lampada que exhala a flamma triste ,
Unica luz que luta ali com as trevas :
É da morte a morada ; em longas filas
Os tumulos se ordenão ; breves phrases ,
Epitaphios , que a mão de amor gravára ,
Nobilitando o pó , os mortos lembrão .
É o alcaçar da morte , e seu ministro
O tempo recuára ante o jazigo .

V

A ermida é solitaria ; ha longos annos
Morrêra o monge , que viveu por ella ;
Após elle ninguem fugindo ao mundo
Zelar viera a arca veneranda
Esquecida no monte ; quem piedoso
É pois que accende a lampada dos mortos ?...
Ninguem dizê-lo sabe , e o povo credulo
Em conta de assombrada tem a ermida ,
E do lar do Senhor foge medroso.

VI

Ardente imaginar , que o medo excita,
Creou fantasmas , pavorosas sombras ,
Que vagão pelo monte ; á noite , dizem ,
Abrem-se as campas , erguem-se esqueletos ,
E fóra do jazigo os mortos velão
Pascando ao luar ; alguns pretendem
Ter ouvido um gemer , que humano seio
Dos vivos nunca geme , longo , triste ,

Sahir do bosque á meia-noite ; affirmão
Outros que á mesma hora brancas sombras
Banhão-se na torrente , onde não póde
Chegar um homem sem cahir no abysmo ;
Jurão emfim que sempre , ou clara lua
Brilhe no Céu , ou brama a tempestade
Ou vente , ou chova , ou denso o véo das trevas
Sepulte o mundo , vai as noites todas
Um vulto de mulher que traja vestes
Negras , sinistras , sobre as quaes alveja
Na cabeça a corôa da velhice .
Em cabellos que a neve em côr igualão
Subindo o monte a visitar a ermida ;
Que é ella quem renova a luz da lampada ,
Que ella é sombra , ou é alma de algum morto.

VII

É noite já ; no azul do firmamento
Melancolica lua se annuncia.
Reina o silencio em derredor da ermida ;
Só dos genios da noite a voz se escuta ;
Vagueia o mocho em solitaria estrada ,

Nos leques das palmeiras se embaçamento
Sombras da noite a susurrar queixumes ;
E além tudo silencio ; é triste a hora
É hora de mysterios ; no jazigo
Arde a lampada funebre, lançando
Vacillantes clarões de espaço a espaço ;
Pyrilampo dos mortos, luz propicia
Aos filhos do terror, como que surgem
Nos escuros recantos sombras mudas ,
Ou sentadas *nos tumulos* meditação.

VIII

Mas quem, ousado, é esse que se arroja
A penetrar dos mortos a morada?...
Quem é esse que vem lento e sombrio,
Com a fronte curva, os braços esquecidos,
Rubra capa arrastando pela terra,
Ao altar do jazigo?... o que pretende?...
Que busca um vivo na mansão da morte?...
Quem é que vem?... o Trovador?... é elle.

IX

Respeitoso penetra o seio escuro
Do reino mortuario , e vai direito
Aos pés do altar ajoelhar-se , e resa ;
E o susurrar das orações se espalha
Dos tumulos no campo , frio , sestro
Como um apuridar-se de finados.
Orou , e ergueu-se ; sempre mudo , e triste
Da lampada expirante a luz anima ,
E logo após investigando os tumulos ,
Um procura talvez , achou-o.... é esse ;
De dôr arqueja , e debulhado em pranto
Outra vez de joelhos cahe : piedoso
A fria pedra beija , e soluçando
Com voz entrecortada afflicto exclama :

X

« Oh meu pai !... Oh meu pai , que me fugiste,
« Que a morte me ha roubado , ouve teu filho,
« Que veio dar-te o extremo adeos da vida.

« Não tive flôres que trazer-te á campa ,
« Lagrimas choro , lagrimas recebe ;
« São flôres da saudade , e brotão d'alma.
« Meu pai ! meu pai ! se acaso a voz de um filho,
« Repassada da dôr , que rasga o seio ,
« Por milagre do amor mais puro e santo
« Póde acordar-te desse eterno somno ,
« Meu pai , escuta ! mas se o tumulo é mudo ,
« E nem te aquece o pó de amor o bafo....
« Oh ! que um anjo nas azas da piedade
« Á celeste mansão leve o meu pranto.
« Oh meu pai ! oh meu genio abençoado ,
« Oh de teruuras fonte inesgotavel
« Protector vigilante , guia , amigo ,
« Pai que me davas maternaes extremos ,
« Porque morreste , ou não morrêmos ambos
« Para unidos dormir na mesma campa ?...
« Só me deixaste.... aqui me tens perdido !...
« Tu te lembras , meu pai , daquelles risos ,
« Que nos meus labios respondião tantos
« A teus carinhos ? já murcharão todos.
« Tu te lembras daquellas esperanças ,
« Que ao ver-me ardente conquistando applausos

- « O seio t'inflamavão?... desmenti-as.
« Tu te lembras daquelle ousado arrojo
« Com que ao futuro ufano me atirava
« Sem jámais tropeçar por ti sustido?...
« Tu me faltaste!... já precipitei-me.
« Oh meu pai!... teu amor forjav' o encanto
« Da minha felicidade e tu morreste!
« Teu amor, que era immenso como os mares,
« Como o Céu bello, fertil como a terra,
« Brilhante como o sol, puro e sublime
« Como um olhar de Deos, roubou-me a morte.
« Meu pai sem conductor que póde um cégo?...
« Tu eras o meu anjo, e me guardavas;
« Desvairrei-me sem ti; paixão nefanda
« Escravo me deshonra; achou-me o inferno
« Sem o meu anjo, e á perdição me arrasta.
« Louco me sinto e entrego-me possesso
« A um crime.... horrivel, 'derradeiro appêllo.
« Não posso mais com a vida! odeio um mundo,
« Que nas garras me aperta, e despedaça;
« Odeio a terra.... não! meu pai, perdoa,
« Eu amo a terra, que teus restos cobre!
« Eu só detesto a vida; em prazo breve

« Desse fardo pesado hei de livrar-me.
« Pela ultima vez o sol no occaso
« Vi-o ind'ha pouco; despontar brilhante
« Não o verei mais nunca ; a noite é esta
« Sem termo para mim ; a eternidade
« Das trévas abafou-me antes da morte.
« Oh meu pai ! oh meu pai ! quebra essa lage ,
« Abre esse tumulo , estende-me os teus braços !
« Chega-me a ti ! reparte com teu filho
« Da paz o leito !... dormiremos juntos,
« Pai e filho , abraçados docemente !...
« Não respondes ?... é muda a cinza tua ?...
« Não devem misturar-se ossos de um filho
« Com os ossos de seu pai ? pois bem ; lá em cima
« Prenderá laço eterno as nossas almas.
« Meu pai ! meu pai ! o extremo adeos da vida
« Reccebe de teu filho !... adeos.... á terra
« Nada me prende....

« E minha mãe ? ! »

XI

Tremendo

O infeliz Trovador ergue-se afflicto ;
Com as mãos aperta exasperado a fronte,
Amargo pranto verte , geme . arqueja ,
Tão preso ao mundo a devotar-se á morte!
Nada iguala as torturas que o trucidão,
Afogado na dôr a custo rompe
O lacerado seio um grito ancioso
E « minha mãe! » é « minha mãe! » bradando,
Por entre as campas delirante vaga.

XII

Pela nave da ermida sôão passos ;
Murmurão vozes que o cuidado abafa ,
Qual conversar de amigos lastimosos
Junto ao leito de enfermo moribundo
Que descansa a dormir. Emfim s'escuta ,
Mais distincta que as outras , voz sonora ,
Que une a tom senhoril doçura extrema.

« Quero entrar só, a sós orar desejo;
« No atrio ide esperar-me. » Pela ermida
Dos passos o rumor espalha o écho
Que aos poucos vai morrendo, e todo extinto
Reina o silencio ás orações propicio,

XIII

Estranho ao mundo, acabrunhado ao peso
Dos tormentos horriveis que o devorão,
Sem ouvidos p'ra o som, p'ra luz sem olhos,
Vivo só no soffrer d'intimas dôres,
Infeliz Trovador afflicto vaga
Pelo campo da morte; féra antithese
Ali a mão do acaso está mostrando
Nesse penar de um vivo ao pé dos tumulos,
Onde dormindo tantos nenhum geme!
Quem é que pensa e não desama a vida?...
Quem não prefere esse dormir eterno
Que olvida as mágoas todas, aos labores
Da vigilia fatal, que nos tortura
Com o futuro, que as duvidas ennublão,
Com o presente, que barbaro flagella:

E com o passado, vasto mar de lagrimas
Em que a memoria o coração afoga?...
Inda bem que o Senhor doces amores
N'alma nos accendeu; se elles não fossem
Seria o mundo um barathro medonho:
São esses laços que sustêm a vida,
E fingem tormentosa a morte placida.

XIV

Misero Trovador! já lhe não resta
Uma, uma só das illusões de joven!
Á força de soffrer cerrado e árido
É o seu coração como um sepulchro
De amores e esperanças! mão gelada
De fortuna cruel mirrou-lhe n'alma
A força e a paciencia; nada espera,
Nada mais quer do mundo insano e fero,
Onde o homem correndo após fantasmas
Abraça a cada passo um desengano.
Pesa-lhe a vida, extremo desvario,
Fatal inspiração do mundo ainda,
Como uma lava de infernal cratera,

Offusca-lhe a razão . e cégo, e louco,
Nas garras do suicidio Deos affronta.
Ha de morrer; que o decidiu; piedoso,
(Não para si) no tumulo paterno,
Tudo quanto inda tinha de virtudes,
Fé, saudade, esperança, amor, coragem,
N'uma lagrima só derramar veio.
Nada falta.— Oh que sim! —terna lembrança
Da velha triste mãe, que afflicta chora
Pelo filho perdido, a mente assoma
Desse que a raiva da paixão transvia,
E o desgraçado que aborrece a vida
Sente-se ainda encadeado á terra.

XV

Ei-lo vai anciado e a largos passos
Medindo o campo funebre; uma a uma
Em su'alma revolvem-se as delicias
Que ao maternal amor tantas devêra.
Carinhos lembra que gozára infante;
Celestes risos que pagavão beijos;
Olhos, olhos de mãe nadando em fogo

Ao contemplar o filho; os mil cuidados;
As noites de vigilia repassadas
Em que junto a seu berço como um anjo
Rezava *ella* por *elle*; o som escuta
Da terna doce voz que o está chamando;
Sente a impressão do affectuoso amplexo,
Em que o seio materno ardor e vida
Como que passa ao coração do filho;
Depois de horror tomado, hirtto, tremente,
Adivinha essas lagrimas de sangue
Choradas sobre os restos do suicida.
É matar sua mãe, matar-se um filho.
O misero o comp'rende, e vivo ainda
Do crime que medita a pena soffre.
Agitado cem vezes tem corrido
O páteo já; a noite é fria, e um fogo
Queima-lhe o seio; o ar é puro, e o triste
Ancia suffocado; mas de chofre
Pára, e immovel os olhos no altar fixa.

XVI

Aos tremulos clarões da luz dos mortos
O Trovador aos pés da cruz distingue
Um vulto de mulher que óra piedosa.
Negras, longas madeixas desenvoltas
Tombão em caracóes sobre as espadoas
Que um leve manto abriga ; inesperada
Em horas taes , naquelle desalinho ,
Essa mulher , tão só , e ali rezando ,
É qual sombra de um tumulo sahida ,
E scismando ao luar pallida e triste.

XVII

O Trovador sorpreso a contempla-la
Estático se deixa ; ergue-se o vulto ,
E desatando um soluçar magoado
Com as mãos aperta o seio , e dolorosa
Murmura : « Oh ! minha mãe ! »

XVIII

A voz mal sôa,

O Trovador ardente se arremessa
A aquella amante filha; as mãos lhe toma,
Á força a leva junto á luz; encara-a;
E ao ver-lhe o rosto, desprendendo um grito,
Recua um passo, avança outra vez logo,
E exclama: « A *Peregrina!*... »

XIX

O sobresalto

Represa a voz á virgem do deserto;
Trémula e pasma alguns momentos fica,
Té que vai serenando; os olhos volve,
E na cruz do Senhor supplice os fita,
Como a pedir soccorro.

XX

A flamma, o impeto

De indomavel paixão nos olhos fulge
Do Trovador, que fervido devora
Com famintos olhares radiantes
A mulher que idolatra; vôa o tempo....
Do extasis se arranca; cede a impulso
De irresistivel força, a mudez rompe,
O ardor abafa, e diz enternecido:

XXI

O TROVADOR.

Inda bem que o sagrado lenho attentas!
Mulher, que me enlouqueces, não compr'endes,
Que essa barreira que entre nós levantas
Só póde ser inspiração do inferno?...
Não vês que a mão de Deos nos approxima?
Aos pés do altar de Deos não vês que estamos?

A PEREGRINA.

Um piedoso dever guiou meus passos,
Funebre anniversario hoje me enluta;
Vim chorar minha mãe no altar da morte.

O TROVADOR.

Da morte embora amor o altar aceita.
 Comtigo , ó Peregrina , no aureo throno
 Do mais alto dos reis , na humilde choça
 Do mais pobre pastor , no fundo escuro
 Do mais medonho abysmo encadeado
 Sobre a cratera de um volcão nos mares
 Solto em fragil baixel , n'um antro horrivel ,
 N'um palacio , n'um tumulo , mas comtigo
 Me julgára no Céu , pois que és um anjo !

A PEREGRINA.

E no entanto — *Jámais!*...

O TROVADOR.

Oh ! não ! não digas ,
 Por piedade , ó mulher , não mais profiras
 Da maldição a phrase ; nos teus labios
 De tão puro carmim amor se aninhe ,

E uma lava infernal nunca os descobre.
Tu não sabes, mulher que idéa lugubre
Essa palavra ressicada encerra.
Jámais é o suspiro derradeiro
Que aos ouvidos da mãe, nos braços della
Em seu agonisar^m exhala um filho;
Jámais é lousa eterna, que p'ra sempre
Esmaga n'um sepulchro uma esperança;
Jámais é do demonio infecto sopro,
Que extingue a luz da vida; é cahos informe,
Em que se perde o coração nas trévas^m;
Jámais é negro abysmo, onde se apaga
Sacro archote da fé; é morte d'alma;
É do atheismo inspiração malvada;
É sentença fatal do impenitente,
Que a eternidade vai penar no inferno.
Oh! não digas *jámais*, mulher, não digas!

A PEREGRINA.

Um prompto desengano é mais proficuo
Do que falsa esperança.

O TROVADOR.

E porque falsa?...
Onde acharás amor que ao meu iguale?...

XXII

Transluz a compaixão no olhar da virgem;
Mais perto do mancebo alfim se chega,
E falla, dando á voz um tom que enleva.

A PEREGRINA.

Afflige-me esse amor, que te desvaira;
Não t'ó posso pagar; mas devo abrir-te
Uma vez, uma só, toda a minh'alma;
Praza ao Céu, que esse fogo, ao vê-la, acabe.
Insensivel não sou; a natureza
Um coração me deu, que se arrebatá
Aos impulsos de amor; se em flamma ardente
Por um homem meu scio se abrasasse,
Minha paixão o mundo espantaria;

Céga, louca, em delírios me perdêra.
Meu amado a seus pés cultos rendendo
Ver-me-hia sempre em extasis divinos.
Se eu soffresse, occultára as minhas dôres
P'ra não vê-lo soffrer; agonisante
Rir-me soubera disfarçando a morte.
Sempre a seu lado p'ra morrer por elle
Aos tumultos e á guerra o seguiria
Tão de perto. que um golpe ambos ferisse.
Eternamente unidos, nossos laços
Nem a morte quebrára; se a desgraça
M'o roubasse na vida, ás horas mudas
Da luctuosa noite a sós iria
Penetrar no jazigo, erguer-lhe a campa,
Tomar-lhe ao lado o meu lugar de esposa
Unir os labios meus aos seus de gelo
Fogo emprestando a seu cadaver frio,
E estreitada com elle em terno amplexo
Expirar entre lagrimas e beijos.
Se em meu amor porém trahida eu fosse
Uma vez.... meu furor.... oh! nem pensa-lo!
Toda a paixão se tornaria em odio,
E igual a ella atroz fôra a vingança!

Do amante e da rival no sangue impuro
 Saciára um ciume enfurecido
 E insepultos deixando seus cadaveres
 De pasto ás feras, tombaria exanime
 Ao rebentar o coração de raiva
 Ao som das maldições de um mundo estulto,
 E votada por Deos ás negras furias.

XXIII

Redobra a chamma que devora o seio
 Do infeliz Trovador ; luzem-lhe os olhos ;
 Respira a custo da paixão nas ancias ,
 E trasbordando a alma em labios tremulos
 Da Peregrina aos pés se atira , e brada :

O TROVADOR.

Dá-me pois esse amor !

A PEREGRINA.

Jámais ! — jurei-o :

Votei-o a Deos ; que o não merecem homens

XXIV

Levanta-se o mancebo ; exasperado
As vistas crava no formoso rosto
Da Peregrina ; nunca mais brilhantes
Na presa os olhos embebêra um tigre !
Raio infernal scintilla ; mas sublime
Doma a virtude a inspiração satânica ,
E o Trovador o peito comprimindo
Diz a tremer :

« Ingrata ! ingrata ! eu te amo ,
« E tu me matas, se este amor não pagas !... »

A PEREGRINA.

Jámais ! jámais ! quizesse embora amar-te ,
Prendem-me juras , e a razão m'ò inibe.

XXV

Segue um silencio de momentos breves

Dado aos combates intimos do espirito.
 Anhelito afflictivo ao peito escapa
 Do Trovador ; medita triste a virgem ,
 E um instante depois suspira e falla.

A PEREGRINA.

Fui o genio do mal que transviou-te
 Da estrada onde fulge a luz da gloria.
 Mas ah ! não te busquei. Dóe-me o teu fado ;
 Sou a flamma innocente a que se arroja
 O louco insecto que procura a morte.
 Mancebo , nunca mais na vida possas
 Ver outra vez quem motivou teu damno.
 Vou fugir-te , e p'ra sempre ; ouve no entanto
 Na minha historia o funebre segredo
 Da isenção que jurei. És o primeiro
 Que assim me escuta ; devo-te esse indulto.

Meu pai não conheci ; remorso e lagrimas
 O berço annuviarão da innocencia
 Em que juntas dormirão , gemeos fructos ,
 De um desgraçado amor , duas meninas.

Inda encerradas no materno ventre
Já nos marcára do infortunio o sello.
Quando, ao nascer, a um tempo dous vagidos,
Eu e mais minha irmãa soltámos, logo
Com sinistro piar, presagio infausto,
Agoureira coruja respondeu-nos.
De sangue o laço, um nome de familia,
Elo das gerações nunca tivemos.
Era de um crime nossa mãe a victima,
E o opprobrio seu na solidão sumindo.
Só vivia por nós, morta p'ra o mundo.
Seu pai morrêra aos golpes da vergonha
E com potente voz na extrema hora
Bradára: « Ingrata! a maldição te deixo!
« Morrerás desta dôr que me assassina,
« Das filhas a deshonra ha de matar-te! »
Esta idéa fatal pungindo eterna,
Seu coração de mãe angustiava.
E em troco, vezes mil, de nossos beijos
Nos afogando em lagrimas, tremente
Entre as suas as mãos nos comprimia,
E em soluços clamava: « Oh! minhas filhas!
« O amor dos homens empeçonha as virgens,

« Oh ! não ameis ! *jámais!* »

Volvem-se os annos ;

O ardor da mocidade ; o viço , as graças
Em nós fulgindo a mãe zelosa inquietão ;
Temendo o ocio , o tempo que sobeja
Ao religioso ensino doa ao culto
Das letras e das artes ; no sacrario
Da solidão que habita nos encerra
Como Vestaes no reservado templo ;
Mas embalde , que a furto os camponezes
Virão-nos já no placido retiro ,
E de uma vã belleza a fama espalhão.
Ah ! pobre mãe ! redobra os teus cuidados ,
Que nublado horizonte já troveja ,
E imminente annuncia a tempestade .

Aos seus dominios que demorão perto ,
Nobre e rico senhor joven faustoso
Inopinado chega ; os cantos são ,
Fervem as festas , jogos e prazeres ;
E ao clangor das trombetas , e aos latidos
Dos cães tremem florestas invadidas
Por incansaveis caçadores . Menos

A corça então amedrontou-se aos échos
Dos tiros que no bosque reboarão ,
Do que a mãe temerosa que receia
À prole horrivel damno . Esquiva foge
Ao convite que ás festas a provoca ,
E mais esconde as filhas como as folhas
Na tempestade a sensitiva cerra
Mas pouco a pouco os regozijos cessão ;
Reina o silencio no palacio , outr'ora
Pelas funcções ruidoso , e solitario
Vive o joven senhor negado a todos.
A subita mudança o povo admira ,
Que a principio a murmura e logo a olvida.
O socego renasce e os dias correm ;
Ah! não tarda porém que no semblante
Da irmãa transborde um sentimento occulto.
Seu olhar vaga attonito , perdida
Às vezes fica em magicos enlévos ,
É sempre só , á mãe e a mim se furta.
Se cuidadosa inquirio-lhe o que soffre ,
Ou não responde ou suspirando corre.
Gemo por vê-la assim , e a toda parte
Sigo-a de manso p'ra velar , por ella.

O arcauo emfim desnudo; era uma tarde,
Oh! que sinistra foi! a irmãa buscando
Entro no bosque, e á margem d'um regato,
D'um sassafráz á sombra a seus pés vejo
Transportado um mancebo; ambos s'espantão
Ao ruído que faço, o amante foge,
E ella em meus braços cahe desfeita em pranto.
Ouço a historia de amor—foi como todas;—
Quero mostrar o abysmo a que se arroja
A desgraçada, ai della! estava cega.
—Sabes tu a quem amas?... lhe pergunto;
—Um simples camponez bello e modesto,
Que teme ver desmerecer-lhe extremos
A pobreza que a vida lhe amesquinha.—
—Precautela-te, irmãa! torno-lhe ainda;
Raro se esconde no mysterio a honra;
No amor do camponez agouro insidias.—
—Elle me adora!—Intenta seduzir-te.
—Não, que jura ser meu.—Seus juramentos
São artificios perfidos.—E o seu pranto?...
Ha quem miuta chorando?...—O riso, as lagrimas
Sabe tudo fingir a face do homem.—
Ah! de balde fallei; estava surda:

Só escutava amor; só de amor cuida;
Tudo me conta, e impõe logo um segredo
Que sellou com seus beijos nos meus labios.

O que mais succedeu já tarde o soube.
Um dia ás horas em que o sol descamba,
E o crepusculo da tarde a terra encanta,
Minha irmãa, que a paixão não mais reprime,
Arrojada penetra o bosque insano;
(N'alma em que ferve amor não ha prudencia.)
Do sassafraz sentada á sombra espera
O amante que já tarda; sem que o pense,
Em doces devaneios se arrebatá,
E sonha sem dormir; subito acorda
De susto a um grito; e os espantados olhos
Lançando em torno, a um lado vê o amante,
Que a espingarda ajustando a fronte pallida
Vai desfechar um tiro, e d'outro horrivel
Monstruosa serpente erguendo o collo
Prestes a dar o salto sobre a victima;
Era a morte a seus pés; de pavôr cheia:
« Soccorro! » brada, o tiro se despede,
A serpe se espedaça, e inda aterrada

Do amado aos braços a infeliz se atira.
O delirio completa a obra do medo ;
Susurrão auras de um profano beijo .
Fere no seio outra serpente a virgem ;
E ultrajado da pureza o anjo
Geme fugindo e perde-se no bosque.
Misera irmãa ! surgiu-lhe ao pé do crime
Logo o remorso, e prestes o castigo.
O falso amante a mascara tirando
Do horrivel seductor a face mostra ;
O simples camponez despe a pobreza ,
E do joven senhor as galas traja.
A infamia se consumma ; quando a victima
Do peito arranca mais crueis gemidos ,
Entoão cantos festivaes convivas
Do feliz seductor , graças louvando
Da rica herdeira, que o hymenêo lhe entrega.
Do consorcio fatal rebenta a nova ,
Qual raio que fulmina ; a irmãa desmaia ,
E quando em nossos braços torna á vida
(Antes logo morrêra) estava louca.
Viveu um anno em dôr sem lenitivo
Até que Deos enfim se amerciando

Dessa martyr de amor, fez della um anjo ,
Qu'ao Céu o vôo alçou ; misera douda
Reconquista a razão ao pé do tumulo
Terna me chama.... chega-me aos seus labios ,
E murmura a chorar : « Irmãa ! não ames !
« O amor dos homens empeçonha as virgens ;
« Oh ! não ames.... jámais ! » e nos meus braços
O alento derradeiro exhala e morre.

Ah ! mal pude chorar a irmãa querida !
Fôra o golpe tremendo ; enferma e velha
Não lhe resiste a pobre mãe : frenetica
A maldição do pai recorda, e ou véle
Ou durma, na vigilia e em sonhos clama :
« Morrerás desta dôr, que me assassina ;
« Das filhas a deshonra ha de matar-te ! »
E uma noite, prevendo o ultimo trance
Manda que a leve ao tumulo da filha ;
Chega prostra-se, e óra ; após erguida
Brilhante, fixo olhar febril me crava ,
E desprendendo a voz convulsa , falla :
« Eu morro ! ella me chama.... e tu me perdes ;
« Quero salvar-te ao menos ; de joelhos !...

« De joelhos , oh ! filha , e sobre a lage
« Que os restos cobre dessa triste martyr
« Jura de tua irmãa pelo cadaver ,
« É pelo meu , que a morte já presinto ,
« Jura , sim , que *jámais* nem leve esperança
« Darás de amor a um homem ; jura , ó filha ! »

Prompta me ajoelhei ; e sobre o tumulo
Da irmãa a dextra impondo , fiz solemne
O austero juramento ; um grito d'alma
Rompe de minha mãe ; « *Jámais !* » exclama ,
« *Jámais !* » e d'improviso cahe sem vida.

XXVI

Toma um soluço a voz á Peregrina ,
E inunda a face doloroso pranto ,
Como o orvalho do Céu rocia um lyrio ;
Mas logo a dôr suffoca e já tranquilla
Serena erguendo a fronte assim prosegue :

A PEREGRINA.

Eterno luto aos olhos meus vestirão
Da minha infancia os campos ; fugi delles ;
Quebrado tinha a morte os laços todos
Que á terra me prendião ; patrio solo
De horrendo sacrificio altar infame
Servira a um seductor , e inda saudades
Chorou-me o coração deixando o berço ,
Onde infantis me despontarão graças !
Venço longinqua marcha , e alfim descubro
Socegado retiro , em que me esconda.
A elle me acolhi buscando o olvido ;
E em solitaria vida esqueço o mundo ,
Homens esqueço ou temo , e só me lembra
Da irmãa , que expira , a voz em despedida ,
Que tremula murmura : « Irmãa ; não ames ;
« O amor dos homens empeçonha as virgens :
« Oh não ames ! *jámais!* » e o juramento
Tambem me lembra dado sobre um tumulo ,
E saberei cumpri-lo até que morra.
Ouviste a minha historia ; um laço funebre

Prende meu coração a dous cadaveres :
Deixa-me agora, Trovador, e foge,
Que *jámais* ha de amar-te a Peregrina.

XXVII

Presas aos labios da virgem se deixára
Com os olhos longos a alma do mancebo,
Que a historia lhe escutou enternecido,
E só ao termo, quando a vê chegada,
Lhe torna tristemente :

O TROVADOR.

Insanos casos
Enlutarão-te a vida, ó Peregrina
Pr'a o mundo aborrecer razão te sobra ;
Mas não punas em mim crimes alheios !
É santo o meu amor !....

A PEREGRINA.

E o juramento ?....

O TROVADOR.

Fatal delirio precursor da morte
Juras forçadas validar não póde.

A PEREGRINA.

Embora ; hei de cumpri-las ; devo , e quero.
O amor dos homens empeçonha as virgens,
E mais sublime um outro amor me exalta.
Da terra , em que sómente a dôr provára ,
Meus sentidos alcei ao Céu piedoso ;
Vi na contemplação , o que não vira
Na vida tormentosa ; concentrei-me
No mundo intimo d'alma , e seus thesouros
Pouco a pouco explorando embevecida
O mais profundo , ardente , e bello , e puro ,
Brilhou-me o amor de Deos ; oh ! sou ditosa !
Deu-me esse amor beatitude e gloria.
Vi dos olhos de Deos ao almo fogo
A vida rebentar na immensidade,
E encher a terra , o mar , o espaço , os astros.

Vi no seio de Deos , como em seus olhos
 O infinito na luz, no amor , na graça ;
 Vi Deos , a perfeição , o bello eterno
 Todo se dando aos gozos de minh'alma :
 Goza-se Deos, e o gozo não fatiga ,
 E no extasi o gozo beatifica.
 Em supremas delicias, Deos amando ,
 Toda no amado seu se embebe a alma.
 É um fogo este amor ; mas não devóra ,
 Eleva-nos ao céu antes da morte.
 É o nó sagrado de hymenêo divino ,
 Que ao meu amado e meu Senhor me aduna.
 É Deos o esposo que a pureza vela ,
 Da virgem que em celeste amor se abrasa ;
 Quanto mais pura mais esposa é ella ,
 E eu sou pura ! sou delle ! a Deos só amo !

O TROVADOR.

Mais que nunca te adoro, ó *Peregrina!*
 Rutilas como um anjo sacras flammæ ;
 Mas vê que sem que o penses Deos offendes.
 Não são das virgens só as alvas frontes

Que cingem c'róas da divina graça ;
Tambem Sara e Rachel, tambem Rebecca,
Flôres são do Senhor e ledas fulgem
No excelso paraíso. A sacra chave
Que abre as portas do Céu é a virtude,
Fonte de amor sublime ; Deos acolhe
Ao seio a virgem como acolhe a esposa,
Se a virgem como a esposa é digna delle.
Vem! sê minha! sê minha, ó *Peregrina!*
Vem ao templo sagrar eternos laços
Que a Deos são gratos, e a pureza applaude;
Cumpre a lei do Senhor dobrando o collo
Ao amor, que é do mundo luz e vida.
Ser — filha, — esposa e mãe, eis o destino,
A triplice missão que á mulher coube.
Deos abre a flôr p'ra annunciar o fructo,
E faz que exhale amor em seus perfumes!
Oh! *Peregrina!* attende, é Deos que ordena;
Abranda essa isenção! amor me paga!...

A PEREGRINA.

Jámais! Jámais!

O TROVADOR.

Escuta: hora solemne

È esta p'ra nós ambos. Não simulo
Ardores falsos; tenho n'alma o inferno,
E um negro pensamento a obumbra toda.
È solemne esta hora, e nella é força
Que ou a morte me dê ou flicidade.
Sem tí não quero a vida; o mundo é órcio
Horriavel, se a esperança em nós se apaga;
E as esperanças todas tu resumes,
Que me raiavão tantas! sim, decide;
Algoz ou anjo, falla: ou mata ou salva.
Ah! desejo viver! salva-me, ó anjo!
O teu amor póde encantar-me a vida,
Como aos labios o riso, aos céos a aurora,
E o teu desprezo ao barathro me atira.
Não vês como te adoro?... nestes olhos
Não fallão chammas?... nestes labios tremulos
Não falla a convulsão?... no macillento
Já descarnado rosto a dôr não falla?...
Não falla mais que tudo esta demencia

Que á perdição me arrasta?... ó *Peregrina!*
 Nem mesmo eu sei com que paixão te adoro!
 Não é da terra, não, que eu sinto nella
 A eternidade que é dos céos a essencia:
 Do céu também não é que a vejo ás vezes
 Em raiva transformada, e a raiva é crime.
 Oh! talvez que ella seja o amor do inferno,
 Se desprezo invencivel.... não, não debes!
 Amo-te muito! não serás ingrata.

A PEREGRINA.

Assim fallava o camponez fingido!

O TROVADOR.

A traição com a virtude não confundas.
 Aqui, no altar de Deos, vem que eu te juro
 Dedicar-te com amor a vida inteira.
 Pelo sol que aviventa a natureza,
 Por minha honra emquanto vivo, e morto
 Por minha alma que aspira á eterna gloria,
 De meu pai pelas cinzas que me escutão

Do tumulto em que jazem ; pelos seios
 De ternura e de amor fontes sagradas,
 Onde infante bebi materno leite ,
 Por Deos emfim ! por Deos que lê nas almas,
 Por Deos que a meu favor agora impréco ,
 Juro-te amor profundo , infindo e santo.

A PEREGRINA.

O Camponez fingido assim jurava !

O TROVADOR.

Oh ! paga-me este amor !

A PEREGRINA.

Jámais !

O TROVADOR.

É muito

Basta , que é muito já ; de ti me aparto

E te deixo, mulher, atroz remorso.
És meu algoz, podendo ser um anjo!
Ainda uma palavra—a derradeira,—
E depois nunca mais vivo has de ver-me;
Que morto.... pôde ser!—não creio ao menos
Que este amor esfriar consiga a lousa,
E talvez minha sombra triste.... pallida
Venha seguir-te na mansão da vida;
Então não a maldigas...: não me odies
Na eternidade já.—Adios! eu parto;
Minha misera mãe desamparada
Na terra fica em afflições submersa,
Peregrina, consola-a! tu que és causa
De lhe morrer a prole, se poderes
Chora com ella, que nos trances d'alma
O pranto só se adoça com outro pranto.

A PEREGRINA.

Tanta fraqueza n'um christão é crime.

O TROVADOR.

Fallas em crime, tu?... mas ah! qu'importa?...
Sim, criminoso sou; sondei o abysmo,
Onde as furias que esperão o suicida
Garras esteudem já; sou criminoso!
E eterno, como o amor que inspira o crime,
De minh'alma o tormento ha de punir-me.
Que destino fatal! paixão nefanda!
Vivo, esse amor que o seio dilacera
Pelo mundo me lança exasperado,
Qual reprobó Caim que errante vaga
Da maldicção de Deos seguido sempre;
Morto, esse amor atira-me ao demonio,
Que em horridas torturas me flagella
Seu acabar de atormentar-me nunca!
Mulher, triumphá! a perdição cumpriu-se;
Já uma alma de mais deve-te o inferno.
Teus encantos, mulher, insidia occultão,
De flôres são um perfido tecido,
Que a boca escondem de medonho abysmo
Em cujo fundo a morte aguarda a presa.

Accendeu-te satan o olhar de fogo ,
 Como tu também olha a serpe ás vezes !
 No rir dos labios teus philtas veneno
 E em teu doce fallar canta a perfidia ;
 Toda inteira és traição frio egoismo ,
 Mentira hypocrisia ! eu te abomino ;
 Mulher que me perdeste , horror me causas !
 Eu te detesto... vai-te—foge...—oh!... pára!...
 Não fujas, não ; perdoa ao desvairado ;
 Peregrina , eu te adoro , muito ! oh , muito !
 Sempre , cada vez mais , não me repillas ;
 Peço-te a vida... a vida... eu quero a vida!...
 Amor !

A PEREGRINA.

Jámais ! jámais !

XXVIII

E d'improviso

Das mãos do Trovador que aos pés lh'estava ,
 Arranca a virgem mal seguras vestes .

E veloz do temor nas leves azas,
Do mudo páteo arrebatada foge.

XXIX

Ergue-se rapido o infeliz amante .
E qual após a vida, corre presto
Da virgem fugitiva em seguimento ;
Das campas a través cégo se atira,
N'uma lousa tropeça , e cahe sobre ella ,
Fere a cabeça (tinge o sangue a pedra) .
E ainda ao desmaiar « amor ! » exclama,

XXX

E em vez de amor « jámais ! » responde o écho,

XXXI

Da noite as brisas e o ceeste orvalho
Chamão á vida o misero mancebo.
Pesada a fronte erguen ; apalpa em torno .
E encontra a lousa e pó ; sinistra idéa

Em sorrir de ironia se transforma
D'alma passando aos labios ; pó e lousa !
Irrecusavel fim da humanidade ,
Da raça humana desengano certo !
A lousa ! o mudo asylo do cadaver ,
Umbral da eternidade , arca de olvido ,
Escura porta de um mysterio immenso !
O pó ! o corpo do homem , que o homem pisa ,
Plebéa origem da criação vaidosa ,
Miseria que o pastor e os reis irmana ,
Nada tremendo , que é da vida o *tudo* !...
A lousa e o pó — a eternidade e a morte !

XXXII

Os olhos inda turvos lança em torno
O infeliz Trovador ; na dubia mente
Vão-se as idéas ordenando aos poucos
Como do inverno nas manhâas nublosas
De um mar de cerração que o sol desmancha
Surgem montes agora , logo outeiros ,
Ilhas verdes n'um lago côr de prata.

XXXIII

Só, isolado na mansão da morte ,
Quasi no cahos das trévas engolphado ,
Pois que apenas soluça triste lampada
Vacillantes clarões de luz de angustia ,
Como arrancos finaes de um morihundo ,
O Trovador medita ao pé de um tumulo ,
E sobre as campas que ao redor se alinhão .
Sentinellas do pó , ficções dos vivos ,
Pelos póros das lousas traspassando ,
Melancolicas velão mudas sombras .

XXXIV

O meditar sem luz é sempre amargo ;
São todos côr da noite os pensamentos ;
No emtanto irreflectida a alma se deixa
Da tristeza levar , qual flôr mimosa
A torrente em que cahe , se abandonando
Arrebatada vai , onde?... nem sabe....
Talvez a um antro , que devora as flôres .

XXXV

Longa hora passou, e inda scismando
Se olvida o Trovador; mas na capella
Outra vez se ouvem passos; pelas fendas
De arruinadas paredes fraca embora,
Vem uma luz adelgaçar as trévas;
Ao estranho ruido os sonhos d'alma
Espantão-se o mancebo volta ao mundo
Ergue-se e attenta do jazigo a porta.

XXXVI

Um vulto de mulher visita os mortos
E é qual refere a tradição do povo;
Traja negros vestidos, seus cabellos
Da idade o gelo embranquecêra todos,
E uma lanterna, que sustem a dextra,
Aos pés, que arrastão já, mostra o caminho.
Tinha o povo razão, não mente a crença;
Eis quem accende a lampada funerea;
Mas será sombra ou alma de um finado?....

XXXVII

Procura embalde o Trovador conter-se ;
Presto e violento o coração palpita ;
Não póde — vai ; ao vê-lo approximar-se
O vulto pára , e firme espera ; um passo
Apenas entre os dous medeia agora ;
Lanterna , que se ergueu , luz no semblante
D'um e d'outro a um só tempo , e cahe por terra ;
Morre a chamma ; dous gritos se desatão ;
« Meu filho !!! minha mãe !!! » solução ambos
Mãe e filho abraçados ternamente.

XXXVIII

Emfim triumpho o coração do pranto ;
Perdura ainda o agonisar de lampada ,
E esses clarões de longo espaço accesos
De amor aos olhos são riqueza agora.
Onde chega mais luz os dous se ajuntão ,
E como louca embevecida a velha
Sem fallar (que a surpresa voz lhe toma)

Vai com as tremulas mãos palpando o rosto,
Os cabellos . os olhos, seio e braços
Do amado filho . que tambem não falla;
Os vestidos lhe beija, as mãos, a fronte,
E de novo a chorar banha-se em lagrimas,
E o abraça outra vez, e afaga e beija.

XXXIX

Alma cheia de amor quer mil caminhos,
Em que do affecto as explosões trasbordem;
Não basta o pranto, a voz se desenlaça.

A MÃI.

Meu filho! és tu?... és tu, meu filho amado?...
Tu voltas a meu seio?... o Céu te manda?...
Oh! meu Deos, que fiz eu p'ra valer tanto?!...
É meu filho! elle mesmo.... vive ainda!
Oh! dez annos de ausencia!—e tu não fallas?!
Falla! o nome de mãe sôe em teus labios;
Quero ouvir tua voz.... preciso.... quero....

O TROVADOR.

Oh! minha mãe! melhor do que os meus lábios
Não te responde o pranto que derramo?...
Minha mãe!...

A MÃI.

Sim.... é elle.... a voz é delle!
A voz do filho amado!... basta: agora
Não falles mais.... escuta-me sómente;
Deixa esgotar as fallas de dez annos,
Que em silencio sem ti passado tenho.
O coração, tu sabes, ficou mudo,
A ninguem mais ouviu, ninguem o ouvia.
Ah! porque me fugiste?... onde é que fôras,
Que amor como o de mãe achar pudesses?...
Filho! filho! uã mãe.... (só mãis o sentem)
É o symbolo do amor mais puro e santo,
Amor que nunca esfria e sempre avulta,
Qualquer que seja o tempo o trance, o fado.
Extremosa, nem vê do filho os erros;

É feliz só com a dita de seu filho ;
Só desgraçada se a desgraça o fere.
Se um crime o nodou, mesmo no crime
Ama-o sublime desdenhando o mundo ;
Que tem com o mundo? o crime, que lh'importa?
Lá no Céu está Deos p'ra perdoa-lo ,
E ella na terra para amar seu filho.
E podeste fugir-me?... assim dez annos
Esquecer tua mãe? ingrato! ingrato!...

O TROVADOR.

Ah ! minha mãe ! perdão !...

A MÃE.

Quero eu punir-te?
Punir-te quando voltas aos meus braços?...
Sentes que has sido ingrato? amo-te em dobro
Agora que volveste arrependido.
Abraça-me outra vez; oh ! são dez annos
Perdidos sem beijar meu caro filho !...
Dez annos vôão do prazer nas azas;

Quando os dias porém conta a saudade,
 Os instantes são annos que se arrastão.
 Custão muito dous lustros de amarguras!...
 Vê os vestigios seus; olha, meu filho,
 Aquellas negras tranças anneladas,
 Enlevo de teu pai, não vês grisalhas?
 Na dôr envelheci, c'rôa-me a neve.
 Aquelle esbelto corpo onde a magia
 Da graça scintillou, não vês curvado?
 Tronco velho quebrou-me a tempestade.
 Olha....

O TROVADOR.

Não mais; que ralão-me os remorsos!
 Leio o meu crime no materno aspecto.
 Sou maldito de Deos! tinha em meu seio
 Sagrada flôr que Deos ali plantára,
 E plantei ao pé della a flôr do mundo.
 O seio me envenena a flôr profana,
 E seus effluvios miasmas são pestiferos;
 'Stá profanado o seio; eu sou maldito!
 Esqueci minha mãi, sou réo de infamia,

Sou maldito de Deos, sou condemnado!

A MÃE.

És meu filho! por mim Deos te perdoa.
Que temos com o passado? elle é dos mortos;
O futuro é do Eterno, e a f'licidade
No presente inebria as almas nossas.
Perpetuemos, filho, esta ventura;
Nunca mais féra ausencia nos separe,
E p'ra sempre lançado ao çahos do olvido
Esse funesto amor....

O TROVADOR.

Ah! que o despertas!...
É um flagello d'alma que incessante
A vida me attribula; é negra sina;
Mão de fogo que dilacera o seio,
Iman da maldição que attrabe-me ao crime;
Esqueleto fatal que se mascara
De anjo com o rosto, e n'um gelado amplexo
Em seus braços de ferro me suffoca;

Embora!..., inda esse amor póde em mim tudo!
E embalde o tento, seus grilhões não quebro.

A MÃI.

E has de fugir-me?...

O TROVADOR.

Minha mãe, perdôa!

Pelo que faz o louco não responde,
E é loucura este amor: tremendo golpe,
Sinistro, embora, inevitavel sendo,
Cumpre dispôr o animo a soffrê-lo;
Hoje, amanhã, inesperada, é certo
Que a morte chega a todos nós um dia.
Não é desgraça a morte, é paz eterna;
Não te exasperes pois; morreu-te o filho;
Este que vês aqui é sombra d'elle.
É viver esperar. — eu nada espero. —
Já não vivo, só falta entrar no tumulo.

A MÃI.

Ingrato filho! assim da mãe te esqueces?...
Assim tu me abandonas?... Deos piedoso!
Ai! vou desamparada errar na terra,
Enferma e velha, sem que um braço tenha
A que me arrime nos cansados annos!
Morta os olhos ninguem virá cerrar-me,
Nem rezar por minh'alma ao pé da campa!
Quem dirá que sou mãe e tenho um filho?...
Ingrato, dei-te a vida e tu me matas!
Oh!... tua mãe!... que já te amava anciosa
Antes mesmo que a luz visses do mundo,
Invisível sentindo-te no seio!...
Que por ti vezes mil volvêra os olhos
De uma esperança dubia para a morte
Do seio para o tumulo volvendo-os!
Que ao teu nascer a dôr provou suprema;
Que a teu grito primeiro a alma tremeu-lhe;
E a teu primeiro rir chorou de encanto!
Que vivia de olhar-te, e a cada instante
Com seus beijos o rosto te inundava:

Que feliz por te amar, sempre extremosa
 Deu-te o seu leite; que te déra a vida,
 A propria salvação, nada pedindo.
 Ou só pedindo affagos e sorrisos!...
 Oh! filho! e tu me esqueces? tu me deixas?
 Queres morrer... matar-me? e por quem morres?
 O olhar de uma mulher estranha em tudo,
 Talvez um riso ou phrase astuciosa
 Mais que o materno amor merece e póde!...
 Féra contradicção! vil natureza,
 Que faz de um filho amado um filho ingrato!...
 Detesto essa mulher!... e tu comigo
 Aborrecê-la deves!... sim, maldita,
 Ella que te despreza e que me usurpa
 Um coração meu só! és meu!... gerei-te!
 Meu filho, ella te odeia, eu te idolatro!...

XL

Da *Peregrina* a barbara esquivança
 Sem o golpe medir a mãe recorda;
 E as phrases são n'alma do mancebo
 Como o tinir dos ferros e cadêas

Aos ouvidos do afflicto prisioneiro ;
Assoma-lhe com a dôr impia demencia,
Olvida a mãe que chora , e truculento
Nas garras do delirio estrebuchando ,
E os dentes a ranger, responde em furia.

O TROVADOR.

Eu sei que ella me odeia , e eu amo ainda !
A sorte foi lançada , o inferno ganha.
Vês , triste mãe , a lua tão brilhante
Que no Céu se deslisa ? vês na extrema
Do horizonte a montanha que negreja?...
É esse o abysmo em que se afunda a lua ;
E esta noite (a sentença está lavrada),
Quando no seio da montanha escuro
A lua s'embeber , hei de embeber-me
No mar tambem , que açouta a *Rocha-Negra*.

A MÃE.

Meu filho!...

XLI

Era arrancado das entranhas
Esse brado de mãe; mas de repente
Some-se a lua atrás de negra nuvem,
E a lampada exhalando extrema flamma,
Extingue-se de todo; afflicta a velha
la entre os braços agarrar o filho,
Mas na sombra perdida cede ao instinto,
Corre á lampada.... embalde.... reinão trévas.

XLII

O Trovador aos impetos do affecto
Vaga de novo em torno dos sepulchros;
Vive ainda ou nem vive, qu'insensivel
Tomado de uma inercia irmãa da morte
A poucos passos cahe sobre uma campa,
E sentado a sorrir um riso féro,
Que bem coubera aos labios de um possesso,
Nada vê, nada escuta e nada cuida.

XLIII

Em vão a infeliz mãe procura o filho ;
Brada por elle , e só responde o écho ;
Ululando a correr estende os braços
Para nas trévas apanhar o ingrato ,
E só trévas abraça ; arrebatada ,
Talvez longe suppondo o desgraçado ,
E sem que a idade lhe demore os passos ,
Rompe rapida em marcha desabrida ,
Furiosa , terrivel como a tigre ,
A quem um caçador matára a prole .

CANTO V.

A MÃE.

I

A noite se adianta ; dorme a terra ;
Inflamado batel no Céu resvala
O espaço abrilhantando argentea lua ;
Chorão as nuvens lagrimas de orvalho ,
E as auras que bafejão perfumadas
Da terra um doce respirar simulão ,
Que serena dormindo sonha amores
Embebida na luz propicia ás fadas.

II

Sobre collina que avassalla em torno
Valles formosos de eternal verdura,
D'entre os bosques assoma, rindo aos bosques,
Da solidão princeza graciosa,
Do deserto ufania, linda casa,
Que aos clarões do luar candida alveja.
Em roda e pelo outeiro se desdobrão
Jardins, cujo cultor só planta e zela
Flôres, que odor exhalão; nos arbustos
Aves se aninhão sonorasas todas;
Perto murmura somnolento arroio,
Onde se espelhão leques de palmeira,
Que ao bafejar dos zephyros balanção.

III

A noite se adianta; dorme a terra;
No solitario lar, flôr da collina,
Doce repousa placida innocencia:
Na habitação da paz o somno é facil.

IV

Insolito labor de um dia acerbo ,
Do jazigo a visita, a scena ardente
Representada á face dos sepulchros ,
Triste lembrança da materna perda ,
Tudo convida a Peregrina ao leito.
Ah ! que nem sempre ahi mora o socego ,
Que delle sequioso o vivo espera ;
Nem sempre varre d'alma um somno amigo
Os cuidados que a vida vão mirrando.

V

A casa do deserto é casto albergue ,
Em que morão sómente moças virgens ;
Formão donzellas côrte á Peregrina ,
E em perfumes e cantos engolphadas
Fruem ali o nectar da virtude.

VI

Mas é noite; em seu manto de papoulas
Às donzellas acolhe um brando somno.
Em vasta sala que as janellas abre
Para o remanso de escolhidas flôres,
Descansa a Peregrina; em doces ondas
De perfumes fagueiras vêm as auras
Brincar com as télas de virgineo leito;
Da mãe de Deos a imagem sacrosanta
Em aureo quadro á cabeceira pende;
Dorme feliz a candida donzella,
E das roupas finissimas e brancas.
Sob as quaes lindas fórmãs se desenhão
Um collo, que no alvor supera a neve,
E um rosto divinal surgem formosos,
Onde estão os encantos pullulando
Através das madeixas atrevidas,
Que soltas vão pousar no seio e face,
Nublando graças que paixões accendem.
Um braço nú, que das cobertas foge
Typo de perfeição meigo se dobra,

As télas conchegando ao niveo seio ,
Instincto de pudor inda no somno.
D'uma janella aos zephyros aberta
Vê-se no Céu a lua , e a lua affavel
De luz derrama enchentes sobre o leito ,
Contemplando , qual anjo adormecido ,
Immersa a Peregrina em seus fulgores.

VII

Ella dorme , e é tão leve o seu alento ,
Que ao peito foge e esvae-se imperceptivel ,
Como se esvae das rosas o perfume.
É da innocencia o habito suave ,
Que pelos labios de carmim se exhala.
Dorme feliz.... — Mas subito vacilla ;
Contrahindo-se vão da face os musculos ,
Treme-lhe a dextra sobre o peito , e aos poucos
Crescendo a inquietação , começa o trance ;
De anhelito cruel arfa-lhe o seio ;
Gottas borbulhão de suor na fronte ;
Espalha-se no rosto o espanto , ou medo ,
Perdem os labios o rubor ; os braços

Pela afflicção debatem-se agitados ;
Gemidos solta.... — a Peregrina sonha.

VIII

Mas que é o sonho ?... — Ás vezes vãa chimera ,
Brinco da fantasia o sonho é nada ;
É a illusão , que o acordar dissipa
Como o fantasma d'impalpavel fumo ,
Que ao impulso das brizas se desmancha ;
Mas ás vezes tambem emquanto inerte
Ao somno o lasso corpo se abandona ,
Em lucidez pasmosá a alma accendida
Como que invade do futuro as raias ,
O successo prevê , que é longe ainda ,
E denso véo rompendo arrasa e mostra
Arcanos que profundo esconde o fado.
Eis o sonho ; um mysterio indecifavel ,
Que o sabio não resolve , e Deos reserva.

IX

À Peregrina sonha : — treda fada

De feio aspecto e faiscentes olhos
Praguenta e má vociferando horrores
Na camara penetra e avança ao leito ;
Com as musculosas mãos , qu'aos poucos tomão
Medonhas proporções crescendo enormes ,
Pelas madeixas que enriçára o medo
Agarra a Peregrina ; um grito solta ,
Sinistra imprecação ao longe echoa ,
E de poder satanico inspirada
Através da janella invade o espaço ;
Condor do inferno pelos ares vôa ,
(Obliquo vai seu corpo) e o braço estira
Pelas tranças levando a Peregrina.
Negra era a noite ; um ar pesado e quente
Da arrebatada presa o peito ancia.
A fada vôa sempre , rompe as nuvens ;
Onde não sobem aguias , sobe altiva ;
Novo brado desprende , o mundo treme ,
Brame um trovão , um raio se desata ,
Na longe terra devisada apenas
De assombroso vulcão luz a cratera ,
Que em torrentes vomita rubras flammas ;
Desencadeia a tempestade as furias ,

Precipita-se a fada em vão rugindo ,
As vestes desenvoltas o ar suspende ,
Com os vermelhos cabellos ouriçados ,
E os pés p'ra o Céu , e a fronte p'ra o inferno
Cahe no volcão , que ao devora-la estoura ,
E a mergulha nas fervidas entranhas ,
Sulfuroso vapor lançando ás nuvens.
Fulge , logo no Céu brilhante a lua ,
A natureza bonançosa esplende ;
Mas tomada d'encanto irresistivel
No espaço abandonada a Peregrina ,
Suspensa como um astro permanece.
Baixa os olhos á terra : — o mar se estende
Immenso , e entre mil rochas uma avulta
Alta e tão alta que topeta as nuvens ,
De cujo cimo contemplando as ondas
O Trovador (é elle!) a morte invoca.
Perto e onde mais clara a praia alveja ,
Da Peregrina a sombra , qu'impalpavel
No chão se projectava , pouco a pouco
Levantando-se vai como um fantasma
E immovel fica ; exasperada velha
A breves passos ululando mostra

Na rocha o Trovador ; vôão nos ares
Anjos mil em desordem commovidos,
E suspensa no espaço, olhando ; a virgem
Vê n'um dos anjos o materno aspecto ;
Elles e a velha em lagrimas desfeitos
O rochedo apontando á sombra fallão ,
Salva-o ! clamando , e a sombra fica immovel ;
Vai dar o Trovador o salto horrendo ,
Estrebucha de dôr a Peregrina ,
E á propria sombra grita — *salva-o !* — e ainda
A sombra não se move ; ao mar se arroja
O mancebo ; — *maldita !* — os anjos bradão ,
E esse que a virgem pela mãe tomára ,
Vôa , na quéda o Trovador suspende
Leva-o nas azas e p'ra o Céu remonta ;
Em medonho dragão torna-se a velha ,
Á sombra se arremessa e a despedaça ,
E como se em seu corpo os golpes fossem
Atrozes garras sente a Peregrina
Retalhando-lhe as carnes ; fundo abalo
Revolve a natureza.... estrondo enorme
Arrebenta ; do Céu estala a abobada ,
E por entre as immensas fendas jorrão

Chammas em borbotões, e chovem raios:
Lua, estrellas no pelago se affundão,
É tudo horror e horrorisada a virgem
Desperta em ancias, arrancando um grito.

X

Tremula e cheia de pavor, os olhos
Volvendo em torno temerosa ainda,
Procura os seres que a dormir sonhára;
Menos afflicta emfim do leito se ergue,
Aos pés da mãe de Deos ora fervente,
Encommenda-se a ella, a imagem beija,
E mercê da oração tranquillizada
Volta de novo e ao somno se abandona.

XI

No sonho inda reflecte alguns momentos,
Ligeiros, curtos, porque facil dorme;
Mas outra vez o espirito agitado
A mesma, toda igual, já vista scena,
Aos olhos lhe figura:—a fada horrivel,—

O volcão que a devora o Céu brilhante
A sombra, a rocha, o Trovador e a velha,
Os anjos, d'entre os quaes n'um reconhece
Da mãe defunta o rosto compassivo
É no meio do horror que tudo abysma,
Acorda ao^t écho de apressados golpes,
E de um gemer pungente de agonia,
Que do lar solitário á porta^t soão.

XII

« Batem, senhora! »

A PEREGRINA:

Mas quem é? tão tarde!...

« Uma triste mulher que chora e grita.

« É desgraçada ou louca; ouvis, senhora?...

« De novo bate, e com dobrada força. »

A PEREGRINA.

E que pretende?

« Entrar e já fallar-vos. »

A PEREGRINA.

Dizes que chora?

« Oh! muito! exasperada

« Não sei que seja; ou se perdeu no bosque,

« Ou algum malfeitor matou-lhe o filho,

« Que a tentar defendê-la.... »

A PEREGRINA.

Abre-lhe a porta;

Traze-a depressa, e deixa-a só comigo.

XIII

Rápida e em sobresalto a Peregrina
Toma um leve vestido, e quando intenta
Da nocturna visita assustadora
Ao encontro ir correndo, arrebatado
Na camara penetra um negro vulto,
Que se lançando a ella como em furia:
« És tu?... és tu?... » pergunta.

Mal respira

A Peregrina, e treme aos olhos tendo
A mesma velha que nos sonhos vira,
No parecer, na idade semelhante,
Nos vestidos tambem, no olhar de chammas,
Nos modos e na voz.... em tudo a mesma.

XIV

A MÃI.

És tu?... responde; és tu?... depressa falla!
Ah! não vêes que um momento hoje perdido

Póde a vida custar do amado filho?...,
A lua está voando!...

A PEREGRINA.

Oh! Deos! que sonho!...

A MÃI,

És tu a Peregrina?...

A PEREGRINA.

Sim.

A MÃI,

Pois corre!

Vem comigo.... que esperas?... tu resistes?..
Pois não tiveste mai?... mãe que te amava?..
Que p'ra não ver-te morta déra a vida?..
Oh! depressa.... eis a lua.... está voando....
Sempre tão tarða, tão veļoz agora!

Oh! meu filho!... corramos, Peregrina,
Por teus pais, por tu'alma, por teu anjo!...
Tem compaixão de mim!...

A PEREGRINA.

Nada compr'endo....
Não sei quem és, nem sei o que me pedes;
Vejo que soffres; mas quem és?... responde.

A MÃI,

A mãe do Trovador....

A PEREGRINA.

Oh! sonho! oh! sonho!

A MÃI.

É tempo.... corre....

A PEREGRINA.

Onde ?

A MÃI.

A Rocha-Negra.

Não sabes que é dali qu' o amor infausto
Nas ondas afogar comsigo intenta
Infeliz Trovador?...

A PEREGRINA.

Oh! sempre o sonho !
Meu Deos, se acaso foi celeste aviso,
A mente me aclarai !

A MÃI.

E as horas fogem !
E a morte se aproxima e tu não corres!...

A PEREGRINA.

Amanhã....

A MÃE.

Amanhã.... a eternidade !

Mulher fatal não te condóe meu pranto!...
Pobre velha , ai de mim ! só tenho um filho....
Riqueza , gloria , luz , vida , esperança ,
Tudo , tudo que é meu consiste nelle ;
—E esta lua que vóa !... —oh ! Deos eterno ,
Uma hora sequer detêm a lua !—
Ah ! suffoca-me a dôr.... nem sei que digo !
Peregrina , meu filho a ti se prende !
Morre por teu rigor.... sou mãe.... piedade !
Já me roubaste o seu amor.... qu'importa ?
Faze-o viver , e seja teu sómente....
Salva-o ! salva meu filho.... ó Peregrina !...

XV

Entre o receio e a compaixão vacilla
A formosa donzella , e angustiada
A pobre velha mãe as mãos lhe aperta ,
E olhos onde fuzila o desespero
A despeito do pranto que os inunda
Como os raios do Céu na tempestade ,
No rosto lhe cravando, aos pés se atira
Da Peregrina, e de joelhos clama.

A MÃI.

Eis-me aqui a teus pés, ó minha filha!...
Não me levantes, não; só p'ra seguir-me.
Vês-me chorando?... estanca-me estas lagrimas;
Pódes querendo em risos transforma-las!
Tu és virgem christãa, porque o não fazes?...
Recorda a própria mãe quando me olhares!...
Quem soccorre a velhice a Deos venera.
Sou mãe, sou velha.... deves ser piedosa.
Está no teu poder salvar meu filho,

Anjo no rosto, cumpre sê-lo n'alma....
Oh! salva-o! salva-o!... que serás meu anjo.
Escuta: elle jurou ao mar lançar-se,
E ha de fazê-lo, que o jurou.... não tarda
Fatal prazo sinistro! — e a lua, a lua!
Ella avança, e com ella avança a morte! —
Compaixão, Peregrina!... não me attendes?
Ai misera de mim! mãe sem ventura....
Não me escutas, mulher? de mim não fallo....
Esmaga embora com teus pés meu rosto,
Insulta as minhas cans, fere o meu peito,
Despreza a velha, ri das minhas rugas;
Mas condóe-te da mãe! sou mãe! piedade!...
Quero meu filho!... sim!... meu filho amado!...
Escuta a religião.... ouve a virtude....
Ouve os anjos do Céu que estão bradando:
Salva-o! salva-o!...

A PEREGRINA.

Assim bradavão anjos

« No meu sonho também! »

XVI

Accesa em raiva

Ergue-se a afflicta mãe qu'em vão gastára
Tantas preces e lagrimas; dardejão
Odio e vingança os olhos seus agora,
E em delirio e furor convulsa exclama:

A MÃI.

Tigre qu'o aspecto de mulher simulas,
Tigre no coração, matas meu filho!
Ei-lo na *Rocha-Negra*, ao pé da morte
Inda saudoso o nome teu murmura;
A mãe olvida e só de ti se lembra,
De ti, que ouvindo tanto inda não choras!...
Ei-lo que fita no horizonte os olhos....
Some-se a lua.... o misero não treme....
Volta-se e diz extremo adeos ao mûndo....
—Adeos, meu filho!...—foi d'um salto ás ondas....
Morreu! minha esperança o mar submerge;
Tudo.... tudo acabou! —ah! nem me é dado

Chorar sobre o sepulchro de meu filho! —
Do infeliz o cadaver insepulto
Já os peixes carnivoros devorão,
Emquanto colhes tu da vida as flôres!
O escarnado esqueleto á praia ignota
Arroja o mar em ondas de desprezo,
Emquanto te sorris de gloria aos sonhos!
Pois bem, mulher, triumphas, zomba e mata;
Mas treme, que não dorme a Providencia
E é certa sempre a punição do crime.
Quando no somno tormentoso vires
Embalde a bracejar com feras vagas
Em ancias de afogado te afogando
Um mancebo infeliz, treme, que é elle!
Quando em deshoras e ao luar formoso
Frente a frente de ti por toda parte
Do bosque á beira, em solitario campo
Ou á porta do lar sinistra, immovel,
Vires pallida sombra melancolica,
Será elle outra vez! — ou dia ou noite
A dormir ou velar constante sempre
Verás do Trovador a imagem triste
Teu crime a recordar e a morte sua;

Foges?... em vão o fazes ; rezas?... choras?...
 Já tarde vêm as orações e o pranto ;
 Em vão.... em vão.... não acharás piedade ;
 Quando em lagrimas toda, as mãos cruzadas,
 De joelhos cahida a alma nos labios
 Ao Céu, á sombra, a mim perdão pedires,
 Dos remorsos na voz o Céu fallando,
 Gemendo a sombra em susurrar de brizas,
 E n'um grito de morte e de vingança
 A mãe baixando ao tumulo — em mutuo accordo
 Hão de em resposta unisonos bradar-te?
 « Sê maldita!... »

A PEREGRINA.

Maldita!... oh! não foi sonho .
 Foi a voz do Senhor em somno ouvida!

XVII

Como n'uma alma em reflexão submersa
 D'entre duvidas mil surge a verdade
 Que a mente esclarecendo espanca os erros ;

A lua, qu'encobrirão densas nuvens
De repente brillhou n'um Céu mais limpo,
Toda terra envolvendo em luz suave;
Ao senti-la estremece a mãe, que a teme,
A jaucella se lança, e clama: « A lua!...
« Lá vai.... sempre a voar! »

XVIII

No entanto afflicta

Recorre a Peregrina á Santa Virgem;
Ajoelha-se e reza; acaso embora
Ou milagre do Céu que talvez fosse,
Então da lua um raio mais brillante
Vem reflectir na sacrosanta imagem;
Da Mãe do Salvador resplende o rosto,
Onde respira o amor dos infelizes,
Um não sei que de divinal influxo
De seus olhos lampeja; o quadro é mudo,
Mas parece fallar nos seus fulgores.

XIX

Subito ergueu-se em pranto a Peregrina.
Inspirada do Céu o ardor a exalta,
Comprehendeu o fallar da Mãi do Eterno,
É toda amor e compaixão sua alma
E á triste velha qu'inda impreca á lua,
Exclama soluçando: « Deos o manda!...
« Eia! corramos! salvarei teu filho. »

XX

A noite já vai alta ; o bosque mudo
Não resôa ao cantar d'aves canoras ;
Erma estrada arenosa alveja á lua ,
E as arvores frondosas que a ladeiãõ ,
Como a espelhar-se em transparente lago
Retratão-se mercê de luz e sombras
Em crivos de mil raios sobre a arêa.
Como ao luar se ostenta a natureza!...
Mais vale assim que ao sol resplandecendo :
Quanto se pôde ver bello se mostra ,

E o que s'envolve em sombras, se adivinha
Talvez mais bello do que o fôra aos olhos!
Tal a modesta pudibunda virgem,
Qu'em dobro encanta quando um véo a eclipsa.

XXI

É tarde; é hora em que o silencio reina,
Hora de somno e paz, em que na terra
O amor, o crime e a dôr sómente velão.

XXII

Mas quem são essas duas que tão tarde
E tão velozes agitadas correm?...
Uma de vestes negras march'á frente
De cansaço offegando e de amargura;
De branco outra vestida soluçando
Á veloz companheira segue perto;
Vão como loucas ambas pela estrada
Que leva ao mar; os olhos levantados
Fitos os tem na lua, que serena
Vai no Céu resvalando indifferente

A quanto soffre o mundo que esclarece,
Como féra belleza foge esquiva,
Insensível a amor qu'inspira e olvida.

XXIII

Ai miseras ! são ellas ; a extremosa
Mãi tribulada , que rebenta em ancias
Ao só pensar na perdição da prole ,
E essa da solidão donzella ingrata ,
Que tantas esperanças extinguiu ,
E que sómente arrependida agora
Vai — tão tarde ! — a correr salvar o amante ,
E talvez , infeliz , chegar tão tarde ! —
Ah ! mal de ti , nem compaixão mereces ;
Por teu rigor foi a desgraça ordida ;
És causa deste mal , e o Céu te pune ;
Mas esse coração , que ahí vai chorando ,
Ah ! ess'alma de mãi !... Deos a sustente ;
Não podem homens , não ; morte de um filho
Consolações não acha em seio humano ;
Dôr , que devora a mãi que o filho perde ,
Eterna punge e não se apaga nunca ;

É talvez o infinito na agonia,
E só Deos o infinito comprehende.
As lagrimas das mãis recolhem anjos,
Ao Céu pertencem; que as tornou sagradas
A Virgem, tambem mãe, aos pés vertendo-as
Do Deos homem no Golgotha expirando.

XXIV

Ei-las vão; fazem dó!.... quiçá prevendo
O esforço inutil da violenta marcha,
Já não sustêm o pranto, que as inunda;
A moça vezes cem as mãos encruza
Pedindo a Deos que de um remorso a livre;
A velha então, coitada, os olhos doudos
Volve do Céu á terra de contínuo,
Do Céu vendo o que resta á lua celere,
E da terra o que falta á seus pés tardos,
Que tardos são, embora corraõ leves,
Para levar a tempo a vida ao filho.
Ás vezes de um cruel resentimento
Cedendo ao vivo impulso olhar sinistro,
Vesgo olhar, onde luz vingança e furia,

Vai arrojarse á Peregrina e ao vê-la
Como ella a correr chorar como ella ,
Em borbotões de lagrimas se affoga.
Às vezes n'alma afflicta assoma a idéa
De prostrar-se no chão e a Deos orando
Pedir que a mão potente a um leve aceno
Suspenda o curso ao barbaro planeta ,
Que ao filho ha de apontar da morte o prazo ;
Mas não pára ; rejeita o pensamento
Que uma demora impõe ; reza correndo
Entrecortando ás orações soluços.
Oh ! que horriveis , tremendas agonias
Aquella estrada erma esconde ao mundo !
São duas agonias — velha e moça ,
Mãe e amada — desgraçadas ambas.

XXV

A dôr redobra o lugubre silencio ,
Que só gemidos quebrão ; correm mudas
As duas infelizes , como ovelhas ,
Que se esquecerão do curral amigo
E tarde fogem do pavor nas azas

Escutando o branir da onça faminta.
Uma phrase sequer não trocão ellas !
Uma palavra só d'alma esperança
Não tem , não balbucia a Peregrina ,
Tirando alentos da illusão de instantes.
E que dirá a triste mãi?... não corre?...
Que mais fará?... não faz de mais tão velha?...
Lá vai.... sempre em silencio ; a longo espaço
Exclama apenas com bradar pungente :
« Meu Deos!... a lua !... » e a lua não a escuta,
E em seu nado sereno as nuvens rompe.

XXVI

Quanto da noite o astro mais avança ,
Mais augmenta a afflicção que despedaça
Aquelles corações ; e já bem perto
Da montanha fatal que negrejava
Na extrema do horizonte a lua brilha.
Pouco falta a vencer da noite a lampada ,
E muito de caminho ás duas falta.

XXVII

Com olhar que desvaira o desespero .
E de terror desconcertado o rosto,
Inquire a velha o espaço limitado,
Que entre a lua e a montanha inda medeia,
« — Dous palmos só!... » exclama angustiada,
Convulsos tendo os braços, que estendêra.
Com a boca aberta devorando os ares
Pela estrada veloz se precipita
Como douda a fugir, e em tal carreira
Mal póde acompanhá-la a Peregrina,
Que, delicada e fraca, em vão deseja,
Azas de amor de mãe nos pés não acha.

XXVIII

Lá vai! misera velha! as negras vestes
Despedaçadas já em tiras vôão ;
Brancos cabellos pelo vento erguidos
Na rapidez da marcha se desfraldão ;
Oh! quem a vira assim, turvo o semblante

Pela dôr contrahido, os olhos rubros
De chorar e em tão grande desespero,
De assombro e de piedade se exaltára.
Que horror de vulto, e que belleza d'alma!...
Fôra uma furia, se não fôra um anjo.

XXIX.

Ai! nada mais! metade já no tumulo
Sua extrema esperança está descida;
Tocou a lua da montanha o cimo,
A terra pouco a pouco se annuvia....
Resta só baça luz.... mais um momento....
Velha e moça sustêm-se, e horrivel grito
Ambas a um tempo soltão:—Desgraçadas!
A esperança acabou! sumiu-se a lua.

CANTO VI.

HARPA QUEBRADA.

I

Dos sabbados a noite as fadas amão ;
Vagão então mais livres e atrevidas
Dos malefícios a colher o fructo.
Nadando pelo ar , sylphos agora ,
Salamandras depois do Céu no fogo
Em meteoros igneos lampejando ;
Ondinas finalmente em claro lago
Na torrente ou no mar dansando á lua ,
Dos sabbados a noite as fadas amão.

E então, ai do mortal que as vê, que as sente,
Mesmo de longe em duvidosa fôrma ;
Qual miasma , subtil o maleficio
Corrómpe o sangue , o coração perturba ,
Antes que este palpite e mane aquelle :
Ninguem lh'escapa ; em toda parte existe ;
Nos vestigios que deixa em fina arêa
A fada que passou ; na branca espuma ,
Que uma onda que foge, e outra que avança
Ao s'enlear borbulhão , como a rir-se ;
No ruido de uma aura da floresta ,
Que simula a gemer perdida virgem ;
No silvo de uma serpe , ou no mugido
Da catadupa , que desaba ao longe ;
No mocho , que no trilho ermado , á noite
Piando agouros lugubre vagueia ;
Na luz qu'entorna a lua , no das flôres
Halito embalsamado em tudo paira ,
Respira, geme, ou ri, se esconde ou falla
Nas noites da cabala o maleficio.
Repelle idéas taes o sabio incredulo ;
Mas das crenças o rei , o povo as ouve ,
Nos sortilegios crê , reccia as fadas.

II

De um sabbado era noite ; na enseada
Uma barquinha só vagar não ousa ;
O pescador mais bravo foi trancar-se
Na humilde choça ao lado dos filhinhos,
Que tremulos de medo e boqui-abertos
Da mui sabida avó, a quem rodeião,
De magias escutão longa historia.

III

Gigante de granito debruçado
Sobre o mar que a rugir mesmo em bonança
Vem a seus pés quebrar-se , a *Rocha-Negra* ,
Turva , sinistra e núa ali campeia.
É o feio senão do ameno sitio,
Que luz aos raios de encantada lua ;
É n'um Céu de jasmims nuvem de chumbo ;
É n'alma de um christão atro remorso ;
É o terrivel maculando o bello ;
É o esqueleto no banquete egypcio :

Gemido , que perturba o rir da festa ;
Realidade, que evapora os sonhos ;
Throno da morte na mansão da vida ;
Phantasma da enseada — a *Rocha-Negra*.

IV

Já se approxima da agonia o prazo ;
Não tarda a *meia-noite* , hora tremenda ;
De horrivel sacrificio altar medonho ,
A *rocha* ergue-se ali, fria, impassivel ;
O mar, que será tumulo, tranquillo
Dorme, certo da presa, resonando ;
Chronometro da morte , algoz funesto
Que o funebre momento apontar deve ,
Vai placida no Céo brilhando a lua.
Altar, algoz e tumulo estão prompts ;
Falta a victima só : ei-la se mostra.

V

Do Trovador o vulto magestoso
Surge na praia , e sobe á *Rocha-Nègra*.

Núa traz a cabeça, e em dom ás brizas
Dera os cabellos bastos e annelados ;
Purpurea capa em dobras cahe do braço ,
Como de um vencedor romano a tóga ;
Serena , altiva fronte ao Céu levanta ,
Nos olhos brilha a flamma do delirio ,
E em ondas de fulgor se ateia o rosto ;
O passo é gracioso , nobre e ousado ,
Qual o do bravo , que a victoria açclama ,
Subindo o carro triumphal da gloria ;
O braço que enroscada envolve a capa
Curvo deixa que a mão pouse nailharga ;
Abraça o outro a companheira e amiga
Harpa , socia de amor , do vate esposa ,
Que em silencio reclinã-se mimosa
No hombro daquelle que lh'entende as fallas ;
Assim garboso e radiante avança ,
E ao cimo do rochedo chega e pára.
Como um conquistador , que rei se ç'rôa ,
Por sobre a multidão que o victoria ,
Grave olhar de senhor despede ufano ,
Elle volvendo em de redor os olhos
Com os labios enfeitados de um sorriso ,

Desses que aos labios dos heróes pertence,
Contempla o Céu, depois o mar e a terra,
Té que altisona voz desprende, e clama :

VI

« Vão theatro da vida, alfim deixei-te !
« Eis-me pisando o umbral da eternidade.
« Mansão das illusões, mundo ! estou livre,
« Aguia do inferno, o cysne te assoberba.
« Salve, morte piedosa ! eterna amiga,
« Que enxugas sempre do infeliz o pranto ;
« Vingança do opprimido, audaz recurso,
« Anjo da gloria, que corôa o genio,
« Inimiga do mundo, que arrebatas
« Das garras desse tigre nobres victimas ;
« Abysmo em cujo fundo a paz habita,
« Salve, doce mysterio ! salve ó morte !
« Calumniadora vida em vão pintou-te
« Hediondo esqueleto :—a vida mente !—
« Tu és pallida virgem compassiva,
« Que de uma vez a dôr n'um sopro acabas ;
« Enviada do Céu, soltas o espirito ,

« Que em carcere de pó escravo geme ;
« Aos teus olhos de amor iguaes são todos ;
« Em teu regaço que o socego aninha
« É tão doce o dormir que quem lá dorme
« Não mais desperta p'ra soffrer de novo ;
« Ave serena, que em silencio vôas ,
« Em tuas azas vão prender-se as almas
« Que dos valles da dôr ao Céu remontas ;
« Por ti se regenera o pobre escravo
« Condemnado a arrastar injustos ferros ;
« Por ti vinga-se o herôe da patria ingrata ,
« Por ti zomba da sorte o desgraçado ;
« Por ti vence o pudor salva-se a honra ,
« E em ti sómente a liberdade existe.
« O misanthropo velho, que se curva
« Já dos annos ao peso, no teu seio
« A fronte pousa e dorme eterno somno ;
« O fogo das paixões no moço apagas,
« E abres-lhe, em troco de um porvir sombrio ,
« De paz segura infindos horizontes ;
« O infante, anjo ainda, ao Céu que é d'elle,
« De Deos a um rir de amor donosa elevas.
« Oh ! maldito o primeiro dos humanos ,

- « Que deu-te por semblante uma caveira!
- « Que assignala esse horror qu'á morte emprestão?
- « O trance da agonia?... — inda é da vida.
- « Os gemidos que move?... — o tumulo é mudo.
- « O cadaver que resta?... é pó do mundo.
- « Salve suave nectar soporifero
- « Que das flôres do eden anjos distillão !
- « Rainha do silencio , morte augusta ,
- « De sigillo e de olvido arca sagrada ,
- « Desencanto do pó , assomo d'alma ,
- « Porta solemne que se fecha ao mundo
- « E se abre á eternidade , salve !... salve !...
- « Salve papoula dos jardins do Eterno !

VII

- « Humano coração , harpa da vida ,
- « Em que são notas lagrimas e risos ,
- « Com tuas glorias teus pezares mede ,
- « Compara com teus hymnos os teus carmes ,
- « Consulta as vibrações das cordas tuas !
- « Quantas mil vezes tens chorado em troco
- « De um riso só , que te brincou na face?...

« A vida é a charrua trabalhosa ,
« Que o homem pela terra a custo arrasta ;
« A vida é nossa cruz , calvario o mundo .
« Viver é ver do tumulto no abysmo
« Ir cahindo um a um nossos amores .
« Tu, misero mortal , tu que estremeças
« Ao só pensar na morte horrorizado ,
« Vive muito.... envelhece.... e alfim tocando
« Tarde o termo fatal , introvertido
« O livro d'alma lendo na memoria ,
« Tristezas só terás — flôres da vida !
« É teu passado un vasto mar de lagrimas ;
« Do moribundo pai viste a agonia ,
« Da carinhosa mãe cerraste os olhos ,
« Viste á campa descer a esposa amada ,
« Rasgou-te o coração penar dos filhos ,
« O seu morrer , o dos irmãos e amigos ,
« E afogado no meio de esqueletos ,
« Coveiro infausto , herdeiro de agonias ,
« Convidão-te os pezares p'ra o jazigo .
« Oh ! feliz de quem morre ! ai de quem fica !»

VIII

« Vasta rede d'insanias e artificios
« Mil funestas paixões na terra estendem ;
« Contra o homem o homem conspirando
« A cada passo um precipicio excava ,
« Prepara um crime, e um infortunio tece ;
« Morde do bemfeitor o seio a vibora
« Da ingratição ; o credito do justo
« Vil calumnia atassalha ; a emmagrecida
« Inveja não tolera alheia dita ;
« A prepotencia aos pés esmaga o pobre ;
« Aureo metal do chão desentranhado
« Vence a virtude , que é celestes flamma ;
« E a hypocrisia infame em toda parte
« O riso da traição nos labios tendo,
« E no horrivel semblante o véo do crime ,
« Ou da perfidia a mascara nefanda ,
« Abusando da fé , immola o crente ;
« E lutareis em vão , se a tanto ousardes ;
« Toda a luta é perdida , a quéda é certa ;
« O mal triumphha ; o mundo escravo é delle ,

« E a um só tempo são victimas e algozes
 « Os homens pelo mal , que loucos forjão,
 « N'um flagello tornando a vida humana.
 « Contra inimigo tal só Deos e a morte ;
 « Salve , portanto ó morte compassiva !
 « Salve ó morte , que a Deos nos approximas !
 « Salve papoula dos jardins do Eterno ! »

IX

Aqui parou ; da terra e Céu desvia
 Olhar seguro que afundou nas ondas ;
 Sinistro longa hora o mar contempla
 Sondando um tumulto nesse immenso abysmo.
 Paixão infrene que turbou-lhe a mente,
 Da loucura aos impulsos o abandona ;
 E elle , um christão , em desespero acaba ;
 Elle , um bravo , deshonra-se cobarde ;
 Tão virtuoso e ao crime se arremessa ,
 Na extrema perdição vendo um recurso !..
 Oh ! que fraqueza e que miseria humana !
 Para eximir-se ás tormentosas lidas
 Da vida transitoria em desatino

O suicida se expõe a eternas penas ,
E louco troca o mundo pelo inferno ,
Os homens por Satan , e a Deos ultraja !...
Eis das paixões ao que nos leva o excesso.

X

Menos sombrio ; mas agora afflicto
De novo o Trovador rompe o silencio ;
Um suspiro profundo ao peito arranca
Estende um braço emfim , com dedo firme
Aponta o mar que ás plantas lhe rebenta ,
E doloroso exclama :

« Eis o meu tumulo !

« Nelle ninguem virá chorar saudades ;

« Nem minha mãe.... ai triste!.... »

XI

Inopinadas

Sulcão-lhe as faces lagrimas sentidas,
E terno , soluçando a voz lhe escapa :
« Anjo de puro amor , mãe desditosa ,

« Perdoa ao filho, involuntario ingrato,
« Que te abandona arbusto resequido
« Em solo esteril sem cultor que o vele.
« Ah! que remorso atroz me pesa n'alma!
« Arranco infindo acerbo pranto áquella
« Que o proprio sangue me infiltrou nas vêas;
« Cubro de luto em annos de velhice
« A quem da infancia me vestira as fachtas;
« Dou morte ao seio que me déra a vida;
« Oh! minha mãi! oh! anjo de amor puro!
« Tudo te roubo.... até o meu cadaver
« Da extrema dôr consolação extrema!
« Meu Deos! de minha mãi compadecei-vos!
« Negai-me o Céu, meu Deos, mas dai-lhe amparo.»

XII

Suffocado em soluços, cahe-lhe a fronte
Nas mãos trementes; longo afflicto geme,
Mas como p'ra furtar-se ao doce imperio
Do maternal amor arrebatado,
A longos passos pela rocha vaga,
Até que pouco a pouco alma invadindo

Diverso pensamento, o miserando
Com a capa envolve o corpo inteiro, e turvo
Segue dizendo com medonho accento :

XIII

« Por minhas mãos em vida me amortalho !
« Mais um'hora e d'um salto hei de afundar-me
« No barathro que aos pés aberto vejo.
« Morro bem moço—no vigor dos annos,—
« Como arvore frondosa ao chão lançada
« Pelo choque violento da borrasca ;
« Tão moço ainda, e no soffrer tão velho ! »

XIV

Gemeu então, as mãos torce raivoso,
E ironico prosegue e desabrido :

XV

« Ufano joven que saudaste a vida
« Com céga confiança e ardor vehemente,

« Visionario que em sonhos deleitosos
« Aureos futuros desenhavas n'alma,
« Vaidoso lidador que a fronte erguias
« Em desafio ao mundo e a seus rigores,
« Fervendo em ancias de travar peleja,
« Qual ginete de guerra alça a cabeça,
« E a coma encrespa intrepido, escutando
« O clangor da trombeta bellicosa;
« Poeta do passado, onde os teus sonhos?...
« Onde a gloria, os triumphos, as corôas?...
« Como no mar soberbo a náó altiva,
« Teu coração ousado se arrojava
« Às ondas inflammadas da esperança;
« A esperança!... a illusão da mocidade!
« Foi ella o teu pharol; ignea mentira,
« Sonho da vida inteira, que sómente
« Desfaz-se ao pé da morte... oh! a esperança!
« Voluvel namorada enganadora,
« Que com um sorriso agora nos encanta,
« E logo foge esquiva e nos desvaira;
« Que ao perto ás vezes quasi qu'a abraçamos,
« E prompta nos escapa, e ao longe pára
« Dadvosa brilhando p'ra excitar-nos;

« Oh! a esperança! a feiticeira virgem,
« Que trajando se mostra lindas gallas,
« Com rosto de anjo e fórmas encantadas,
« Sempre a vencer e a seduzir com as graças,
« Jámais doando e promettendo sempre!
« A esperança! ai de quem nella confia!
« Annos espera, e um dia só não goza;
« Quando os braços lhe estende ella se evade;
« Um seculo zomba, se o homem vive um seculo;
« E apenas quando a morte, a rival sua,
« A victima lhe rouba, ante o sepulchro
« Se desencanta a virgem proditora :
« Ei-la! o rosto formoso era uã masc'ra,
« Erão de fumo as roçagantes vestes;
« Cahiu a mascara, as vestes se evaporão,
« E esse que a vida consumiu seguindo-a,
« Toca-a por fim—chimera enregelada....
« Esqueleto fatal! — eis a esperança! »

XVI

« Flôr das flôres da vida a mais dolosa,
« Flôr que veneno nos perfumes verte,

« Flôr que um espinho em cada pet'la esconde,
« A esperança fallaz, eu fui planta-la
« N'um fragil vaso furta-côr, e vario
« Que á luz exposto, iriante, muda as côres
« Sempre a cada volver a cada instante.
« Plantei no seio da traição a insania,
« N'um peito de mulher minha esperança.
« Oh! pois bem! colho os fructos da loucura;
« Minha esperança agora está n'um crime;
« E essa mulher que eu adorei, com a dextra
« (Qu'inda hoje mesmo eu preferira a um sceptro)
« Abre-me a porta que conduz ao inferno. »

XVII

E por novas idéas impellido
Sobe da rocha a ponta mais altiva,
Cahe de joelhos, ergue em fogo os olhos,
Fixa-os no Céu, as mãos eleva e clama:

XVIII

« Perdão , meu Deos ! perdão ! incauto eu era ,
« Mancebo ainda — o cégo da fortuna ;
« 'Stava em annos de fé , e na minh'alma
« Via a mulher como um divino raio
« Por ti vibrado p'ra dar luz á terra ;
« Como orvalho do Céu por ti mandado
« P'ra suavisar-nos a aridez da vida ;
« Como o iris da placida bonança ,
« Que ás horrascas do mundo o termo aponta ;
« Acreditando ouvir e ver um anjo ,
« Cahi nos laços que Satan forjára ;
« Perdão , meu Deos , perdão , se dei sacrilego
« A essa mulher adoração divina !
« Da belleza o aspecto deslumbrou-me ,
« Louco olvidei que as serpes são brilhantes ,
« E o brilhar de uma serpe seduziu-me ;
« Meu Deos , são testemunhas Céu e terra ,
« A lua , o sol , o bosque , o lago , as flôres ,
« De quanto ardor minh'alma incendiava !
« Perdão , meu Deos , perdão ; mas dos teus anjos

« Ser mais puro que o meu o amor não póde ;
« Amei como um poeta , amei um sonho ,
« Amei nessa mulher um impossivel ;
« Sangue , futuro , gloria , o amor sagrado
« De minha mãe , do anjo que me déstes ,
« Tudo , meu Deos , sacrifiquei á ingrata ;
« E em troco a tanto amor só tive escarneo ,
« Frio desprezo , indifferença horrivel .
« Oh ! mereço o castigo que me espera ,
« Mereço a pena que flagella os impios ;
« Mas á ingrata , meu Deos ! vingança eterna ! »

XIX

Do Trovador trasborda o desespero ,
Ergue-se em furia e delirante corre
A saltar pelas rochas exhalando
A immensa dôr em violentos brados .

XX

« Morrer ! morrer ! é fardo enorme a vida !
« Um suicidio... um crime horrendo.... embora !

« Vá cahir sobre o algoz o peso delle.
« Céu e terra, vingai-me! exemplo horrivel
« Dai ao mundo punindo a crueldade.
« Céu de Deos! despejai todos os raios
« Contra o monstro que amor insulta e nega!
« Terra do homem! mergulha-te nas trévas,
« Mirra teus fructos, murcha as flôres tuas,
« Teus rios secca; dira, esteril, negra,
« Ante seus passos sarças agermina.
« Mundo! retorna ao cahos; mas só p'ra ella,
« E ella que o saiba, e que debalde o chore;
« Meu Deos! dai que essa ingrata seja eterna,
« E fazei que n'um vôo os annos volvão;
« Envelheça a cruel, grisalhas fiquem
« As negras tranças; que seu rosto enrugue,
« Morrão-lhe as graças, dobre o corpo esbelto,
« E feia, hirsuta, hedionda, abominavel,
« Constante viva aborrecendo a vida,
« De todos desprezada e de si propria!
« Mulher fatal, eu morro, e por legado
« A dôr de minha mãe n'alma te deixo.
« Ao som de maldições vaga na terra;
« Adormeçe em terror temendo o somno.

« Sonha com meu espectro , e despertando
« A voz de minha mãe sinistra escuta
« Que em pragas mil arroja-te ao demonio.
« Eu morro, sim; mas não terão teus olhos
« Os meus restos por pasto da vaidade ;
« Féra, que as féras arremedas todas !
« Tigre! meu coração despedaçaste ;
« Tigre! fui teu na vida; morto, oh! nunca!
« Abutre! não terás o meu cadaver.
« Eu corro á morte.... adeos, terra nefanda!
« Fica orgulhosa dessa flôr impura ;
« Adeos, ó mundo! ó minha mãe! perdoa!
« Eu morro! eu morro! adeos! »

XXI

E em furia indomita

A capa longe atira exasperado,
Corre a lançar-se p'ra morrer nas ondas;
Mas d'improviso pára; alonga os braços,
Banha-lhe a face o pranto da saudade;
E enternecido exclama :

« E tu, minha harpa?

« Nem um adeos a ti, constante amiga?
« Oh! não! não sou ingrato, vem! cantemos
« O adeos da despedida, hymno de morte.»

XXII

Sobre o peito reclina a harpa querida,
Doce lhe afina as cordas, e mais doce
Dedilha arpejos que no espaço entorna,
E entoa um canto que do seio arranca,
Repassado de dôr e de amargura.

XXIII

E ao frio sopro das nocturnas brizas
Do sonoro instrumento as cordas gemem;
Uma rebenta já de resentida;
Mas embalde, o cantor a voz desprende.

XXIV

I

« Minha harpa, saudemos o instante da morte,
« Que é lucida aurora de eterna victoria;
« O tumulo p'ra os vates é throno de gloria,
« E a vida é o jugo do inferno e da sorte.
« O jugo quebremos, ao throno subamos;
« É bello o triumpho, minh'harpa, morramos ! »

E como pelo canto enternecida
Da harpa dedilhada uma das cordas
Rebentando soou como um gemido.

II

« O vate é proscripto que vaga na terra,
« Bem poucos lhe entendem o estranho fallar,
« Qual rocha batida das vagas do mar
« Supporta dos homens tormentos e guerra:
« Dos vates a patria no Céu achar vamos,

« Deixemos o exilio, minh'harpa, morramos! »

E nova corda estala; outro gemido
Que sahe dos seios d'harpa, e é dado ás brizas.

III

« A morte é o somno que á dôr succedeu,
« Do qual se desperta no Eden do Senhor;
« É d'alma um arroubo em ancias de amor,
« E o tumulo é a porta dos atrios do Céu.
« A morte é o somno, minh'harpa, durmamos;
« O Céu nos espera, minh'harpa, morramos! »

E outra corda rebenta, e sobre as ondas
Longo sôa tambem outro gemido,
Que triste esvaecendo aos poucos morre.

IV

« Minh'harpa não gemas, que o mundo é traidor,
« Asyla a perfidia no gremio fatal,
« Não vale as saudades de um peito leal,

« Nem ternos suspiros de uma harpa de amor ;
« Não gemas, exulta, que ao Céu subir vamos ;
« A vida é sinistra, minh'harpa, morramos ! »

Inda uma corda estala , e geme ainda ,
Como profunda queixa que exhalada
Do lugubre cantor responde ao hymno.

V

« Esposa querida, minh'harpa, vem cá !
« A hora emfim sòa do nosso hymenêo ;
« A pyra é a lua, que fulge no Céu ;
« O thalamo virgem nas ondas será ;
« A pyra flammeja ! esposa corramos !
« Aos gozos ! á gloria ! minh'harpa, morramos ! »

É a derradeira corda emfim rebenta !
Gemido extremo foi de moribunda ,
Ultima flôr que de um mirrado arbusto
Em murchidão precoce cahe na terra.

XXV

Lagrima ardente escapa aos olhos aridos
Do Trovador, que enternecido abraça
E beija a socia dos passados cantos ;
E como se fallára a um ser humano ,
Assim lhe diz com voz apaixonada :

XXVI

« Não posso, oh não, abandonar-te aos homens,
« Qual orphã triste que mendiga amparo ;
« Oh ! não te deixarei tão só no mundo,
« P'ra que te vibre quem te não mereça ;
« Talvez, quem sabe?... algum cantor profano,
« Que adulator deshonre a harpa orgulhosa,
« E varra com a poesia os pés dos grandes,
« A missão do inspirado rebaixando.
« Harpa de vate e escudo de guerreiro
« Um canto só, e um motte só proclamem.
« Minh'harpa, has de seguir-me até na morte ;
« Teu destino é o meu ; morramos juntos ;

« Os teus arpejos, que eu amei, não sejam
« De mais ninguém no mundo ; harpa querida !
« Não te reclinárs sobre outro seio ;
« Sou teu esposo acabarás comigo :
« Esposa do Indostão, teu dono segue :
« Muito te amei oh muito ! mas é força
« Que morra a amada pelas mãos do amante.

XXVII

« Adeos, minh'harpa ! oh ! doce companheira ,
« Écho fiel de meus sonoros hymnos !
« Amiga , que com risos respondias
« Ao meu prazer e ao pranto com gemidos !...
« Nunca mais te ouvirá um mundo ingrato .
« Nunca mais perderás divinos cantos
« Aos pés vertidos de uma féra humana.
« Adeos , oh sim , adeos , fada mimosa ,
« Que o doce orvalho de um consolo terno
« Tanta vez espargiste em teus arpejos
« Sobre a minha alma consumida e triste !
« Adeos meu anjo de amorosas fallas !
« Adeos , meu genio d'almas harmonias !

« Adeos , oh ! rosa , de quem fui favonio :
 « Minha irmãa , minha esposa , amiga , filha ;
 « Harpa , harpa de amor , adeos ! acaba !
 « Morre por minhas mãos... adeos, minh'harpa !..»

XXVIII

Foi seu ultimo adeos um grito d'alma ;
 Um passo recuou , e em fortes braços
 Sobre a cabeça erguendo a harpa innocente ,
 Tres vezes contra a lage arremessou-a ,
 E tres vezes bradou : « Adeos, minh'harpa !... »

XXIX

Ei-la em pedaços sobre a rocha esparsa ;
 Emmudeceu p'ra sempre o *amor que falla* ;
 E o Trovador , qual pai que ajunta os ossos
 Do filhinho na terra do jazigo .
 Um a um vai colhendo os pobres restos
 Do instrumento querido , ao peito os une ,
 Aos labios , que em mil beijos se despedem ,
 E ao coração , que palpitando arqueira.

XXX

Succede emfim á dôr o abatimento ;
Das mãos inertes cahe-lhe a *harpa quebrada* ;
Como insensível fica ; estanca o pranto ;
Os soluços que a voz lhe entrecortavão
O coração absorve, e a fronte erguendo
Misero Trovador , fugindo á terra ,
Onde não mais lhe fulge uma esperança ,
No Céu esquece uns olhos já sem brilho ,
E com magoa indizível balbucia :

XXXI

« Vate sem harpa é alma sem idéa ;
« *Harpa quebrada* coração sem vida ,
« Tudo pois consummei , agora á morte. »

XXXII

Estatico se deixa espaço longo ,
Depois como de um somno despertando

N'um profundo suspiro a dôr exhala
Assenta-se na rocha, esconde o rosto
Entre as mãos, e abysmado no silencio,
Derradeiro scismar concede á vida.

XXXIII

D'entre os vastos sendaes do fino orvalho
Noctivago batel no entanto surge
Que alveja á lua nas ceruleas aguas,
Como no campo verde o branco lyrio.
Nas brandas azas de faceiro zephyro
Vem placido e sereno resvalando
E á *Rocha-Negra* dirigindo o vôo.

XXXIV

Alvacenta barquinha graciosa,
Amor das brizas, perola das ondas,
Que entre os fulgores do luar te mostras
Ao longe duvidosa, e já tão bella!
Serás tu da esperança mensageira,
Que traga a um triste inesperado alento?...

É da ventura bemfazejo sopro
A que a véla te enfuna aura suave?...
Linda filha do mar, a quem vestirão
Com as brancas vestes, que a donzella estima,
Que quer dizer esse candor?... não sabes,
Que o vestido da noiva em côr iguala
A mortalha da virgem?... não te lembra
Que da donzella a c'roa se desfolha
N'um thalamo de amor, ou no sepulchro?...
Alva barquinha, teu candor que exprime?...
É véo de noiva, ou virginal mortalha?...

XXXV

E tu, ó Trovador, tu, que, em delirio,
Do desespero escravo, a morte evocas,
E nas garras do crime a vida afogas ;
Tu, qu'impio ousaste contra a negra rocha
Em pedaços fazer a harpa do genio ;
Tu, que no mundo a mãe tão carinhosa
A sós deixaste em horridas torturas ;
Tu, que a patria esqueceste, honra e virtude,
E o proprio Deos no suicidio ultrajas ;

E tudo e tanto porque cégo aos raios
De belleza cruel, em paixão louca,
Da ingratidão o fel tragaste horrivel;
Trovador, Trovador, tu que experimentas
Quanto é fero esse amar sem ser amado,
Que dirias se inesperada visses
Aos olhos teus qual tu votada á morte
De teu rigor uã estremosa victima?...
Trovador, Trovador, ergue a cabeça,
As lagrimas enxuga, o mar contempla,
E a barquinha que ao perto já se avisa,
Pergunta se tambem has sido ingrato.

XXXVI

Desgraça immensa, como immensa dita
A alma absorve e o coração preenche;
Nada mais fóra della occupa o homem.
Tem muito que chorar as proprias dôres,
Não enxerga o infeliz mágoas alheias:
O Trovador, da ingratidão ferido,
Mede por seu amor a desventura,
Geme ultrajado por crueis desprezos,

E todo em afflicções sempre submerso,
Nem vio, nem vê, nem mesmo ao pé da morte
Adivinha, sequer, o affecto ardente,
Que abáfado no peito de uã martyr,
Funesto amor, lhe dilacera o seio.

XXXVII

Aos poucos se appproxima alva barquinha
Já se apercebé o murmurar das ondas,
Que ella serena e doce vem cortando;
O Trovador no entanto, que engolphado
Em longo meditar olvida o mundo,
Nem ouve o murmurar, nem vê a barca.
Quando aos vôos do esp'rito se abandona
O homem que soffre, o espirito doudeja;
Zombaria ou piedade, acasos forja,
Glorias simula, e momentaneos gozos
Liba o triste, que cedo outra vez prova
Reaes tormentos, que revivem sempre.

XXXVIII

O Trovador medita, e sem que o pense .
Doces mentiras devorando exulta.
De seu pensar acerbo a alma triumphá ;
Azas brilhantes pouco a pouco abrindo
A phantasia, das formosas pennas
Ao suave mover a dôr se abrandá ,
E vai no coração adormecendo.
Em liberdade o espirito remonta
Ao vago espaço, que povoão sonhos,
E o misero embalado por chimeras
Não dorme, e sonha ; encantadôra vida
Vem-lhe sorrir festiva e dadivosa ;
A mãi, extremos toda, alegre o chama,
Acena-lhe que espere, corre e foge ;
Depois trajando de noivado as vestes
Branças, tão alvas como o branco lyrio,
Ella.... ella mesma, do passado a ingrata,
Carinhosa se mostra a Peregrina.
Que olhar o seu ! que riso o de seus labios !
Quanto amor nesse riso, e nesses olhos !

Presa á doce visão a alma se deixa ,
Esquece tudo, só da imagem cura ,
Embevecida, como aos pés d'um anjo ,
Breves instantes rapidos voárão ;
Mas d'improviso o Trovador desperta ,
Sente um ruido, ao lado os olhos volve ,
E ao ver trajando de noivado as vestes
Brancas, tão alvas como o branco lyrio,
Junto de si uma donzella.... ergueu-se,
E suspirando exclama :

« És tu?... »

Não era ;

E sentindo acordado a realidade ,
Maldiz um sonho, que dobrou-lhe as mágoas ,
Fingindo o gozo de anheladas glorias.

XXXIX

Estava a Douda, que aportar viera
Na formosa barquinha á *Rocha-Negra* ,
Como noiva vestida ; em seus cabellos
Via-se a c'rôa que engrinalda a virgem ,
E preso a elles vinha aos pés cahir-lhe

Branco véo que a pureza symbolisa.
 Não lhe accende o rubor do pejo as faces,
 Sempre de bella pallidez ; mas brilhão
 Com sinistro fulgor seus negros olhos ,
 E é mais viva tambem da fronte a nodoa.

XL

Longo tempo em silencio , e com ternura
 Indizível , a Douda apaixonada
 O Trovador contempla docemente ;
 Emfim a mão lhe aperta , e alegre falla.

XLI

A DOUDA.

Vês bem que não faltei ; é meia noite.
 Esperavas-me tu ?...

O TROVADOR.

Não ; flôr da terra ,
 Julguei-te presa ao mundo , que detesto.

A DOUDA.

Deste mundo não sou ; bem t'ó dizia ;
Minha alma delle foge , e ativa , e nobre ,
Vaga em mais alta esphera ; dos encantos
Dona , me fez das fadas a rainha ;
Já t'ó jurei ; mostrei-te a negra mancha
Que me deixou da *Nebulosa* o beijo ,
E não quizeste crer-me !... a razão tua ,
Como o teu coração sómente é cega.

O TROVADOR.

Que intentas explicar ?...

A DOUDA.

Dir-t'ó-hei lá em baixo ,
No fundo mar que habitaremos juntos ,
A menos que da vida á cruz pesada
Abraçado outra vez....

O TROVADOR.

Não! quero a morte!...

A mais louca esperança concedida
Só falta a hora....

A DOUDA.

Unidos morreremos.

Oh! ao menos p'ra mim, doce consolo!
Será ditoso o trance derradeiro!

O TROVADOR.

Qu'intento é esse?...

A DOUDA.

Inspiração de fadas.

Por cem bocas fallou-me a *Nebulosa*,
Marcando o prazo de eternal victoria.
Escuta: quando a noite o manto opáco

Sobre a terra estendeu, vinha eu no bosque.
Sabes que falla o genio da floresta
Do vento no gemer?... das catadupas
No bramido, e no silvo das serpentes?..
Pois eu ouvi-lhes, traduzi-lh'as fallas,
É em côro me dizião: « *Morre! morre!* »
Entro na minha gruta, e resplendente
De stelactites na murallia escripta
Leio a sentença amiga: « *Morre! morre!* »
Saio, e os olhos erguendo ao Céu formoso
Lá vejo minha mãe n'um throno aereo
De brancas nuvens; sua voz escuto,
Ella me chama e brada: « *Morre! morre!* »
Corro ao mar, sobre o dorso trazem ondas
Uma facha de espuma côr de neve,
Onde com o dedo algido e invisivel
Traçára a *Nebulosa*: « *Morre! morre!* »
Trovador Trovador! não vês que eu rio?..
É do triumpho a hora que me sôa;
Do bosque o genio, a luz que accendem fadas,
Minha mãe lá do Céu, do mar na espuma
A primaz *Nebulosa*, alção meu hymno,
Meu canto de victoria: « *Morre! morre!* »

XLII

Rosas inflamma commoção sublime
Naquelle rosto de jasmims eternos ;
Fulgem-lhe os olhos, e o virgineo seio
A custo abafa pudibundo arcano ;
Nunca tão linda se mostrára a Douda.
O Trovador attonito se chega ;
Sorpresa e compaixão enchem-lhe alma ;
Entre as suas as mãos da Douda aperta ,
E logo exclama :

« A tua dextra é gelo !....

« Tu padeces !... »

XLIII

Sorriu-se a miseranda ;
Marmoreo dedo o coração aponta ,
E diz tremendo :
« Aqui se encerra o fogo ! »
Volta os olhos depois , indaga a lua :
Vai em breve sumir-se , e negras nuvens

Encrespão-se no Céu:

« Ouve, ella torna ;
« Da morte o prazo em breve tocar vamos ,
« E prestes vai rugir a tempestade ;
« Leio no Céu o annuncio da borrasca ;
« Dos trovões ao bramir, e á luz dos raios
« Iremos ter com a *Nebulosa*. É tempo ;
« Encha o encanto o que da vida resta ;
« Oh ! faze-me chorar ! eu amo as lagrimas,
« Peço-te um canto ; acorda o *amor que falla*.
« Oh !... faze-me chorar !....

XLIV

« Harpa !.. oh ! minh' harpa !... »
Exclama o Trovador , e arreda um passo
Mostrando os restos do instrumento amado.

XLV

Recúa a Douda espavorida, e treme,
Depois avança ; e curva e de joelhos
Contempla a harpa quebrada.

« Ah! que fizeste?... »

Diz ella emfim se desfazendo em pranto ;

« Que sacrilego impulso armou teu braço

« Para matar o anjo dos amores?... »

« Não te obrigaste n'um piedoso voto

« Á morte em doces cantos deleitar-me?... »

« Oh! que és muito cruel!... muito! nem pensas,

« Que extrema ha sido a crueldade tua!... »

« Pobre *amor que fallavas*, já não fallas!... »

« Matou-te aquelle por quem só vivias!... »

XLVI

Breves momentos reflectiu a Douda ;

Depois mais terna e mais sentida ainda ,

E ás vezes soluçando assim prosegue :

« Somos irmãos , *amor que já não fallas!*

« Igual destino nos fadára um genio .

« Que vida e morte deu-nos semelhante.

« Tiveste por encanto a voz de um anjo ,

« E eu devo encantos á primaz das fadas ;

« Tu já morreste , eu morrerei bem cedo ,

« E a mão que ousou matar-te vai matar-me ;

« N'um ponto só nos distinguira a sorte ;
« Tu foste amor de apreciados cantos ,
« E eu sou amor de lagrimas perdidas ;
« Ambas harpas de amor eu só mais triste.
« Oh ! minha irmãa !... não ficarás na terra !
« No fundo mar ha um palacio d'ouro
« Que habita a *Nebulosa* : ella te aceite....
« Tu lá me espera.... viveremos juntas ,
« E assentadas ao lar de immortaes fadas
« Do nosso féro algoz nos lembraremos.
« O' harpa ! ó anjo de celestes hymnos
« Que adormecem a dôr nos seios d'alma ;
« Interprete fiel de affectos puros ,
« Levem-te á *Nebulosa* ondas amigas
« E as mesmas voltem p'ra tambem levar-me. »

XLVII

Disse . e os fragmentos d'harpa reunindo
Em movimento rapido os arroja
Ao mar, que os leva amante á flôr das ondas,

XLVIII

A Douda ouvindo, o Trovador pasmára ;
Esclarece-lhe a mente luz brilhante ;
Lembra o passado, rompe-se um mysterio ,
E os proprios males esquecendo , inquire ,
Que dôr é essa, que um gemer tão doce
Quasi á força exhalou a seus ouvidos.

XLIX

O TROVADOR.

Que disseste infeliz?... ardente raio
Os meus olhos ferio... acaba, falla!
Devo eu tambem levar á eternidade
Além de atroz desgraça inda um remorso?...
Oh! que o peso é demais!...

A DOUDA,

Morrer juraste ;

A jura cumprirás !...

O TROVADOR.

Já tarda a morte,

A DOUDA.

Eu sou fada, e não temo ; tu.... quem sabe?...
Talvez inda a esperança....

O TROVADOR.

Ah ! não ; mais nada ;

Já disse extremo adeos ao mundo insano ;

De agonia cruel traguei acerba

A hora que precede ao passamento ;

Nada me resta agora, e se não fallas

Depressa e já, não te ouvirei por certo.

A DOUDA.

Morres?... eu tambem morro, oh! gloria eximia!
Fallar me é dado alfim! abra-se o dique,
Transborde o coração: ouve; os encantos
Podem prestar sublime influxo ás fadas.
Mudar-lh' as formas requintar-lh' os gozos,
Sábias fazê-las predizer futuros,
Ao seu imperio sujeitar os seres,
Os homens, as paixões; mas ah! não podem
Nem mesmo encantos supernaes, aquelles
Que a *Nebulosa* sublimada excita,
Do amor paixão divina, liberta-las
De Deos, que os mundos fez, e os mundos rege,
O amor é doce emanção excelsa
Que do universo á criação dá vida;
E ante amor, que é de Deos, dobrão-se as fadas;
Amão; e quando amor arde em seus peitos,
É fogo eterno, que as devora e mata.
Sina funesta! amor que tudo alenta,
Ás fadas sempre traz desgraça e morte!
Oh! Trovador! não me entendeste ainda?...

Sou fada, e vou morrer... porque?... não sabes?...

Cégo, nunca me viste! agora ao menos
Abre os olhos, contempla a moribunda!

Trovador! eu te amei nos bellos annos
Da infancia, e não sabia então que amava;
Foi, das flôres na idade amor tão puro,
Roseo botão no seio desbrochando.

Moça te amei, e em sonhos deleitosos
Additava á minh'alma tua imagem;
Escravo de outro amor tu me feriste
Com a indiferença enregelada e féra;

E eu te amei inda mais! segui teus passos
A toda parte; inebriei-me ouvindo
Teus doces cantos; fiz-me a confidente
Do terno affecto, que era o meu supplicio;

Com minhas mãos nos braços te lançára
Da Peregrina, se eu podesse tanto;
E mais não te pedira, que um sorriso
De gratidão, sequer p'ra mim tão triste!...

Amei, chorei, votei-me a um sacrificio;
E tu, oh! Trovador, não viste nada!!!
Ah! se te amei! e como te amo ainda!...

Trovador! Trovador!... amo-te sempre

Como a aura ama a flôr, aves a aurora,
 O heliotropio o sol, e ao Céu os anjos!
 Tua voz tem um écho no meo seio,
 Dos teus olhos no fogo os meus se abrasão:
 Amei-te, oh! muito! como ninguem ama!
 Dei-te a minha alma, dera-te o meu corpo,
 Assim me expondo a desencanto horrivel!
 A *Nebulosa* e minha mãe o sabem;
 Uma no fundo mar ouve-me as vozes,
 Outra de sobre as nuvens lá me escuta.
 Amei-te muito! amo-te ainda, oh! muito!

L

E a misera entre as mãos, que o pranto ensopa,
 Esconde o rosto que o pudor devora.

LI

De joelhos, chorando enternecido,
 O Trovador a soluçar murmura:
 « Santa consolação, não me aproveitas!...
 « Brando orvalho do Céu cahe n'um deserto

« Esteril , secco , que não mais vegeta ;
« Terno grito de amor tardo se escuta
« No meio do Oceano , e não tem écho.
« Mirrado coração ; quanto has perdido !
« E essa ingrata , que amei , quanto me rouba !... »

LII

Suspira , e breve instante se interrompe ;
Depois mais doce ainda falla á Douda :
« Celeste pomba dos amores puros !
« Vive , e desabre teus serenos vôos
« Na terra , em que te deixo ; esquece o cégo ,
« Que te não vio no mundo tão formosa !
« Vive , e me olvida ; e se um sinistro voto
« Póde vibrar a alma da innocencia ,
« Maldize o monstro , que fatal perdeu-me ;
« De fogo a serpe , que tornou em cinza
« O coração , que um throno te devia.
« Celeste pomba dos amores puros ,
« Vive e me esquece , que te não mereço !... »

LIII

Da Douda os olhos flammejárão raios ;
O Céu . a lua , o mar convulsa observa ;
Tremem seus labios n'um febril sorriso ,
Troar ouvindo subita borrasca ;
Nas faces rubras chammas lhe rebentão ,
Que a paixão lhe usurpou do sacro pejo ;
E com fervente voz exclama ousada :

LIV

« Não vais morrer?... pois morrerei contigo,
« Sê meu na morte! um encantado thalamo
« Nas ondas nos espera; vê! sou bella!
« Tenho o fogo do sol nos olhos negros!
« Vê! sou bella! meu rosto é côr da neve,
« Meus labios côr de rosa, e o seio é puro!
« Esperão-te mil beijos nestes labios,
« Amplexo deleitoso entre meus braços!
« Sou bella, e serei tua sobre as ondas!
« A corôa de noiva orna-me a fronte;

« E trago para as nupcias graciosa
« Véo de donzella , e vestes de noivado.
« Vem , sou bella ! sou virgem ! serei tua !
« Espera-nos o mar ! esposo ! corre !
« Vem ! a lua escondeu-se atrás do monte ,
« Ribomba a tempestade ; vem ! sou bella !
« Dar-te-hei encantos , divinaes deleites ,
« Inda mais puros que os botões das flóres !
« Vem ! sou bella ! sou virgem ! serei tua !
« Não receies a morte ; o gozo é certo ;
« A *Nebulosa* nos prepara um leito
« De rosas e jasmins entretecido
« No fundo mar, no seu palacio d'ouro ;
« Esposo , corre ! o thalamo nos chama !
« Ao triumpho ! ao amor ! á dita ! á gloria ! »

LV

Èra um anjo a fulgir a Douda em fogo.

LVI

O Trovador atira-se nos braços

Que lhe estendia a amante desvairada ;
Ambos se apertão , misturando aletos ,
Unem os labios , e trocando um beijo ,
Um desses beijos que uma vida pagão ,
Sem que morra o pudor , delicias libão ;
Mas um momento só ; que delirantes
Enlaçadas as mãos , ambos correndo
À extrema fatal sobem da rocha ,
E ás ondas furiosas vão lançar-se.

LVII

E o Céu rebrame , e ruge o mar terrível,
Fuzila o raio , que incendeia os ares ;
Trôa o trovão , desaba a tempestade ;
Abalada estremece a natureza ,
Envolve a *Rocha-Negra* horrenda nuvem ;
Tudo é trévas.... horror.... borrasca , e morte.

EPILOGO.

I

Côro jocundo de sonoras aves ,
Incensos dos thuribulos das flôres ,
Terra viçosa despertando em risos
A luz saúdão , que dá vida ao mundo.
Purpureião no Céu rosas da aurora ;
Mansa suspira a briza , e o mar sereno
As praias beija murmurante apenas ,
Cadenciando festivaes cantigas
Do pescador que ao perto sulca as ondas.

II

Succede á tempestade alma bonança ,
E o Céu que luz , e a terra que desperta
Entre perfumes humida de orvalho ,
E a praia alvejante e o mar sereno
Em doce paz o horror da noite esquecem.

III

Ninguém mais da borrasca se recorda ;
Mas , oh não ! que d'ali rompem correndo
Humanos vultos dous : — angustiados
Achão azas na dôr , e afflictos voão.
Duas mulheres são , e espavoridas
A *Rocha-Negra* em desespero buscão.

IV

Uma , que ávante marcha , esparsos leva
Cabellos côr da neve , e ensanguentados
Os pés descalços rotos os vestidos ;

Seus magros braços estendidos tremem,
Em fogo os olhos tem, e aberta a boca
Respira com estertor afadigada.

V

Essa não chora, mas ás vezes brame.

VI

Segue-lhe a outra, moça e tão formosa,
Que a despeito da mágoa e desalinho
Deslumbra o astro que no Céu explende.

VII

Essa não brame nunca, e sempre chora.

VIII

Da *Rocha-Negra* toca enfim a extrema
A velha exasperada; afunda os olhos

Do mar no seio immenso, e convulsiva
As mãos alçando ao Céu brada: « Meu filho! »

IX

Um grito lhe responde; volta e corre
Á Peregrina, que na praia ulula;
Mas não chega; de subito sustem-se;
Vê de longe em pedaços sobre a arêa
A terna harpa de amor, qu'inda quebrada
Aos pés da ingrata as ondas arrojirão.

X

Da velha o rosto decompõe-se horrivel;
Rubros olhos revolvem-se nas orbitas;
Erição-se os cabellos alvejantes;
Seu vulto se agiganta; um braço eleva,
E com sinistra voz, rouca, e medonha,
Exclama em furia: « Ingrata! sê maldita!... »

XI

Qual ferida de um raio, a Peregrina
Cae com os labios de encontro á *harpa quebrada*.

XII

E a velha , pobre mãe , da dôr no excesso ,
Sobre a rocha fatal tomba sem vida ,
E aberto um golpe na rugosa fronte ,
Banha o sangue materno o altar da morte.

FIM.

ERRATAS.

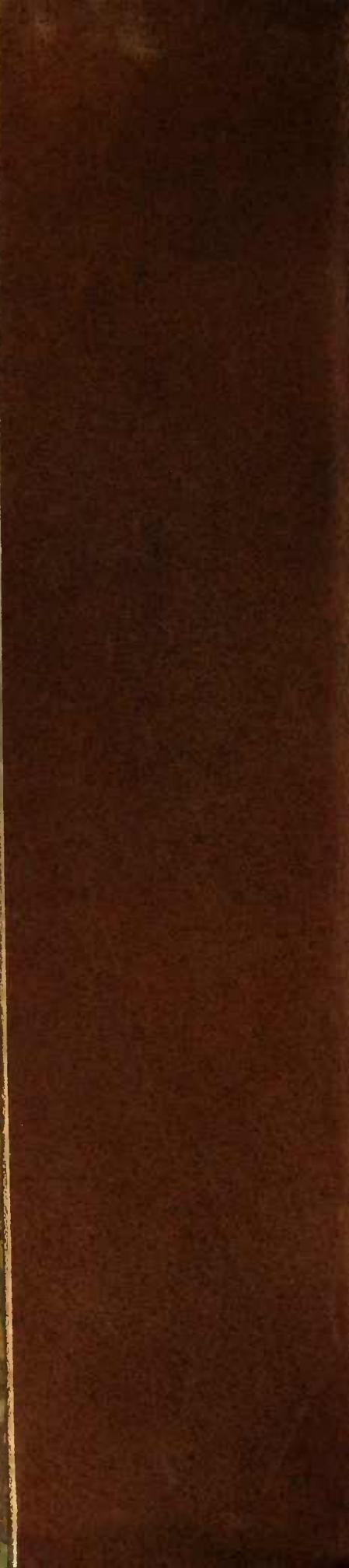
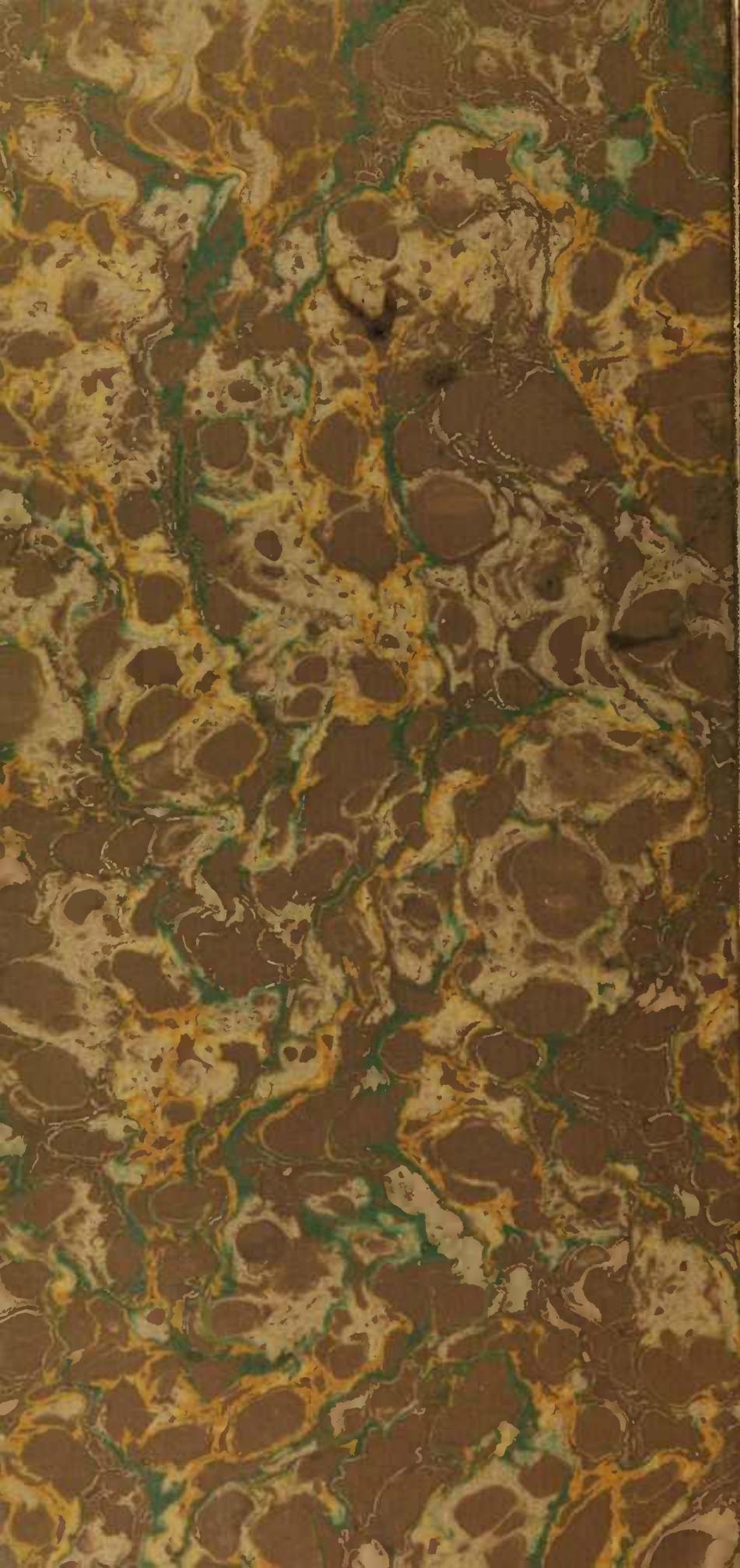
<i>Pagina.</i>	<i>Verso.</i>	<i>Erros.</i>	<i>Emendas.</i>
7	12	nas ondas ,	nas ondas ;
20	8	acalme o fogo.	acalma o fogo.
44	3	ouve mancebo	ouve , mancebo ,
51	9	desnublo ,	desnudo ,
51	21	acende ;	accende ;
90	1	centellas	scentellas
126	9	arrastão-a teus pés ,	arrastão-a a teus pés ,
184	5	morihundo ,	moribundo ,
186	17	a surpresa voz lhe toma	a surpresa a voz lhe toma
205	11	habito suave	halito suave

ERRATAS.

<i>Página.</i>	<i>Verso.</i>	<i>Erros.</i>	<i>Emendas.</i>
7	12	nas ondas,	nas ondas;
20	8	acalme o fogo.	acalma o fogo.
44	3	ouve mancebo	ouve, mancebo,
51	9	desnuhlo,	desnudo,
51	21	acende;	accende;
90	1	centelhas	scentelhas
126	9	arrastão-a teus pés,	arrastão-a a teus pés,
184	5	morihundo,	moribundo,
186	17	a surpresa voz lhe toma	a surpresa a voz lhe toma
205	11	habito suave	halito suave







BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).